REVISTA DA SEMAN[A]

N. 42 17-10-1953 Cr$ 5,00 em

RESOLVIDA A QUESTÃO DO DIVÓRCIO

•

SOB O SIGNO DO "GALO BRANCO"

•

O DRAMA DA PEQUENA ÓRFÃ

1º CENTENÁRIO DO PARANÁ

1853

1953



VISITEM

A

EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO CAFÉ

DE CURITIBA

DEZEMBRO DE 1953 A MARÇO DE 1954

EM SÃO PAULO



DE OLHOS FECHADOS reza Lucas Garcez. O governador de São Paulo tem a seu lado Canrobert, Fiuza de Castro e o marechal Dutra.

DUTRA, GARCEZ E CANROBERT ACERTARAM SEUS RELÓGIOS ★ NOVE GENERAIS PRESENTES ★ GARANTIDA A SUCESSÃO ★ FALAM DUTRA, GARCEZ E CANROBERT ★ O BRIGADEIRO AUSENTE ★ E TODOS FORAM REZAR...

Texto de HÉLIO ABREU

Fotos de A. VIEIRA

A inauguração da capela de São Benedito, na localidade de «Glebas do Galo Branco», serviu de pretexto para a mais sensacional reunião política dos últimos tempos. Com efeito, estiveram presentes ao encontro cêrca de trezentas pessoas, entre elas políticos e jornalistas, além do próprio governador de São Paulo e dos srs. marechal Eurico Gaspar Dutra, generais Canrobert Pereira da Costa, Fiuza de Castro, Chefe do Estado Maior do Exército, Altair Queiroz, Diretor do Arsenal de Guerra,

Sob o signo do "GALO BRANCO"

ENCONTRAM-SE OS GENERAIS

O galo cantou em surdina

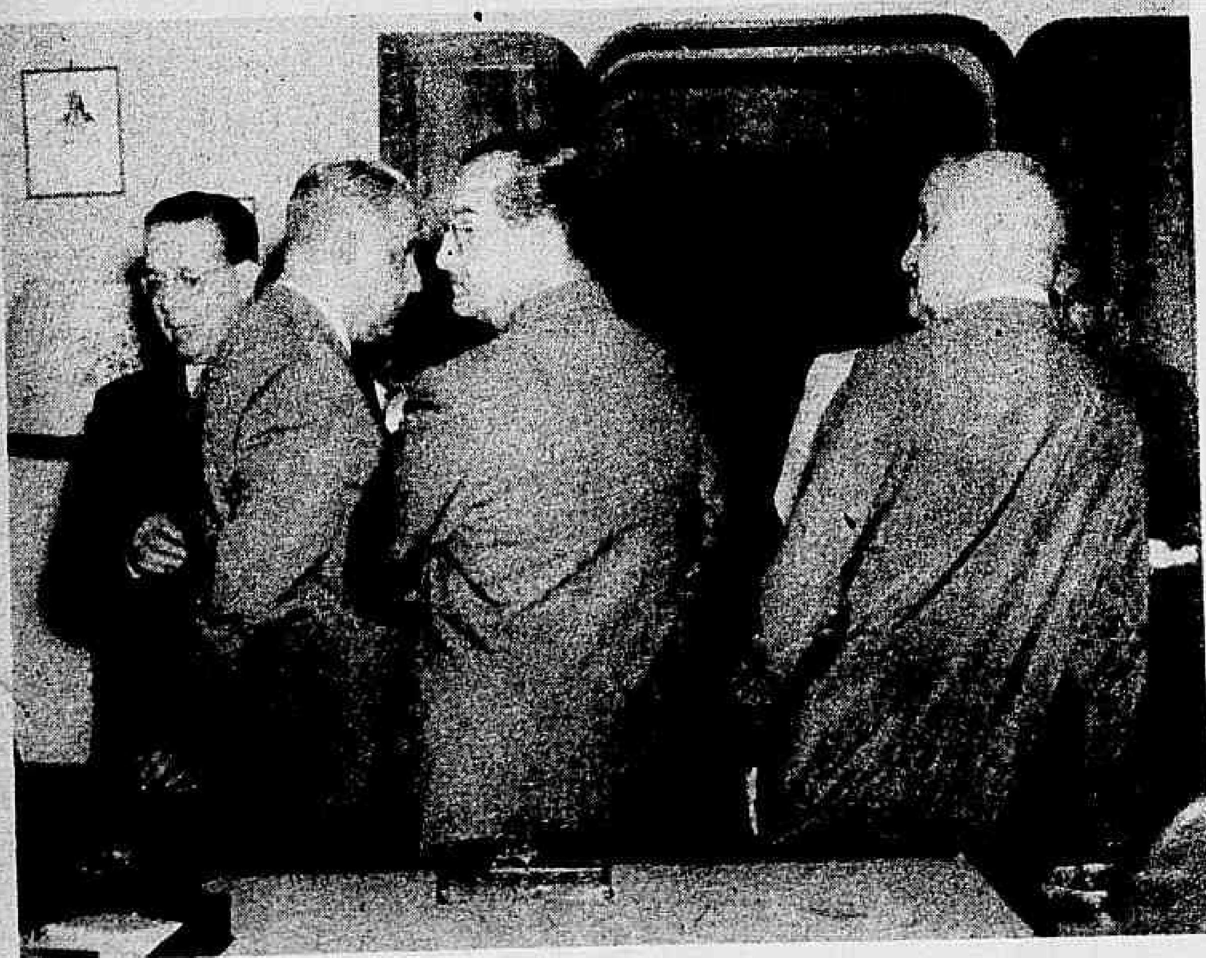


«DISSE SIM, PORÉM NÃO ACREDITO NÊLE» foi o que, antes de saborear o bôlo, ouvimos de Lucas Garcez. Estaria se referindo a quem?

Milton de Freitas Almeida, Carlos Alberto Coelho, Vieira de Melo, Boanerges de Souza, brigadeiro Arariboia, deputado Mário Altino, Novelli Júnior, Ferreira Kepper e Renato Costa Lima, respectivamente, Secretários do Trabalho e da Agricultura do Estado de S. Paulo.

As «Glebas do Galo Branco» pertencem ao sr. Machado Florence, o anfitrião e responsável pelo acontecimento. Seu nome tem estado em foco, nos últimos dias, ao lado de figuras das mais conhecidas no cenário político nacional. O sr. Machado Florence é mineiro, porém há muito radicado em São Paulo. Já foi jornalista no Rio e na capital paulista. Foi integralista ardoroso e chegou a ser designado pelo sr. Plínio Salgado chefe do Sigma em São Paulo. Já foi deputado classista e, em 1938, após a intentona verde, estêve prêso um ano inteiro. Machado Florence tem estampado nos olhos a sua paixão política, e gosta mesmo tanto dela que, em 1941, acabou sendo expulso da Associação Paulista de Imprensa, se bem que injustamente, diz êle. Hoje nada mais quer com a política... e é industrial em São Paulo, onde fabrica munições para o Exército, ocupação

SE O CAJUEIRO FALASSE... contaria o que ouviu dos generais Milton de Almeida, Fiuza de Castro e Arariboia, dep. Altino e M. Florence.



TRABALHADORES BUSCAM DUTRA. O marechal palestra com o chefe da delegação paulista, que ali fôra a fim de cumprimentar o ex-presidente.



COLHIDOS DE SURPRÊSA, num autêntico ataque nipônico o fotógrafo abre a janela e retrata Dutra, Novelli, Altair Ferreira pelas costas.





SOB O SIGNO DO «GALO BRANCO» conversam Canrobert e Machado Florence. Seria a inauguração da capelinha o assunto de que tratavam?

O galo cantou em surdina



EIS A CAPELA DO DESTINO. À frente tremulam os pavilhões do Brasil, de São Paulo e o do «Galo Branco». O Galo aqui tem bandeira...



A IMPRENSA SITIA O REDUTO DO «GALO BRANCO» na esperança de algo sensacional. Na foto, a residência onde se realizou o encontro.



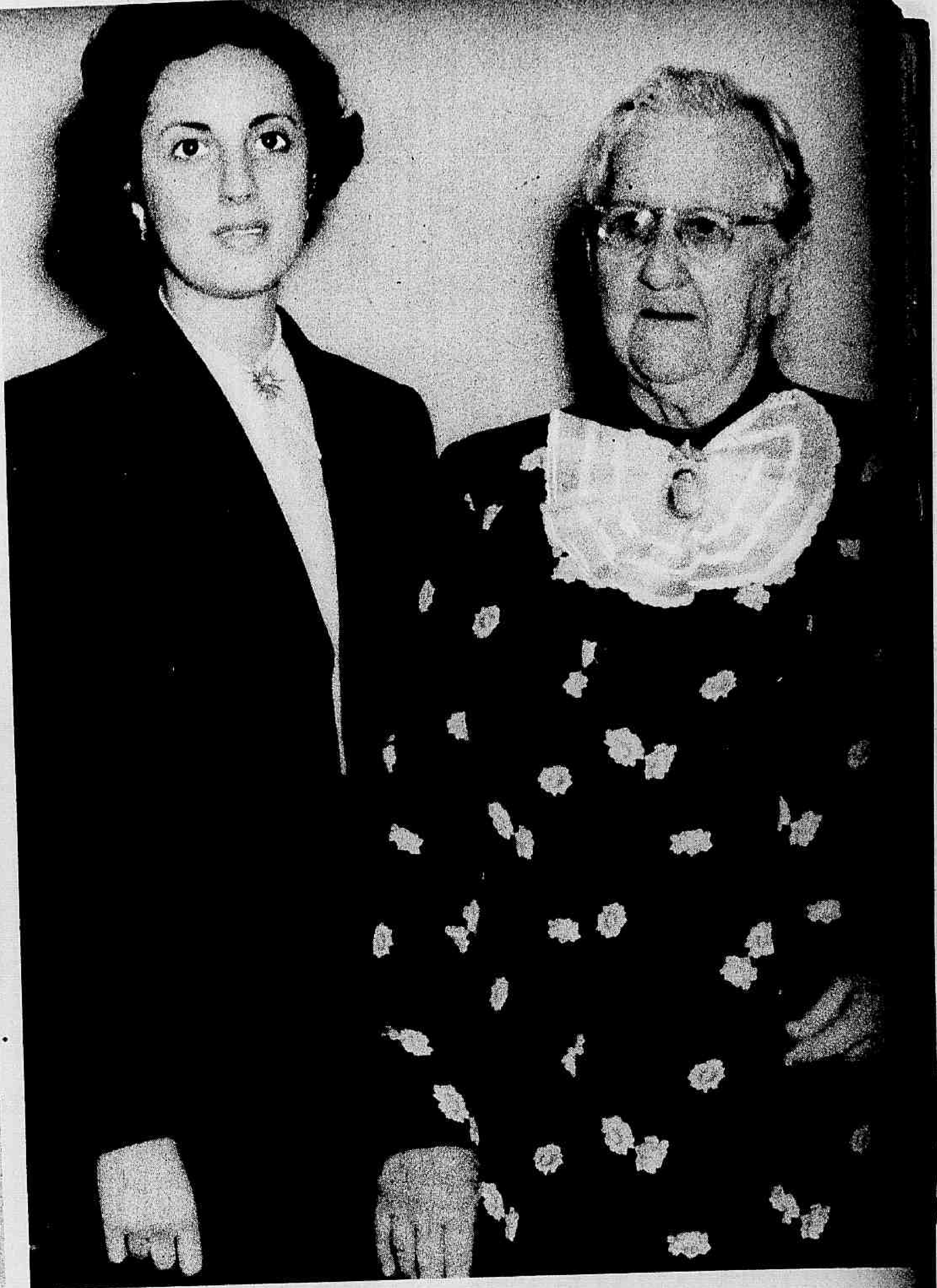
A VERDADE É QUE TODOS REZARAM. Ao fun- nedito, o santo mais discutido do momento...

aliás muito de acôrdo com o seu temperamento de homem dado à luta, inclusive bélicas, como demonstrou na revolução de 1932, quando comandou para os paulistas uma brigada militar, oportunidade em que as suas hostes foram «surradas» pelas tropas do então coronel Eurico Dutra.

O primeiro a chegar ao «Galo Branco» foi o marechal Dutra, em cuja companhia viajou o sr. Novelli Júnior, seu genro e ex-governador do Estado de São Paulo. Minutos após, dava entrada o carro do general Canrobert, que trazia no volante o próprio general. Depois, com uma diferença de apenas cinco minutos, surgia o automóvel oficial do governador Lucas Nogueira Garcez, que se fazia acompanhar pelos Secretários do Trabalho e Agricultura de seu govêrno. E, um a um os generais foram chegando. Para tristeza do anfitrião Machado Florence a chuva que o dr. Janot Pacheco havia há muito tempo «fabricado», caiu naquela manhã de São José dos Campos. À medida em que militares e políticos iam chegando, novas rodas se faziam na varanda, sala e até na cozinha da casa senhorial. Ali um grupo formado por Garcez, Dutra e Canrobert, discutindo... pasmem! São Benedito. Ao longe, sob a proteção de um velho cajueiro, num momento



do, no altar-mor da capelinha, aparece São Be-
Mas o anfitrião esqueceu o sr. Afonso Arinos.



RAINHAS DO «GALO BRANCO». Sras. Machado Florence e D. Maria Azevedo Florence, espôsa e mãe do anfitrião. A última, legítima representante de São Paulo das Fazendas e dos cafezais.

em que a chuva fugiu, mais outro grupo integrado pelos generais Fiuza de Castro, Milton de Freitas Almeida e Boanerges Souza. Todos falavam sôbre tudo mas, no momento em que o repórter se aproximava, como por encanto a palestra derivava, invariàvelmente, para a inauguração da capelinha de São Benedito, milagroso santo que naquele dia foi rezado como nenhum outro...

O governador Lucas Garcez foi a primeira pessoa abordada pelo repórter. Falando sôbre sua presença no «Galo Branco», disse: «Vim aqui no propósito de homenagear S. Benedito, assistindo a inauguração de sua capela. Entretanto, é com grande prazer que aqui também encontro o Presidente Dutra, ilustre brasileiro que com tanta dignidade soube exercer a Presidência da República.»

Insistimos sôbre o aspecto político da reunião, uma vez que vultos da maior responsabilidade ali se encontravam, e o governador de São Paulo assim explica: — «Seria muito natural se também discutíssemos algo sôbre a atualidade política, uma vez que é o que todo mundo faz nesse momento no Brasil, porém reafirmo que aqui estou no cumprimento de um dever cívico e religioso. Aliás, você já viu uma reunião política, de natureza secreta, com a presença de tantos jornalistas? — E sôbre Ademar, insistimos: «O sr. Ademar de Barros não faz parte do meu govêrno. Uma coisa posso declarar: Não sou candidato a nenhum cargo», concluiu. A palavra do marechal Dutra, sempre recebida com o respeito e o acatamento a que o ilustre militar faz jus, foi nos seguintes têrmos: «E' com imenso prazer que revejo as terras de São Paulo, pois a última vez que aqui estive foi em 1950. Acabo de receber um convite do dr. Garcez para visitar São Paulo, o que farei ainda no decorrer do ano em curso. Vim aqui apenas assistir a inauguração da capela de São Benedito, bem como rever amigos.» E nada mais disse. Quanto ao general Canrobert, dêle tivemos também declarações de grande alcance. Indagado sôbre a sucessão presidencial, o general declarou: «Aqui estamos para homenagear São Benedito, assistindo o ato inaugural de sua igreja. Entretanto, acho que a sucessão se processará normalmente, mesmo porque não acredito em golpes. O Brasil já possui uma mentalidade anti-golpista.» Respondendo a uma pergunta sôbre o próximo Presidente, na sua opinião, deveria ser um militar, respondeu: «E' indiferente que êle seja civil ou militar. O que é preciso é que seja um bom presidente, isto sim.» **(Cont. na pág. 50)**



CANROBERT ESCUTA ATENTAMENTE a exposição que lhe faz Ferreira Kepper, Secretário do Trabalho de São Paulo. Estiveram sempre juntos.

CORREIO DA REVISTA

★ HERNANI FERREIRA — S. Paulo — Remetemos o assunto à pessoa encarregada. Se interessar, você terá uma comunicação. De qualquer forma, agradecemos.

★ ODENAC — Rio — O assunto é interessante e a idéia ótima, mas não foi bem conduzido, literàriamente falando, uma vez que o amigo não tirou o partido que o caso oferece.

★ MARIA TEREZA MELO SOARES — Niterói — Seu trabalho foi entregue a quem julga a matéria. Se não obtiver nota boa, não será publicado; mas não desanime. Tente outra vez.

★ P. da S. F. — Rio — Não é possível o que nos pede, amigo. Procure outro gênero de literatura e mande. Quem sabe!

★ T. dos A. T. — S. Paulo — Não publicamos poesias. Os dois sonetos que teve a gentileza de mandar-nos, não estão maus quanto à idéia; mas, em relação à métrica, têm defeitos em cada verso. Não pense que o sonêto pode ser escrito como se produzem versos livres e brancos (sem rima). A técnica do sonêto é de sabor clássico. Tudo o que a senhorita encontrar fora disso é contravenção da Arte Poética. Leia os sonetos de Bilac, de Raimundo Correia, do Pe. Manoel Tomás, e veja como se faz poesia nesse gênero.

★ ARGEMIRO — São Paulo — Seu conto, «Dias de Amor» está com cheiro de colégio. Que idade tem você, menino?

★ V. G. — Rio — Muito gratos pelos seus elogios. Aqui estamos ao seu dispor. Mas não foi possível aprovar seu trabalho. Notamos erros graves de linguagem. Veja se melhora seu português e volte. Temos muito prazer de ajudar os novos. Mas é preciso que êsses também nos ajudem, não acha?

★ MIRIAM MARIA — Consultamos os nossos alfarrábios e verificamos que **Miriam** já quer dizer Maria, em hebraico. Assim, menina, Miriam Maria quer dizer: Maria Maria. E' muita Maria para uma só pessoa, não acha? Mas deixe assim mesmo. E' até muito bonito. Felicidades.



PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.
NUNCA EXISTIU IGUAL

a REVISTA há 50 anos

Domingo, 18 de Outubro de 1903

GREMIO DAS OPALINAS

NA escala dos adjectivos teriamos de procurar com cuidado tudo quanto traduzisse o primoroso e o affavel, para dar uma idéa da deliciosa noite de sabbado ultimo nesta «chic» aggremiação, cujas horas se passaram com a rapidez das roseas illusões de uma mocidade desfeita.

Como o tempo corre! Como são fugitivos os momentos em que nos deixamos enlevar nas doçuras da fantasia!

O Gremio das Opalinas tem o especial condão de nos transportar a regiões ignotas de um idealismo dourado, quando lhe sentimos a vida intensa nas vagas de harmonias espalhadas pela vastidão das salas, em que redemoinham gentis mocinhas, ao rythmo suave das valsas.

Como são agradaveis as festas das Opalinas!

MUSICOTHERAPIA

● A therapeutica moderna parece transformar-se em multas especies de theorias novas. Assim que alguem descobre uma nova acção physica, pretende servir-se de novo agente para buscar um novo methodo especial de therapeutica. Evidentemente ha exageros. Temos a phototherapia ou meio de curar pela luz e pelas côres, que deu bons resultados na luta contra a tuberculose. Acontecerá o mesmo naturalmente com a musicotherapia, que está ainda no estado hypothetico. Ainda não entrou no dominio da medicina. Conserva-se por ora nas revistas.

A theoria fundamental da musicotherapia está conhecida de ha muito: é a suggestão musical. A suggestão musical não se pode negar; ha muitos exemplos, provas historicas: desde Orpheo que deliciava os animaes com os seus cantos até o tamborsito d'Arcole que arrastava um exercito inteiro, e mais recentemente a princeza de Chimay soffrendo o ascendente do violinista Rigo. É um effeito nervoso das vibrações auditivas. A suggestão musical foi analysada; ha duas especies: tonal e rythmica. A suggestão tonal que póde ser melodica ou harmonica, opéra individualmente — dirige-se ao **sentimento**; a suggestão rythmica actua sobre as multidões e provoca o movimento. São effeitos da sciencia musical e não da arte. Utilisando estas suggestões, pensam os medicos constituir um novo methodo de therapeutica. Alguns julgam poder affirmar que obterão um grande exito na cura da nevrosthenia inveterada. Em pouco tempo os nossos medicos receitar-nos-ão uma hora de marcha funebre de Chopin, todas as manhãs, para afastar as ideas tristes. Em todo o caso é um medicamento agradavel.

OS THEATROS

★ O theatro Apollo com o **Gato Preto**, consegue quasi sempre esplendidas casas, sendo que para Palmyra Bastos e seus companheiros, o successo e os applausos são constantes e ininterruptos. O S. José, com as **Agulhas e Alfinetes** e o **Homem das Mangas** vae deliciando os seus **habitués** que, fieis, nunca abandonaram o alegre theatro portuguez.

Teremos tambem no proximo dia 21, quarta-feira, o beneficio do fiscal do theatro S. José, o sr. Ricardo V. Ramos, com a hilariante peça o **Homem das Mangas**. A festa artistica do sr. Ramos deve ser um dos bons successos do S. José, não somente pelo attractivo natural como ainda pela sympathia de que goza o beneficiado, que dedica o seu festival ás sociedades nauticas e cyclistas do Rio de Janeiro.

A REVISTA DA SEMANA, recebeu amavel convite, e lá estará para apreciar a ovação que certamente lhe farão os seus admiradores.

MARCIOLUS

AMOR MATERNO

● *Uma extremosa mãi, tendo visto morrer seu filho unico, entregava-se ás mais crueis e pungentes dôres e lamentações. Um ministro da religião, que lhe assistia, procura consolal-a.*

— Lembrai-vos, lhe disse elle, do caso de Abrahão, que tendo-lhe Deus ordenado que enterrasse com sua propria mão o punhal no coração de seu filho, elle obedeceu resignado e sem murmurar.

— Ah! meu padre, exclamou a afflicta senhora com a maior energia; Deus nunca teria ordenado semelhante sacrificio a uma mãi.

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 42 ★ 17-10-53

SUMÁRIO

Encontram-se os Generais 3/ 7
Resolvida a questão do divórcio .. 11/13
Os astros e Ademar de Barros 16/17
Fenômeno único no mundo 27/31
Os segredos de Clark Gable 32/33
Silvana Pampanini adere ao mambo 44/45
O Centenário de uma corrida a vapor 46/47
O'Brien, o judeu errante 51/53
Como capturei Mauro Guerra 54/55
Foi sonho, Gracinha 55/57

O meio século do Acre 9
Galinha cega 19
Nove garôtas para um rapaz 22/23
Semana Literária 24
A Marechala Junot 34/35

A Revista há 50 anos 8
A Semana em Revista 10
De Teatro 14
De Cinema 15
De Rádio 18
Janela sôbre o mundo 20
Lidergrama 48
Arabelle 49
Último Flash 58

Sabe usar seus vestidos? 40
Um banho perfumado 41
Week-end na cozinha 42

CAPA: **JOANNE DRU**
(Universal International)

Diretor: GRATULIANO BRITO - Paginação: VICTOR TAPAJÓS - Desenhos: ALBERTO LIMA - Publicidade: J. M. COSTA JÚNIOR.

●

A décana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933. — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA — Rua Visc. de Maranguape, 15 - Rio de Janeiro.

REPRESENTANTES

Nos Estados Unidos da América do Norte: Dulce Damasceno de Brito, 1818 N. Whitley Ave., apto. 202, Hollywood 28, California. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, C. Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 60 páginas.

TELEFONES

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS.

Porte simples — Um ano ...	Cr$ 250,00
Seis meses	Cr$ 125,00
Registrada — Um ano	Cr$ 280,00
Seis meses	Cr$ 140,40

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

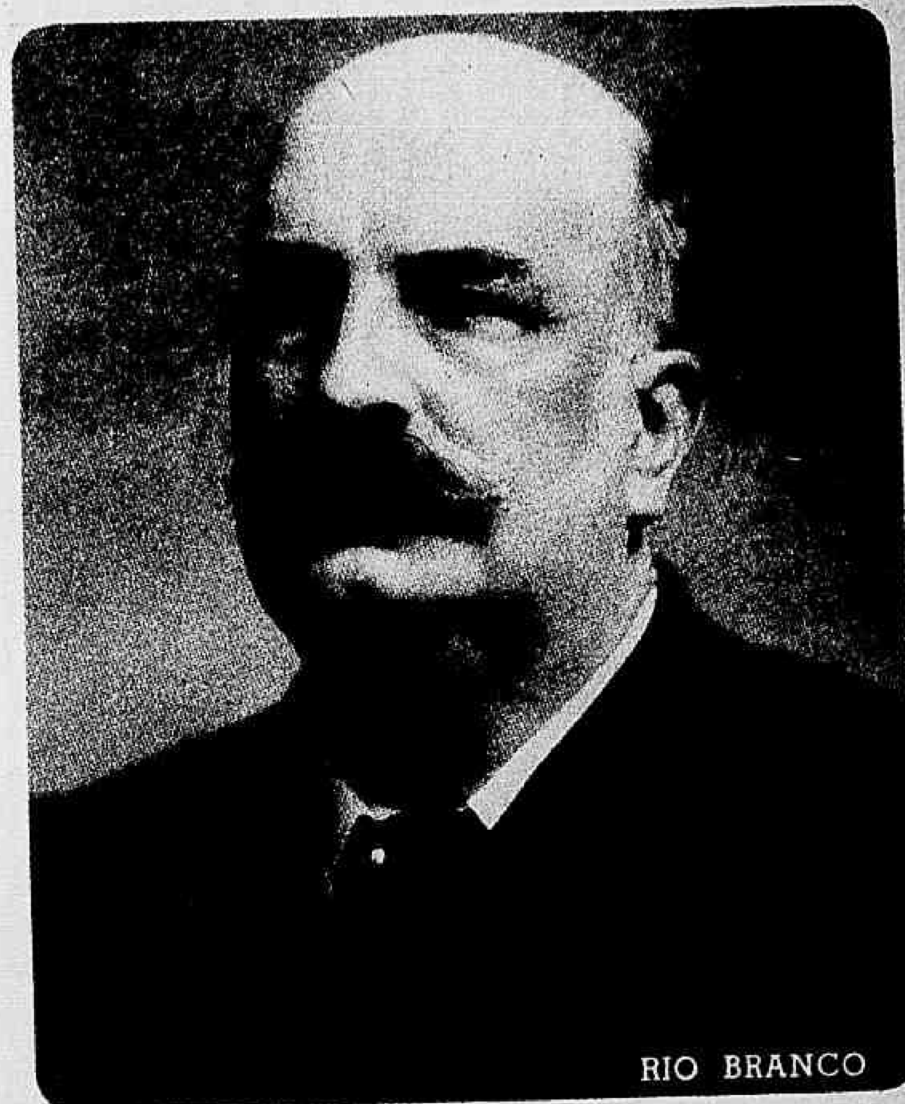
Registrada — Um ano	Cr$ 400,00
Seis meses	Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00

EM SAO PAULO

Distribuição e venda: A. Zambardino, Rua Capitão Salomão, 69 — Tel.: 34-1569.

O meio-século do Acre


RIO BRANCO

PEDRO CALMON
(Da Academia Brasileira)

A propósito do jubileu do tratado de Petrópolis... Há cinqüenta anos — em 17 de novembro de 1903 — o mais equilibrado dos acordos internacionais dava o Acre ao Brasil. Foi uma vitória de Rio Branco. Não há dúvida. Mas teve a lógica do fato consumado. E o herói dessa obscura conquista foi o cearense. O direito que sagrou a legitimidade da causa não deferiu ali do direito comum da América aos territórios em que pollticamente se divide, às fronteiras em que as soberanias nacionais convizinham, às suas caprichosas linhas de contacto. Chamou-se ocupação. Isto que em língua de chancelaria se apelida de «uti possidetis». A rasa e clara prioridade da posse no descobrimento, no povoamento, na luta brutal do homem com a terra, no domínio incontestável do homem sôbre a terra. A verdade das coisas é esta. No monumento em que se celebrar a anexação do Acre, coroado, certamente, pela fronte serena do Barão, que, com insuperável habilidade, dirigiu a batalha diplomática, o pedestal deverá ser a apoteose do seringueiro na sua fôrça impávida e sofredora. A sêca de 77 obrigou-o a emigrar. Chegou, faminto, ao Amazonas. Deus fêz assim o país. De um lado, nem gôta dágua; do outro, água só. Entrou o rio-mar; subiu-lhe os mais remotos afluentes; e quando lhe foram dizer, no barracão da floresta, onde, impaludado e feroz, nutria o orgulho selvagem do seu êxito, que aquilo não era dêle; porque estava em terra estrangeira, negou, com uma firme e grave descrença. Aquilo não podia deixar de ser dêle. Chegara primeiro. Não havia ninguém. Abrira o caminho, achara as árvores da borracha, talhara-as de alto abaixo, entesoirara no jirau da cabana o «caucho» negro, em pesadas bolas... E isto era dêle.

● **Para defender o fruto do seu trabalho, como o tigre que defende, na selva inviolável, o seu refúgio, lhe sobrava a rudeza dos instintos, com a energia primitiva e possante. Levava também um «rifle». Ali estava, moldado na ossatura sólida do nordestino, o eterno modêlo do «bandeirante». Os outros foram como êle. Saíram de igual mistura de raças na predestinação evidente das mesmas ousadias: era apenas um retardado personagem de epopéia, a quem faltava romance, pois viera (dir-se-ia) fora de tempo, depois, e não antes da História. A sua inconsciência do «histórico», no sentido bárbaro da invasão sem testemunhas numa silenciosa planície sem dono, tem um traço comovente de renúncia, que não estava longe do sacrifício total. Quem lhe escreveria a crônica, quando, de futuro, fôsse possível reviver na justiça das letras a aventura sem documentos, escondida como a própria vida, na sombra perene da terra sem memória? «À margem da história». Na paisagem desumana. Para lá da Pátria: num mundo de recente criação que podia ser um «inferno verde», mas com o ouro sobreposto de tôdas as ilusões... O cearense antecipou-se. Os acontecimentos foram-lhe propícios. Nenhum poder razoável o desentranharia daquele chão de monstruosas raízes onde ficou resolutamente, com o seu «rifle», a sua malária, a sua tremenda vontade de ficar, o desafio mudo a todos os imprevistos, soprassem da mata com as tempestades em dilúvio, ou descessem das altitudes como violências desencadeadas. E o resultado — foi o Acre.**

● Rio Branco teve o merecimento formidável de interpretar o drama como os brasileiros o sentiram, no quadro das suas conveniências, solução necessária, custasse o que custasse: e esta solidariedade com os pioneiros o imortalizou. Ao empossar-se na pasta das relações exteriores em 3 de dezembro de 1902 — chamado de Berlim pelo presidente Rodrigues Alves — encontrou, estridente, o dilema. Protegeria a insurreição acreana, impedindo que descambasse para o martírio, cujas conseqüências eram fáceis de prever, na resposta da emoção popular; ou a ela se oporia, e o govêrno, abalado pelo ressentimento público, não sobreviveria à imprudência. Tudo o aconselhava a quebrar uma neutralidade impossível. Os fatos, no seu enrêdo miúdo, lhe impuseram a única política sensata, que seguiu com sábias cautelas. A transferência ao sindicato anglo-americano dos direitos da Bolívia, para que a «chartered company» os exercesse, com a provável ajuda material dêsse dinheiro colonizador, naqueles confins amazônicos, o levou a não perder tempo. Agiu com a dupla preocupação de obstar a guerra, que seria calamitosa, frustrando os planos do sindicato internacional, que maiores perigos oferecia. Quem quiser estudar severamente o episódio, menos na superfície do que na intimidade dos problemas, se deparará com a questão predominante do capital empreendedor em choque com os fracos Estados nos países desamparados. As companhias privilegiadas estavam na moda em África e Ásia. O «Anglo-Bolivian Syndicate» fizera-se à sua imagem. Nem lhe faltou — batendo em brecha a doutrina de Monroe — o apoio da finança de New York. Contava, além disto, com o beneplácito de um dos litigantes. Bastava-lhe imobilizar o outro, intimidando-o com a perspectiva incalculável de seus recursos, e até dos seus favores. Valeu-nos na conjuntura o próprio capital inteligente. Tínhamos amigos e crédito. Tínhamos em Londres um intermediário insinuante: os Rothschilds. E em Washington um lastro de tradição: o State Department. Assunto de interêsse, na área do interêsse se decidiria. E um belo dia, quando se julgava que o poderoso Sindicato viria com armas e bagagens instalar-se no Juruá, no Acre, estourava como um foguete colorido a notícia festiva — de que se dissolvera, règiamente indenizado. Arredou-se, consolado, da cena: e Rio Branco, engrandecido pelo triunfo bem pago, negociou sem mais obstáculos o tratado de Petrópolis. Ganhou sagazmente a partida. Mas o seu aliado anônimo, o fator irresistível do sucesso, o acreano por excelência — fôra o seringueiro.

A PERSONAGEM DA SEMANA



ESTE jovem, em cujos lábios mal aflora o buço indicador da transição da juventude para a puberdade, é o famoso «Lampião da Mangueira», perigoso facínora, Mauro Guerra. E' êle uma síntese do abandono da infância na própria Capital da República, onde há milhares e milhares de menores sem escolas, sem orientação social, vivendo muitas vêzes sem teto certo, soltos pelos jardins, pelos morros, pelos terrenos baldios, numa visão de abandono que muito depõe contra nossos foros de civilização. Mauro Guerra é um produto da falta de amparo à infância e à juventude. Elemento mau na sociedade, o «Lampião da Mangueira» encontrou ali o meio favorável à sua falta de educação para o trabalho, lançando-se a aventuras na seara dos crimes. Internado no já famoso SAM (Serviço de Assistência a Menores), instituição que deveria ser um reformatório para os viciados e menores delinqüentes, e uma escola para os abandonados. Mauro Guerra de lá saiu para exercer atividades que mais pareciam ter sido subministradas nos antros do crime e da impunidade. Depois de uma série de atos condenados pelas leis penais, foi prêso e, assim manietado, entregue à Justiça. Lamentamos ter que considerá-lo a «Personagem da Semana»; mas o fazemos como um brado de alerta às nossas autoridades, às quais está entregue o futuro do nosso país.



CRISTÓVÃO COLOMBO DESCOBRE O BRASIL

O Duque de Veragua, sr. Cristóvão Colombo, descendente do descobridor do Novo Mundo em 1492, está no Rio, aonde veio pela primeira vez. Seus 28 anos lhe dão ares de vigorosa mocidade, em nada se parecendo com o seu fabuloso antepassado, apesar de ser homônimo. E é isso, justamente, o que lhe causa, por vêzes, situações de perplexidade. Quando diz, pelo telefone, «Aqui fala Cristóvão Colombo», quem o ouve não pode conter o assombro! O Duque de Veragua, naturalmente, não poderá **ver água** em abundância no Rio, atualmente; mas vale a pena conhecer esta bela terra, que para êle constituiu um verdadeiro encanto.

A SEMANA em REVISTA

VITIMA DOS TORPEDOS

Nair Café, a 3 de março de 1943, boiava entre destroços do navio brasileiro «Afonso Pena», nos mares da Bahia, vítima dos submarinos nazistas. Recolhida a bordo de um navio americano, teve a perna direita amputada três vêzes, ficando paralítica da esquerda. Vinha para o Rio a fim de completar seus estudos de medicina. Estava com vinte anos, cheia de vida e esperanças. De então para cá vive prostrada sôbre o leito; mas, indo agora internar-se na Clínica de Mayo, em Rochester, Estados Unidos, espera que, pelo menos, possa utilizar-se de uma cadeira de rodas Aqui a vemos com a aero-moça que a acompanhará.





Morando num subúrbio de Florianópolis, onde não existe água canalisada, o «crack» de «foot bal» Geraldo Fernandes ajuda a espôsa a recolher o precioso líquido de um poço artesiano. Está sempre solicito a atender todos os afazeres domésticos.

EM SANTA CATARINA:

Resolvida a questão do DIVÓRCIO

COMO SE PROCESSAM OS CONTRATOS DE CASAMENTO ★ A VALIDADE ★ OPINIÕES DIVERSAS ★ A IGREJA ★ A JUSTIÇA ★ A FIDELIDADE

Reportagem de AMÉRICO MATTOS

Fotos de ALBERTO FERREIRA LIMA

RESOLVIDA A QUESTÃO DO DIVÓRCIO

TEM tôda razão a pessoa que nos informou: casar em Santa Catarina é a coisa mais fácil do mundo. Realmente, ali só não contrai matrimônio quem não quer. Não há obstáculo de qualquer natureza. Se os interessados são solteiros, muito bem! Se forem desquitados, é a mesma coisa. Não será por isso que deixarão de se casar.

Em Santa Catarina o problema do divórcio se resolve dentro do Código Civil. Uma coisa é o nosso Direito de Família em que os casados estão amarrados para a vida inteira, sujeitos a tôdas as obrigações impostas pela Justiça; outra é a união feita num contrato de dois ou três anos ou mesmo para se prolongar pela vida inteira. Enquanto os contratantes estiverem dispostos a suportar um ao outro, tudo vai bem.

Tal como na união, a separação também não exige muitas formalidades nem grandes motivos. Não há essas complicações de desquites. É tudo muito prático. O vínculo é sobretudo moral. Às vêzes, a parte responsável pelo rompimento fica obrigada a indenizar a parte prejudicada, em bens ou quantias irrisórias, de cinco até vinte mil cruzeiros.

Os desquitados que desejam contrair novo matrimônio, não precisam ir ao Uruguai. Em Santa Catarina o processo é mais fácil e menos dispendioso. Acompanhados de duas testemunhas, os interessados se dirigem não ao cartório do Registro Civil, como se faz nos demais Estados, mas ao tabelião público e, num abrir e fechar de olhos, o casamento está feito e reconhecido pela sociedade. E é tão bom, tão valioso, tão natural, que não foram poucos os catarinenses a estranhar que nos déssemos ao trabalho de sairmos do Rio especialmente para fazer esta reportagem. Argumentam: «Os senhores não viram que os papéis foram todos passados em cartório e que se não fôsse permitido em lei, nenhum tabelião assumiria semelhante responsabilidade?...»

— ?...

Não está conosco a resposta. Que se pronunciem os juristas.



SR. NICO LUZ — «Não faço mistérios do meu casamento. Sei que não tem valor jurídico nenhum, mas não encontrei outra solução.»

Certo ou errado, o fato é que são inúmeros os casados por meio dêsse original contrato que tem levado até rapazes e moças «solteirinhos da silva» a realizarem casamentos de experiência em compromissos de dois ou três anos para depois se unirem definitivamente, de acôrdo com as leis do país.

Apesar do casamento, em tôda parte, não passar de um contrato, em Santa Catarina, quando se fala que alguém se casou por «contrato», todo mundo sabe de que se trata e os maliciosos vão logo perguntando: por quantos anos?

O tabelião com que falamos, sr. Plácido Sérgio Alves, que também é escrivão do Registro Civil e tem cartório no Saco dos Limões, 3º subdistrito de Florianópolis, afirma que os «contratos» são perfeitamente legais, embora se tenha recusado a nos fornecer uma cópia dos mesmos.

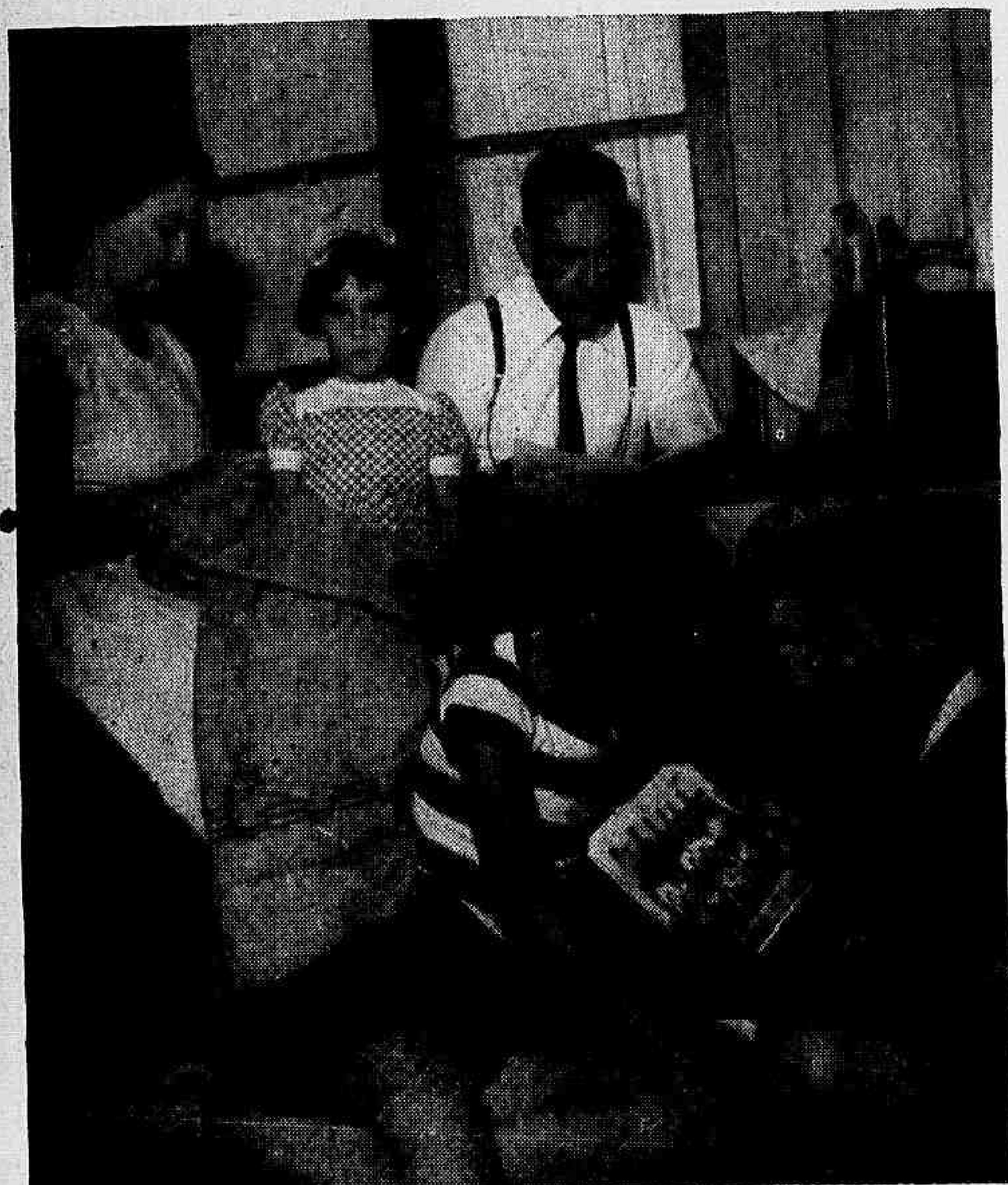
Tomado de surprêsa e meio desconfiado, exigindo as nossas credenciais, exibiu o livro competente dizendo que nos onze anos que exerce a função de tabelião, só fêz dois «casamentos» dessa natureza.

Fazendo restrições e não contando com a nossa memória, leu os assentamentos feitos no dia 20 de junho dêste ano, às fôlhas 138, 138 v. e 139 do «Livro de Notas nº 40», permitindo viverem juntos, por prazo indeterminado, um comerciante e uma professôra desquitada.

O juiz de paz Hipólito do Vale Pereira, com 15 anos de ofício, não é da mesma opinião do tabelião Plácido Alves. Acha que é uma afronta aos princípios constitucionais; que é uma prática atentória à moral, razão porque merece a sua repulsa. Diz que é uma farsa para dar satisfação à sociedade, pois que, em verdade, o contrato, em si, é uma locação de serviços que o homem toma à mulher, obrigando-se a fornecer-lhe o sustento através de uma mesada, sujeitando-a ao cumprimento de cláusulas humilhantes sem a mínima garantia.

Sem fazer qualquer comentário quanto à validade do «casamento por contrato», o escrivão Fernando Campos Farias declarou:

Com dois garotos do primeiro casal e uma menina do segundo, o sr. Oswaldo Carioni vive feliz com sua atual espôsa, d. Leoni Freitas.



Com a espôsa e o filhinho, o motorista Otávio de Oliveira está feliz com o novo matrimônio. Desquitado, casou-se duas vêzes por contrato.





Geraldo Fernandes, o «crack» do Bocaiúva catarinense, é natural do Rio Grande do Sul. Como todo gaúcho, o seu «fraco» é o chimarrão. A espôsa, d. Nilda Fernandes, acaricia o caçula enquanto aguarda a vez da «cuia» chegar-lhe às mãos. Está perfeitamente identificada com os gostos do marido

— «Há oito meses sou oficial do Registro Civil. Não me consta que em meu cartório haja sido realizado qualquer enlace dessa espécie. O que sei e não posso negar, é que tem largo uso em Santa Catarina mas não passaram ainda por minhas mãos.»

Monsenhor Frederico, a segunda pessoa em importância da religião católica, no Estado, teve o seguinte pronunciamento:

— «Não ignoro a realização dêsses contratos. Sei que êles são feitos em quantidade, mas para a Igreja nenhum valor têm. Entretanto, temos guardado reserva sôbre o assunto.»

Embora variem as opiniões, cada corrente manifestando seus pensamentos conforme seus interêsses e responsabilidades, os originais casamentos catarinenses são feitos à luz do dia, sem qualquer restrição, e crescem em importância porque dêles se aproveitam os mais destacados elementos da alta sociedade. Encontramos o exemplo do sr. Nico Luz, fiscal do impôsto de consumo, filho do ex-governador Hercílio Luz, cuja memória todos os catarinenses guardam com grande veneração.

O sr. Nico Luz não faz mistérios para dizer que não foi feliz no primeiro matrimônio, tendo ficado livre da espôsa por ação de desquite, para, em seguida, casar-se com d. Ruth Luz, também pertencente a tradicional família no Estado, tendo da união do casal nascido quatro filhos.

Sem rodeios diz que o seu contrato não tem valor jurídico, mas que não encontrou outra solução diante das atuais leis do país. Afirma que se vier o divórcio, pelo que dará graças a Deus, será um dos primeiros a aproveitar dos seus benefícios.

Não é preciso ser filho de alta personalidade para colhêr os benefícios do «casamento de contrato». A «lei» é para todos. Dêsse modo, procuramos entrevistar vários casais nas diferentes classes sociais.

O sr. Otávio Pinho de Oliveira, motorista de praça, residente naquela

DE TEATRO

J. TEIXEIRA

A VOLTA DE ZAÍRA CAVALCÂNTI

Zaíra Cavalcânti, depois de um afastamento prolongado dos nossos teatros de revista, provocado por um desastre de automóvel que quase lhe custou a vida, voltou a trabalhar na ribalta na revista "Tudo de Fora", que se encontra em cartaz no Teatro Carlos Gomes. A intérprete criadora da marchinha "Dá Nela", grande sucesso da revista de Luís Peixoto, "Tripas à Moda do Pôrto", no Recreio e "A Patativa", obterá sem dúvida, outro êxito nessa sua "rentrée".

ENCONTRA-SE em cartaz no Teatrinho Jardel, a revista «Vai Levando o Vatapá», de Geysa Bôscoli, tendo como primeiro cômico Evilázio Marçal, que também foi o diretor artístico. «Vai Levando o Vatapá» substitui a revista «Os 7 Pecados da Mulher», que foi um dos maiores fracassos financeiros daquele teatro.

★

OS «ARTISTAS UNDOS» acabam de lançar uma nova revelação — Aurimar Rocha, que está trabalhando na peça «A Cegonha se Diverte», em cartaz no Teatro República.

★

A ATRIZ LUÍSA BARRETO LEITE encerrou a sua temporada no Teatro de Bôlso, onde apresentou a peça de Pirandello «O Homem, a Bêsta e a Virtude».

★

O ELENCO COMPLETO da Companhia de Oscarito, que está atuando no Teatro Glória, na peça «Cupim», de José Wanderley e Mário Lago, é o seguinte: Oscarito, Miryam, Margot Louro, Renato Restier, Sérgio de Oliveira e Adriano Reys.

★

ACABA DE ESTREAR no Teatro Dulcina a Companhia Rodolfo Mayer com a peça «Obrigada, Pelo Amor de Vocês», que pretende apresentar sòmente uma peça por ano, conforme fêz com «As Mãos de Eurídice».



● Contrairá núpcias no dia 16 de novembro, a conhecida atriz Virgínia Lane com o engenheiro Sérgio Kroeff, graduado nos Estados Unidos, onde também tirou um curso na Faculdade de Filosofia. Sérgio é filho do famoso cancerologista Mário Kroeff. Virgínia declarou que não abandonará o teatro depois do casamento.

● Pina Brunette é a revelação do concurso patrocinado pela Companhia Mara Rúbia-Renata Fronzi, tendo estreado no Teatrinho Jardel na revista «Loura ou Morena», aparecendo em seguida em «Vai da Valsa». Depois foi para São Paulo, trabalhando ainda com Renata Fronzi em «Adorei Milhões». De volta, assinou contrato com o empresário Carlos Machado, para figurar no «show» «Acontece que eu sou Baiano», apresentado na «Boite Casablanca».

A PRÓXIMA revista do Teatro Folies terá três autores: Zilco Ribeiro, Mário Meira Guimarães e Norbert, que atuará também como coreógrafo e figurinista, sendo que o título ainda não foi escolhido. Zilco Ribeiro pretende lançar outra atração, havendo sido lembrado o nome de Terezinha Austregésilo. Virgínia continuará como «estrêla» da companhia.

★

DEPOIS de ter recebido proposta de três emprêsas argentinas para levar a revista «E' Fogo na Jaca» em Buenos Aires, Walter Pinto acaba de receber outra de uma emprêsa peruana. Segundo Boy Mercado, tem sede à Avenida Venezuela, 681, em Lima. O empresário brasileiro expôs as suas condições e está aguardando a resposta.

★

O TRANSFORMISTA Ivaná está atuando sòmente no Teatro Recreio, na revista «E' Fogo na Jaca» e no «show» «Cherchez La Femme», escrito e dirigido por Carlos Machado, na «Boite Monte Carlo», e não conforme havíamos anunciado, isto é, em quatro palcos: Recreio, Monte Carlo, Follies e João Caetano.

RESOLVIDA A QUESTÃO DO DIVÓRCIO

REYNALDO DE BRITO
TABELIÃO
FLORIANÓPOLIS — SANTA CATARINA — BRASIL

LIVRO DE NOTAS Nº 26. ESCRITURA DE CONTRATO BILATERAL, COMO
FLS. 67v. a 69. NA FORMA ABAIXO-
SAIBAM quantos esta virem que aos cinco dias do mês de
fevereiro do ano de mil novecentos e quarenta e nove, nesta
cidade de Florianópolis, Capital do Estado de Santa Catari-
na, em cartório, perante mim escrevente juramentado e o Ta-
belião que a esta subscreve, por ter sido distribuida pelo
bilhete sob nº 8.162, datado de ontem, compareceram, partes
entre si justas e contratadas, como outorgantes e reciprocamen
te outorgados, a saber: de um lado, OCTÁVIO PINHO DE OLIVEI-
RA, casado, comerciante, residente em Curitiba, Capital do
Estado do Paraná, de passagem por esta cidade e de outro la
do, CARMELITA CATHCART, solteira, doméstica, residente nes-
ta cidade, ambos brasileiros, maiores e capazes, meus conhe
cidos e das duas testemunhas addiante nomeadas e assinadas-
do que dou fé. E, perante as mesmas testemunhas, pelos ou-
torgantes, reciprocamente outorgados, falando cada um por
sua vez, me foi dito que tinham justo e contratado o estipu
lado nas seguintes cláusulas: PRIMEIRA: A outorgante CAR-
MELITA CATHCART passará a viver na casa do outorgante OCTÁ-
VIO PINHO DE OLIVEIRA, em Curitiba, ou onde êste se achar e
lhe prestará a contar desta data, todos os serviços domésti
cos que uma senhora zelosa e diligente possa prestar. SE-
GUNDA: A outorgante se obriga a ser tão cuidadosa quanto pos
sivel, não só no trato, arranjo e administração da casa, co
mo na atenção que deverá dispensar à pessôa do outorgante
OCTÁVIO PINHO DE OLIVEIRA. TERCEIRA: A outorgante tratará o
outorgante, em caso de molestia, com todo o zêlo e carinho-
no que também será correspondida, em identicas condições.
QUARTA: A outorgante se obriga ainda, não só a dispensar ao
outorgante toda a consideração, como tambem a obedecê-lo em
tudo que estiver no âmbito dêste contrato. QUINTA: A outor-
gante receberá todos os mêses, além do necessário para as
despesas gerais, quantias variaveis, de acôrdo com as pos-
sibilidades do outorgante, para os seus extraordinários.
SEXTA: O outorgante não só respeitará todos os direitos da ou

CARTÓRIO DO 2º. OFÍCIO DE NOTAS

«Fac-simile de uma certidão de casamento feito em Florianópolis. Ob-

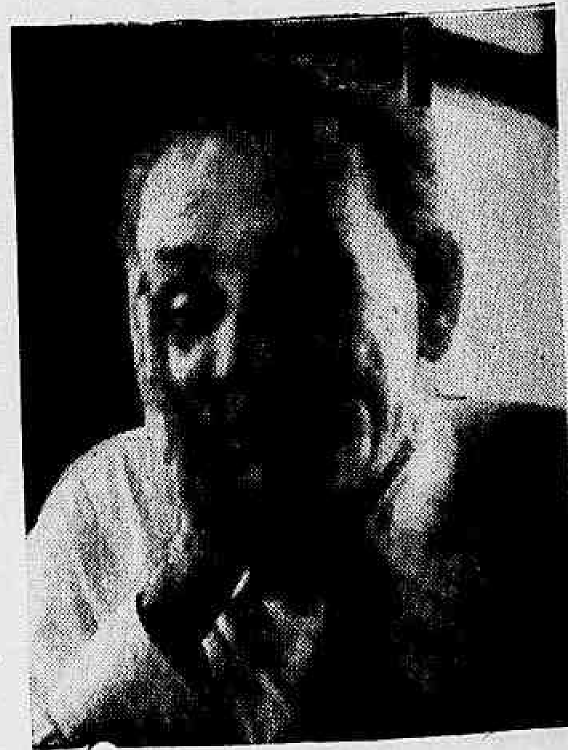
capital à rua Rio Grande do Sul, 9 — fundos, diz haver se casado duas vêzes por contrato, e nos apresentou sua última espôsa, d. Carmelita Cathcart, tendo nascido do casal o menino William.

O contrato, conforme certidão exibida, foi celebrado no dia 5 de fevereiro de 1949, pelo tabelião Reynaldo Brito, do 2º Ofício de Notas.

Do acôrdo firmado consta uma interessante cláusula que obriga a parte culpada no rompimento do contrato indenizar a outra na quantia de vinte mil cruzeiros.



Juiz HIPÓLITO DO VALE PEREIRA — «O casamento por contrato é uma afronta aos princípios constitucionais. E' uma prática atentatório à moral.»



Tabelião PLÁCIDO ALVES — «O casamento, embora feito por um contrato de dois ou três anos, é perfeitamente legal. Está de acôrdo com o Código Civil Brasileiro.»

torgante, como tambem tratará com toda a consideração, fornecendo-lhe, além do estipulado na cláusula anterior, tudo o que a outorgante necessitar e assegurando-lhe, em qualquer emergência, assistência médica, farmaceutica e hospitalar. SÉTIMA: A mudança de domicilio ou residência para qualquer parte que seja, não influirá nas obrigações assumidas pelo presente contrato, devendo a outorgante acompanhá-lo sempre, para onde quer que se transfira, para o bom cumprimento das cláusulas acima estipuladas. OITAVA: Fica estabelecida a multa de vinte mil cruzeiros (Cr$20.000,00) que será paga pelo outorgante à outorgante, CARMELITA CATHCART, si êle faltar às suas obrigações, multa essa que terá tambem direito, no caso de partir da outorgante a violação do contrato. Lida às partes esta escritura, na presença das testemunhas, acharam-na conforme, aceitaram, outorgaram e assinam com as mesmas testemunhas Raynoldo de Oliveira Santos e Pedro Gevaerd Junior, minhas conhecidas do que dou fé. Eu, Alexandre Evangelista, escrevente juramentado, a escrevi. E eu, Raynaldo de Brito, Tabelião a subscrevo e assino em público e raso. Florianópolis, 5 de Fevereiro de 1949.-(as.) Octávio Pinho de Oliveira Carmelita Cathcart. Raynoldo de Oliveira Santos. Pedro Gevaerd Junior. Colados no livro e devidamente inutilizados sêlos federais no valôr de Cr$3,80 e mais o sêlo de Aposentadoria dos Serventuarios da Justiça. Trasladada em seguida. Eu, ________, Tabelião a subscrevo e assino em público e raso.

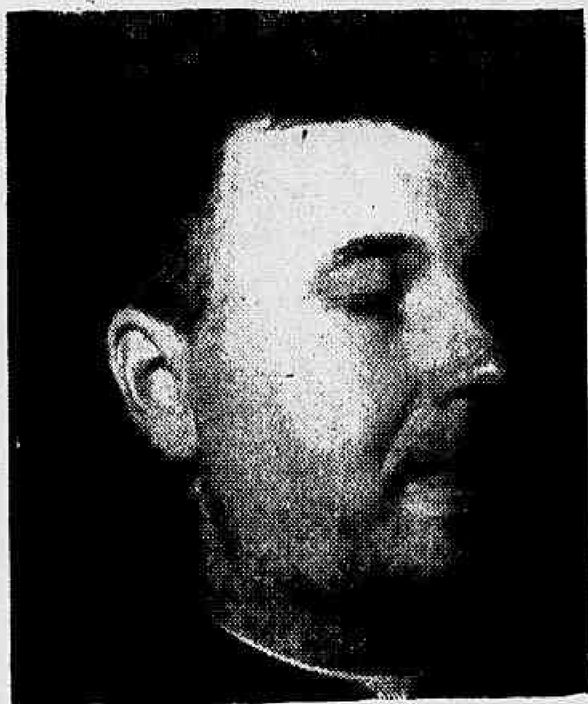
FLORIANÓPOLIS, 5 DE FEVEREIRO DE 1949.-
EM TESTEMUNHO ____ DA VERDADE.-
\- Tabelião -



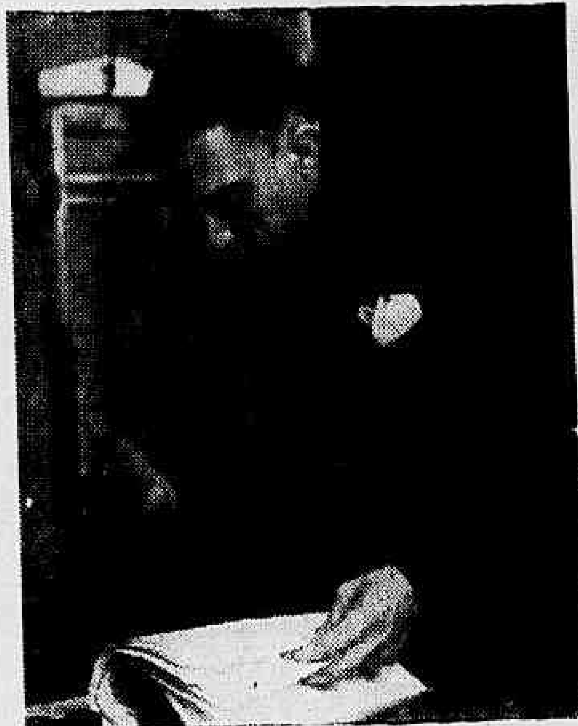
serve-se que nenhuma das partes contratantes exige fidelidade conjugal.

Geraldo Fernandes, um dos melhores «cracks» do «foot-ball» catarinense, do «Bocaiúva F. C.» e que estêve no «América», do Rio, em 1942, depois de ter brilhado no selecionado gaúcho, em 1941, também é casado por contrato. Contraiu matrimônio em 19 de novembro de 1950 com d. Nilda Fernandes. Êle solteiro e ela desquitada e mãe de duas meninas da primeira união. Do atual casamento nasceu um garôto que está com 9 meses e tem o mesmo nome do pai.

(Cont. na pág. 50)



Monsenhor FREDERICO, meditando sôbre o caso, conclui: «Sei que existem em S. Catarina «casamentos de contrato» mas a Igreja mantém reserva sôbre o assunto.»



O escrivão FERNANDO FARIAS: «Sou oficial do Registro Civil há oito meses e não me consta que em meu cartório tenha sido feito algum «casamento de contrato.»

DE CINEMA

NEWTON COUTO



Gene Barry e Ann Robinson numa cena muito sugestiva do filme em tecnicolor da Paramount «A Guerra dos Mundos».

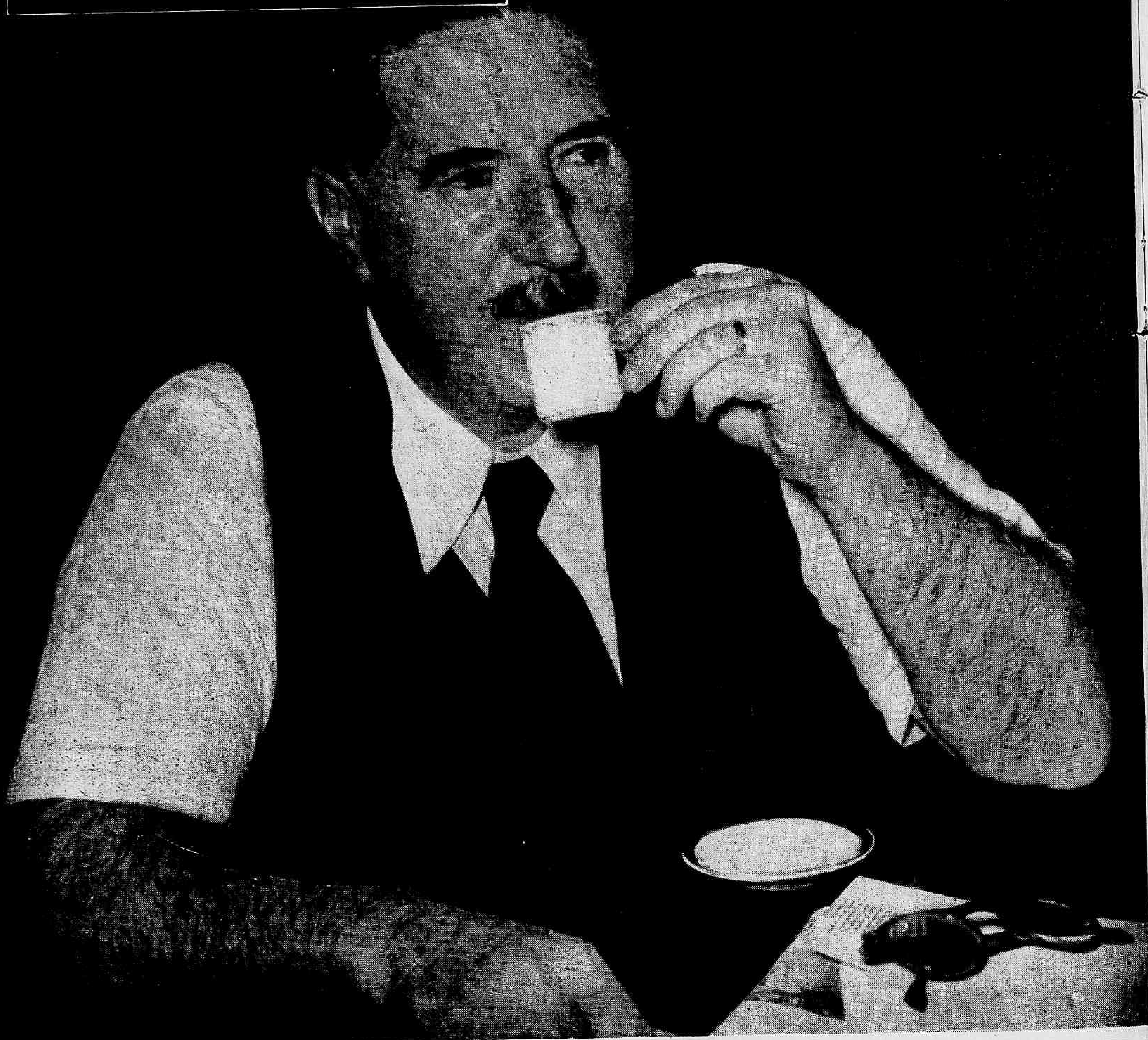
A GUERRA DOS MUNDOS

DEPOIS de produzir «Destination To Moon», um dos primeiros filmes que exploravam êste gênero de fantasia, logo seguido de tantos outros, como «O Fim do Mundo», sob a direção do extraordinário fotógrafo Rudolf Maté, «O Dia que a Terra Parou», o mais interessante da série, porque tinha uma certa base e era muito humano, dirigido por Robert Wise, etc., o produtor George Pal acaba de filmar a famosa novela de H. G. Wells «A Guerra dos Mundos» (The War Of The Worlds) para os estúdios da Paramount Pictures, que celebrizou o gênio do cinema Orson Welles. Foi em 1898, que o escritor H. G. Wells impressionou milhares de leitores com a sua novela publicada em Nova York e Londres no «Harper And Brothers», onde narrava de maneira realista a invasão da Terra pelos habitantes do planêta Marte. Mas foi na noite de 30 de outubro de 1938, que esta notável novela conseguiu a sua consagração definitiva, através de uma radiofonização feita pelo próprio Orson Welles pelo microfone da «Columbia Broadcasting System», em Nova York, apresentando na interpretação dos magníficos papéis, os artistas de sua companhia Mercury, onde despontavam os nomes de Orson Welles, Joseph Cotten, Agnes Moorehead, Martin Gabel, Paul Stewart, Everest Sloane, e tantos outros, que hoje se tornaram famosos no cinema. A transmissão foi tão espetacular, que deu a impressão nítida de que os Estados Unidos estavam sendo invadidos pelos homens do planêta Marte, fazendo, até, que muitas famílias abandonassem os seus lares.

● Nas estatísticas verificadas logo após a transmissão, demonstraram que nada menos de 8 milhões de pessoas acreditaram que o mundo realmente estava acabando. Com esta irradiação, Orson Welles foi convidado pela RKO Radio Pictures, para realizar a obra-prima do cinema, «Cidadão Kane», onde se revelou um dos mais notáveis cineastas, tendo feito esta película com a participação de vários atores de sua companhia. O próprio Martin Gabel, além de estar atuando hoje como ator, também já dirigiu um celulóide muito bom, com Susan Hayward no principal papel. A direção de «A Guerra dos Mundos» é de Byron Haskin, que anteriormente foi fotógrafo encarregado dos efeitos fotográficos, tendo estreado como diretor pela mão de Walt Disney no celulóide «A Ilha do Tesouro», o primeiro filme de longa metragem feito pelo magnífico desenhista, seguindo o mesmo exemplo de seus colegas Murnau, o excelente diretor de fotografias do cinema alemão, onde trabalhou ao lado de Fritz Lang em «O Vampiro de Dusseldorf» (M), apresentando uma fotografia esplêndida, e foi um dos realizadores do antológico filme «Tabu»; Ted Tetzlaff, que realizou aquêle magnífico celulóide «Ninguém Crê em Mim»; e de Rudolf Maté, que apresentou como diretor de fotografias, filmes como «Endorêço Desconhecido», seu melhor trabalho, «Paixão de Joana D'Arc», sob a direção de Dryer, «O Vampiro», também de Dryer, «Gilda», e muitos outros, e que realizou celulóides do quilate de «No Sad Song For Me», com Margaret Sullivan e Wendell Corey, «Rastro Sangrento», com William Holden, «Passado Tenebroso», novamente com William Holden e Lee J. Cobb, etc.

● A fotografia em tecnicolor de «The War Of The Worlds» é de George Barnes, premiado pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood, pelo seu trabalho em «Rebecca, a Mulher Inesquecível» (Rebecca), sob a direção de Alfred Hitchcock, na classe de filmes em prêto e branco, sendo também o magnífico fotógrafo de «Apenas um Coração Solitário», o único filme dirigido por Clifford Odets. O argumento e roteirização é de Barré Lyndon, sendo a partitura musical de Leith Stevens, enquanto os efeitos fotográficos especiais de Gordon Jennigs e a arte astronômica de Chesley Bonestell. O elenco conta com os nomes de Gene Barry, Ann Robinson, Les Tremayne, Bob Cornthwaite, Sandro Giglio, Lewis Martin, Houseley Stevenson Jr., Paul Frees, Bill Phipps, Vernon Rich, Henry Brandon e Jack Kruschen.

O duelo Garcez x Ademar - II



OS ASTROS E O SR. ADEMAR DE BARROS

CHEGARÁ O SR. ADEMAR DE BARROS À PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA? ★ AS POSSIBILIDADES POLÍTICAS DO CHEFE BANDEIRANTE ★ JÚPITER E SATURNO SEUS ALIADOS NA CONQUISTA DAS POSIÇÕES ★ UM AFORISMO COSMOSÓFICO E O DESTINO DO POLÍTICO PAULISTA ★ FÔRÇAS CONTRARIAS E ELEMENTOS DE AÇÃO.

De BATISTA DE OLIVEIRA para a «REVISTA DA SEMTNA».

VIMOS, no estudo anterior, a marcante personalidade do sr. Ademar de Barros, de acôrdo com o insuspeito depoimento dos seus astros nativos. Espus, com a necessária franqueza, as suas extraordinárias qualidades e não escondi os seus defeitos.

Neste novo estudo do seu horóscopo natal, eu me limitarei à indicação das possibilidades do chefe pessepista para chegar à presidência da República, visto ser êsse o seu grande sonho, a maior ambição alimentada até agora. O sr. Ademar de Barros se julga, aliás, com o direito de aspirar a Suprema Magistratura, como declarou, faz pouco tempo, ao regressar dos Estados Unidos. Ninguém lhe contesta êsse direito, mesmo porque se trata de um brasileiro digno, patriota e incansável batalhador devotado à causa pública.

Pelo estudo já feito, dos plexos impressos na casa um, mostrei que, ao sr. Ademar de Barros não faltam qualidades para o exercício do mais alto pôsto político do País. Poderá exercê-lo com desembaraço e real proveito para a Nação.

Sua vontade estuante, o seu dinamismo, sua visão de conjunto, seu gôsto pelas soluções práticas e o desejo de realizar, movido pela vaidade pessoal da proclamação dos feitos, são um conjunto de predicados exceles e indispensáveis a um bom administrador.

Mas, se a vida de cada um de nós está sujeita a um plano, tanto no campo fisiológico, como dizia Claude Bernard, vendo no turbilhão vital a objetivação de uma idéia, como no campo social e político, em face da afirmação dos cosmosofistas de todos os tempos, as qualidades pessoais não bastam para guindar um indivíduo às alturas.

Há exemplos, aliás numerosos, de homens estúpidos, incapazes e abúlicos, até, que chegaram a postos os mais representativos e de direção de nações impor-

tantes, como aconteceu na França, por exemplo, com Luiz XVI e Napoleão, o Pequeno, na expressão de Hugo. Há exemplos, também numerosos, de verdadeiros gênios do pensamento e das artes, que vegetaram tôda vida, quase anônimos, sem representação e sem valia. Não tenhamos dúvida da boa procedência do aforismo cosmosófico: «A Vida se exerce em função do destino».

★

Haverá, na parte escrita do destino do sr. Ademar de Barros, uma indicação positiva, segura, indicação pela qual possamos apregoar sua ascenção à presidência da República? É o que vou ver, em estudando, no seu horóscopo natal, os domínios do **factum**.

As casas horoscópicas relacionadas à vida política de uma pessoa, são a nona, a décima e a undécima.

A nona casa representa o dinamismo social. A casa dez retrata a posição, o relêvo que o indivíduo possa ter, refletindo a undécima, os apoios, os concursos com que possamos contar na nossa caminhada, buscando a realização dos objetivos. A casa onde representa, para os políticos, o eleitorado, o concurso espontâneo, voluntário, dos seus partidários e simpatizantes.

As duas maiores expressões do tema horoscópico do ex-governador paulista, como índices da superioridade do seu destino, do papel que lhe cumpre desempenhar no plano social e político do seu meio e do seu tempo, são Júpiter e Saturno, ambos em plexos direto na casa dez. Já é axiomático em astrologia: «Nunca se viu uma pessoa com Saturno na casa dez, que não tenha triunfado, que não tenha vencido, indo muito além e acima das suas próprias origens». Tal é o caso de Mazarin, de Adolf Hitler, de Tamerlan, dos dois Napoleões, o Grande e o Pequeno, de Afonso XIII, Luiz Felipe, Hugo Stinnes, Oscar Wilde, Ravechol, Catarina de Medicis e de tantos outros que se elevaram do anonimato às culminâncias do poder.

Com Saturno na casa dez, em plexos direto, o maior e o melhor de todos os plexos favoráveis, muito embora o astro esteja em exílio, o sr. Ademar de Barros é um dêsses homens marcados pelo destino com um papel relevante a desempenhar na sociedade do seu tempo.

O plexos em questão, assinalando a natureza fatalística da posição do político bandeirante como um condutor de homens, foi impresso no 6º ramo do signo do Câncer, sob os influxos combinados da Lua (o Povo) e de Mercúrio (a Mentalidade). As idéias do sr. Ademar de Barros, no campo social e político, impressionam as massas e lhe fazem prosélitos. É essa a natureza do detalhe do plexos direto de Saturno, na casa dez, assegurando-lhe triunfo político.

Além dêsse plexos tão expressivo de Saturno, encontra-se, ainda, na casa em questão, conjunto à respectiva antena, dando-lhe marcada importância, o plexos direto de Júpiter, um poderoso índice de êxito nos domínios da administração. Júpiter dosou seu influxo com o influxo combinado da Lua, Mercúrio e Marte, representando tal associação de fôrças, em

ADEMAR DE BARROS			
CASA X - DETALHE			
astro	longit.	domit.	plexus
☉	211.30	290	□
☾	259.27	277	△
♀	209.14	287	□
♂	324.54	282	△
♃	102.57	270	☌
♄	106.23	274	☌
♅	76.30	274	⚺
♆	26.71	285	△
		277	●☿
		299	●♀

Detalhe da casa X de Ademar de Barros.

detalhe, o Povo, a Mentalidade e a Ação, ou seja a ação do sr. Ademar de Barros sôbre a mentalidade do povo, ou ainda, a ação da sua mentalidade sôbre as massas, o que redunda na mesma coisa.

★

Mas, nem tudo é favorável ao sr. Ademar de Barros, no setor do destino.

O Sol, por exemplo, está em quadratura, no meio do céu, o que acontece, de ordinário, com as pessoas que nascem no começo do dia. A quadratura é o pior dos plexos desfavoráveis, pois representa uma desarmonia fundamental.

No caso do político brasileiro, êsse plexos do astro-rei significa entraves na carreira, concorrência temível e vitórias frustadas.

O aspecto dissonante do Sol foi impresso no clima de Júpiter que representa a fôrça do govêrno, a administração e a Justiça.

No ano de 1955, ano em que deverão realizar-se as eleições destinadas à homologação do candidato à sucessão do presidente Getúlio Vargas, o sr. Ademar de Barros deverá ter redobrado cuidado com a justiça eleitoral. Sua candidatura, ao Catete, poderá ser vetada.

★

O sr. Ademar de Barros tem, na casa nove, setor do dinamismo social, a «Parte da Luta» e a da «Vitória», aquela a 254 e esta a 251 de domitude. Estão isoladas.

Na casa onze, setor de concursos, principalmente em se tratando de política, tem o sr. Ademar de Barros, a «Parte do Gênio», o que lhe vale um grande poder de insinuação e uma extraordinária capacidade para aliciar partidários para seu credo.

O chefe bandeirante pode ser considerado um gênio, sob o ponto de vista político. Atrai, convence, atua com desenvoltura e resolve sem delongas, fiel ao princípio que justifica todos os meios para se chegar a um fim. Já foi visto, certa vez, de mãos dadas aos comunistas, para vencer. Amanhã poderá ser visto em causa comum com os integralistas, numa nova arrancada para as posições.

Para vencer, triunfar e alcançar os postos de comando, o sr. Ademar de Barros é capaz de prometer o que sabe não poder dar e de aceitar apoios os mais espúrios. Já dei a significação do plexos desfavorável de Mercúrio na primeira casa de sua carta planetária de nascimento.

Os homens públicos dignos dessa classificação, caracterizam-se, principalmente, pelo despreendimento e pela constância e acêrto das ações em benefício do povo. Para tanto, é indispensável, aos mesmos, um alto poder de iniciativa. O sr. Ademar de Barros tem êsse poder?

Vimos já, o quilate da sua vontade e sua capacidade para empreendimentos de envergadura. É inegável, também, sua grande possibilidade de realização. Os luminares estão em bom aspecto na casa cinco do seu horóscopo.

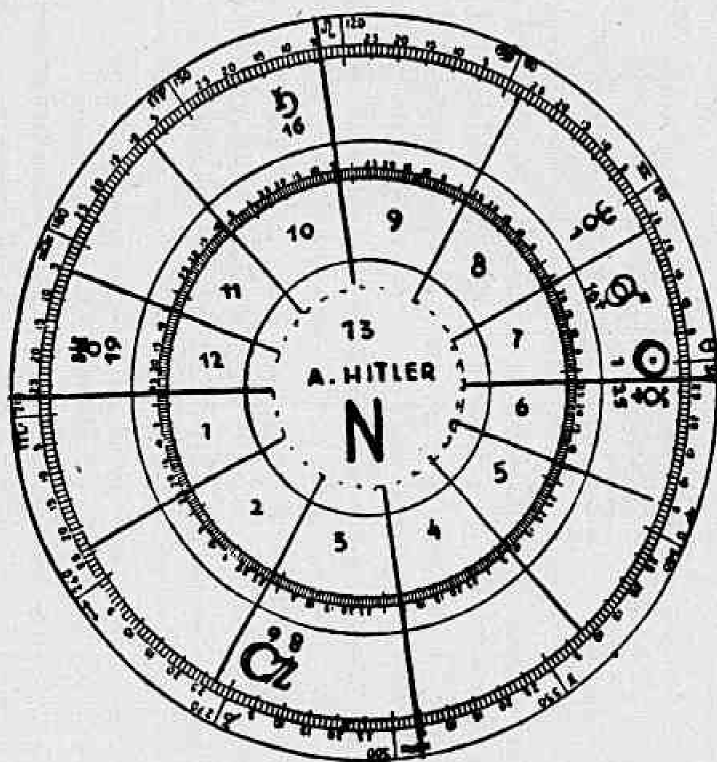
Que nos diz o Sol? Que nos diz a Lua?

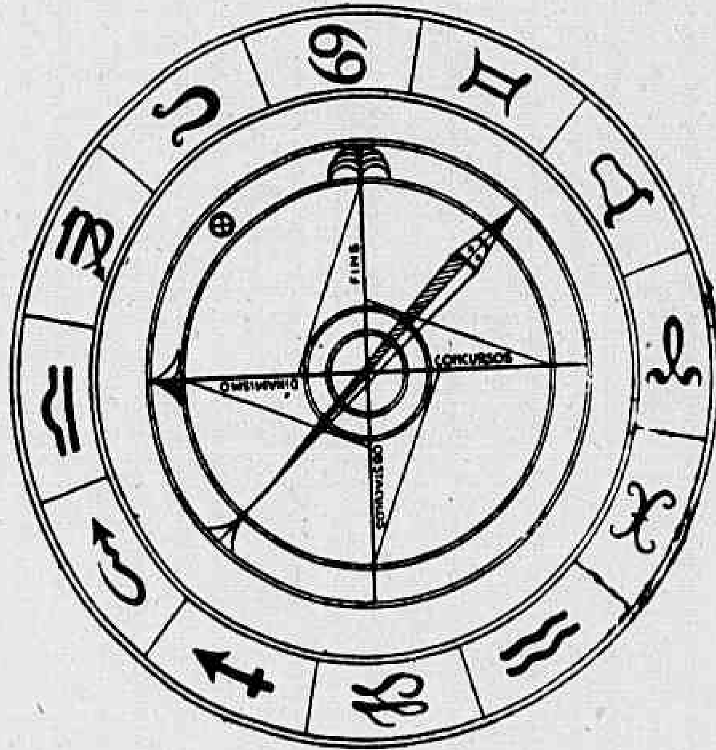
Presente à casa das iniciativas, através de um belíssimo trígono impresso no clima de Júpiter, proclama o astro-rei: «O homem é forte e determinado nas suas deliberações, notadamente no que tange à coisa pública. Êle tem a sensualidade do poder».

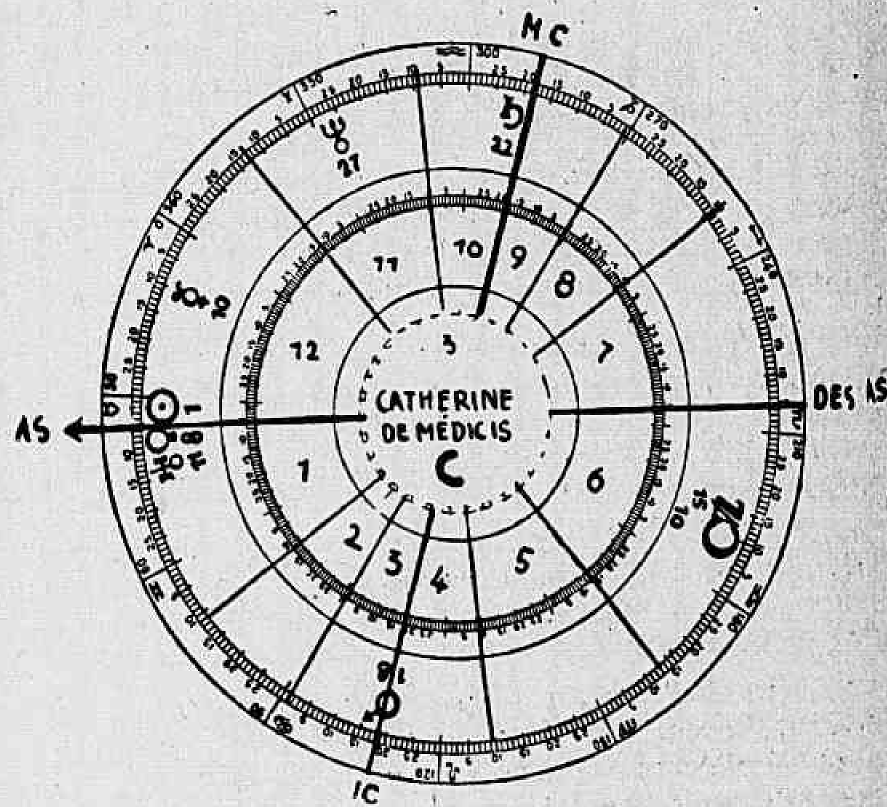
A nota da Lua, na casa cinco, é bem mais modesta, pois o seu aspecto, além de ser um sextil, foi impresso no seu próprio clima, inconstante e fraco.

Na altura a que cheguei na interpretação dos plexos relacionados à vida social e política do presidente do Partido Social Progressista, já me é possível declarar, sem vacilações e arrodeios: o sr. Ademar de Barros é um homem qualificado e está perfeitamente habilitado a chegar à presidência da República. Chegará ao Catete, em 1956? No próximo número examinarei a posição atualmente ocupada por s. excia., e direi da sua situação em face da corrida já ensaiada para a suprema magistratura do País.

(CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO)





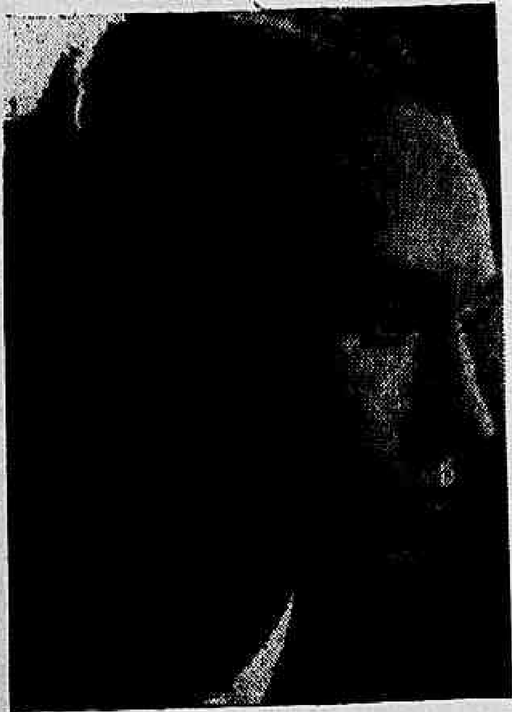


Ao centro, o mecanismo de Factum no tema do ex-governador paulista; à esquerda, o tema de Hitler, e à direita, o de Catarina de Medicis, «parentes astrais» do sr. Ademar.

DE RÁDIO

GUARACY

ANNE CHAPELLE



Anne Chapelle, intérprete da música popular francesa e que possui diversas gravações de grande sucesso.

● Volta a França a enviar ao Brasil mais uma de suas grandes cantoras; desta feita, trata-se de Anne Chapelle, a intérprete máxima da canção realista francesa, artista de rádio, «boite» e disco. Anne Chapelle, que veio ao Brasil cumprir contrato por uma temporada com a «Boite Beguin» e uma emissora carioca, está hospedada no Hotel Glória, onde a conhecemos durante um «cock-tail» oferecido pela mesma à imprensa. Vestia na ocasião um traje prêto e vermelho, e trazia os sabelos arrumados num penteado anguloso que parece ter saído de uma fábrica de tijolos. Tudo isso lhe concede uma personalidade extraordinária. E com ela, uma voz que vem de longe e leva mais longe ainda, e em meio de tudo isso ela é espantosa em suas interpretações como «Les Bistrots d'Aubervilliers», «Fille d'Usine», «J'Ai Manqué ma Vie», «La Seine», e outras, que já gravou em discos, os quais, infelizmente, ainda não chegaram até nós, mas esperamos que aconteça brevemente, pois Anne Chapelle é imprescindível de ser ouvida e guardada para sempre!

ACABA DE estrear ao microfone da Rádio Nacional o famoso cantor Gregorio Barrios, que volta a atuar nesta emissora, onde conseguiu fazer um grande sucesso. Gregorio veio de uma longa excursão artística por Cuba, Venezuela, Colômbia e Chile.

A ASSOCIAÇÃO Brasileira de Rádio acaba de conseguir uma verba de 5 milhões de cruzeiros para término do hospital do radialista. Esta vitória deve-se em grande parte ao vereador Carlos Frias, que muito lutou pela mesma dentro da Câmara dos Vereadores.

BERLIET JÚNIOR está apresentando tôdas as quintas-feiras ao microfone da Rádio Guanabara, no horário das 23 horas, o seu quadro de alunos da Escola de Rádio-Teatro da Prefeitura, numa peça policial de sua autoria, a qual é reprisada em gravação às sextas-feiras às 18,15 horas.

JOSÉ LUÍS Aromates é o novo assistente da direção geral de «broadcasting» das Rádios Tupi e Tamoio, sendo, desta maneira, o auxiliar direto de Péricles do Amaral.

VAI CASAR-SE neste mês o popular locutor Reinaldo Costa, da Rádio Nacional, com a cantora italiana Franca Frenatti, que realizou recentemente uma temporada ao microfone da PRE-8.

JÁ VOLTOU a atuar ao microfone da Rádio Nacional, o locutor César Ladeira que realizou uma temporada em São Paulo com a sua companhia de revistas no Teatro de Alumínio.

VOLTOU a atuar ao microfone da Rádio Mayrink Veiga, a rádio-atriz Norka Smith, que se encontrava afastada há alguns meses, tendo dado à luz um pimpolho. Parabéns a Norka Smith, por mais êste grande acontecimento em sua vida.

DEPOIS de uma temporada de onze meses no Canadá, onde atuou como produtor e locutor de programas para o Brasil, na Rádio Canadá, regressou ao nosso país o rádio-ator Cauhé Filho, que já se acha integrado no «cast» de rádio-teatro da Nacional.

AFASTOU-SE das transmissões esportivas o locutor Antônio Cordeiro, vítima de um mal súbito no coração. Esperamos que o veterano narrador de partidas de «foot-ball» da Rádio Nacional, se restabeleça o mais depressa possível, porque é um elemento de grandes qualidades dentro de seu setor.

ARI BARROSO não cumpriu a sua palavra, quando anunciou que iria deixar as transmissões esportivas e a hora dos calouros, porque já voltou a ocupar o seu pôsto nos dois setores de sua atividade ao microfone da Rádio Tupi.

CARMÉLIA ALVES assinou contrato com a Rádio Mayrink Veiga, devendo atuar, simultâneamente, na PRA-9 e na Rádio Nacional, onde também está prêsa sob contrato. Carmélia Alves merece esta situação previlegiada dentro do rádio, porque é uma intérprete realmente de grande valor.

A 8 DE NOVEMBRO próximo o humorista da Rádio Nacional Osvaldo Elias comemorará o quarto aniversário de seu programa «Dr. Infezulino», que é transmitido todos os domingos às 13 horas. Esta festa artística será realizada num de nossos teatros, sendo que a PRE-8 irradiará diretamente do local seus programas de domingo, isto é, das 12 às 15 horas.

CONTA-ME teus Sonhos

MARIA PAULA

● **VIRGINEA — (Rio)**

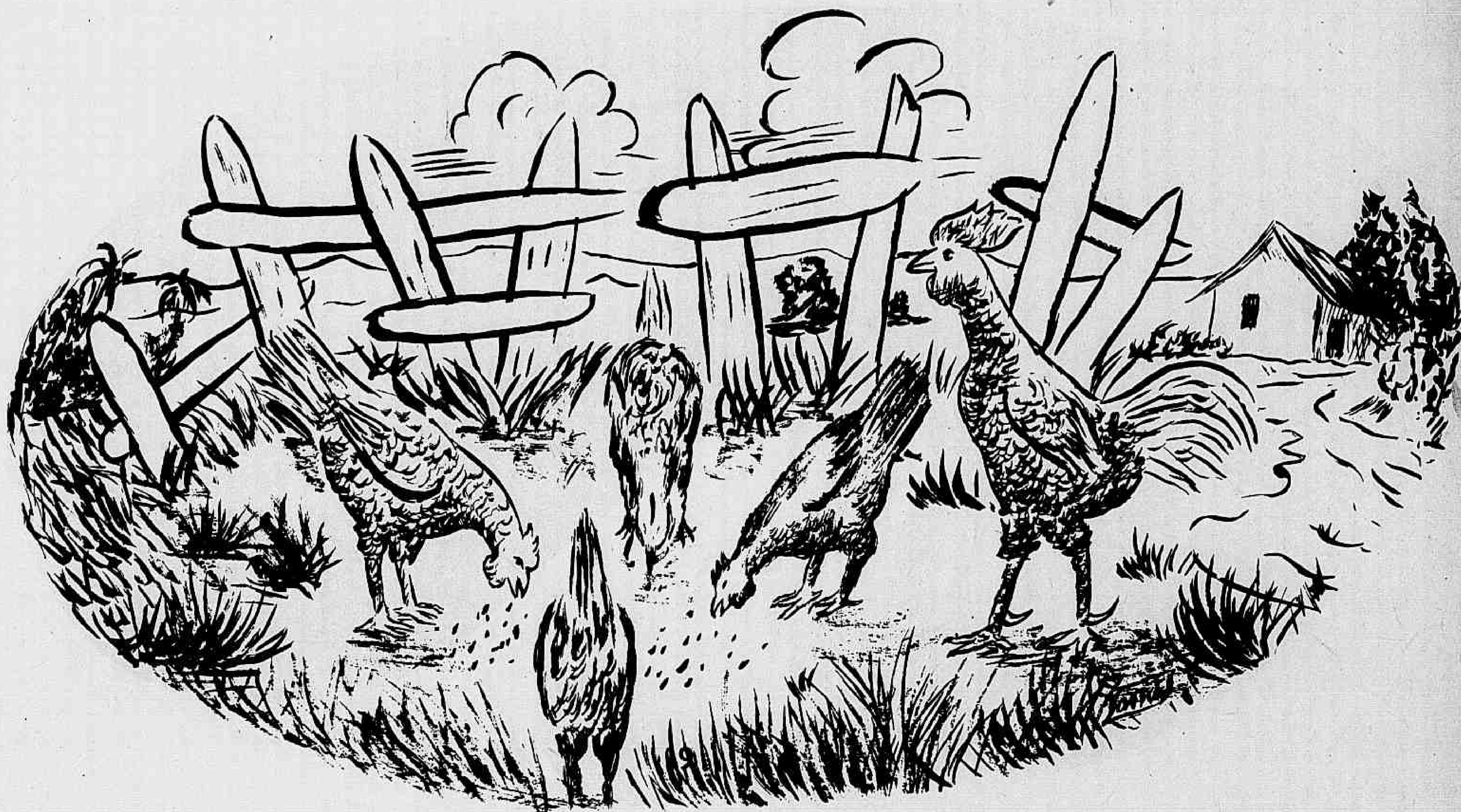
SONHO — Estava, com minha prima e minha irmã, em frente de uma porta e segurava uma pequena caixa. De repente senti como se a caixa fôsse adquirindo vida e brotarem dela várias margaridas, que se transformaram em fôlhas verdes e enormes, tendo no meio uma grande orquídea tôda salpicada de roxo. Enquanto nós três olhávamos espantadas a orquídea, as fôlhas se transformaram em flores semelhantes ao «copo de leite», porém vermelhas. Houve um estouro e, vimos que, em cada lado da porta, havia um retrato. Parecia esculpido em gêsso. O retrato da esquerda representava um homem, cujas feições não me eram claras; o outro era o quadro de uma criança, feições bem nítidas, mas, para mim desconhecida. Todos afirmavam ser um Santo e minha mãe disse ser São Pedro. Eu, porém, tinha a certeza que não era, mas não sabia positivamente a quem pertencia. Permaneci calada; notei, então, que a caixa voltava ao seu estado primitivo e que dela saíam vermes, o que fêz com que eu a jogasse longe. Deixando o pessoal junto à porta, comentando o que havia sucedido, saí meditando sôbre tudo isto. Ia pensando no homem de branco que eu havia visto no quadro, quando me vi em frente a uma Igreja, na porta da qual estava um padre chamando os fiéis para rezarem. Notei que, em um jardim que rodeava a Igreja, havia pessoas, mas ninguém entrava. Vi, então, minha irmã sentada na grama ao lado de duas crianças; aproximei-me e perguntei-lhe por que não ia à Igreja, ao que ela me respondeu que preferia ficar para ver o desfile. Resolvi entrar na Igreja, mas, ao transpor a porta, vi-me em uma sala de aulas, na qual estavam vários de meus colegas, de Faculdade. Sentei-me e esperei a aula. Foi, então, passado um filme, onde apareciam uma senhora e duas crianças, cuja finalidade era a puericultura. Achando que aquêle assunto não me interessava, saí. Do lado de fora da sala encontrei uns colegas falando mal de um terceiro. Eu o defendia, quando notei em pé, em uma porta, dois homens de branco que conversavam. Um dêles, o que mais vivamente me impressionou, era alto, moreno, cabelos grisalhos, nas têmporas. De repente tudo mudou: vi êsse homem entre dois policiais. Êle me olhou e observei que seus olhos me pediam alguma coisa; faziam-me um apêlo mudo. Senti-me angustiada, por saber que êle necessitava de meu auxílio, mas que eu não o podia dar.

INTERPRETAÇÃO — As portas (em frente a uma porta) ou outras aberturas — bôcas de túnel, perfurações nas rochas, etc. — são convites mudos à entrada de nosso Eu superior (caixa) na vida do mais elevado (caixa que adquiriu vida). Épocas há, em nossa existência que, dentro de nós (caixa) nasce um belo e florido jardim (brotar da caixa, margaridas) cujas flores tomam as mais variadas **nuances**, de acôrdo com os nossos pensamentos e sentimentos (orquídeas, copos de leite vermelhos). Entretanto, estas épocas são muitas vêzes transformadas (houve um estouro) e tomam um caráter bem diferente e disparatado (retrato de homem e de criança) daquilo que julgávamos poder manter para sempre, isto é, a vida feliz que desejáramos conservar (todos afirmavam ser um Santo). Porém, nós — os forjadores do nosso próprio destino — sabemos (eu tinha a certeza de que não era um Santo) que, pelos nossos desejos e anseios não poderemos manter a mesma atitude sossegada (caixa que voltou ao estado primitivo), mas fantasioso e, então vemos essas ilusões se transformarem em duras realidades e amargas decepções (saíam vermes da caixa). É, neste estado dalma, que a nossa personalidade e o nosso caráter se retemperam, e vemos, então, que há necessidade urgente de **algo** superior (padre convidando a rezar), que venha expurgar os **vermes** e as **larvas** de nossa mente. Em você, como em tôdas as demais criaturas, se deu o fenômeno da transferência de cenas familiares pelas da vida comum (Igreja que se transformou em sala de aulas), isto porque a plasticidade da mente se impressiona muito mais com os fatos complicados e difíceis (filme ensinando puericultura) do que com a leveza da vida espiritual (entrar na Igreja). Em nosso complexo mundo interno há duas personalidades distintas e opostas: o Eu superior e o Eu inferior que estão sempre em antagonismo (colega que falava mal do outro), um com o outro. O **Ego**, que é formado da reunião de todos os nossos predicados — bons ou maus — aspira o **Bem**, com tôdas as fôrças anímicas possíveis, e sente-se prisioneiro (. . . entre policiais) dos baixos instintos e nos lança o seu apêlo (apêlo mudo) de libertação da matéria (olhos **que** pediam alguma coisa). E, dêste desequilíbrio nasce o conflito que nos deixa, muitas vêzes, desarvorados e sem sabermos como proceder . . . (Então senti uma angústia . . .).

● **VILMA — (Rio)**

SONHO — Era véspera de meu casamento; em meu quarto de noiva, achávamos minha mãe, minha irmã e eu; o quarto era todo decorado e ornamentado de branco, como sempre desejei. A casa bastante esquisita e diferente da que moro, tinha na parte de frente uma escadaria. Saímos as três para comprarmos os últimos objetos a fim de completar a arrumação do quarto. Já na calçada, olhei para trás e vi se aproximar de nós uma moça bonita, bem penteada que descia a escada da casa que, por sinal, ficara fechada. Dirigindo-se a mim me advertiu: Se quiseres ser feliz não faça teu quarto todo branco, enfeite-o com algo verde, também. Apertou a mão de minha mãe, afastou-se e desapareceu. Resolvemos, então, satisfazer-lhe o aviso e compramos alguns objetos verdes. Ao voltarmos já era o dia de meu casamento, porém eu não me via vestida de noiva. Depois do alvoroço, próprio das «bodas», acordei.

INTERPRETAÇÃO — É natural que você viva com a imaginação superexcitada, pela proximidade de seu casamento. E, como o sonho é o reflexo de nossas preocupações, das conas que se desenrolam cotidianamente, em nossa vida, de nossos conhecimentos e até de nossas tendências e anseios e recalques, é comum se darem, em períodos que antecedem as grandes atividades dos acontecimentos que mais nos chamam a atenção, neste caso o seu casamento. Quanto a côr verde, creio tenha aparecido, em seu sonho, por ter a significação, muito comum e banal, de côr da Esperança. E, sendo o casamento um estado que se toma, em que o fator **sorte** influi bastante tôdas as noivas — a parte mais sensível — sentem a necessidade de usarem de todo o artifício para garantir uma felicidade conjugal perpétua. Não acredito haja um mau aguro, em não ter você se **visto** vestida de noiva. Estou mais propensa a crer que a sua ansiedade seja tal, que você, de vez em quando, não **acredite** na própria felicidade e na realização de seu maior sonho — o casamento. Convém não dar grande valor ao sonho, para que êle não venha a agir como uma auto-sugestão negativa e não lhe traga, futuramente algum desencanto.



GALINHA CEGA

NA manhã sadia, o homem de barbas poentas, entronado na carrocinha, aspirou forte. O ar passava-lhe dobrando o bigode ríspido como a um milharal. Berrou arrastadoramente o pregão molengo:

— Frangos **bons e baratos!**

Com as cabeças de mártires obscuros enfiadas na tela de arames os bichos piavam num protesto. Não eram bons. Nem mesmo baratos. Queriam apenas que os soltassem. Que lhes devolvessem o direito de continuar ciscando no terreiro amplo e longe.

— Psiu!

Foi o cavalo quem ouviu e estacou, enquanto o seu dono terminava o pregão. Um bruto homem de barbas brancas na porta de um barracão chamava o vendedor cavando o ar com o braço enorme.

Quanto? Tanto. Mas puseram-se a discutir exaustivamente o preço. Não queriam por nada chegar a um acôrdo. O vendedor era macio. O comprador, brusco.

— Olhe esta franguinha branca. Então não vale?

— Está gordota... E que bonitos olhos ela tem. Pretotes... Vá lá!

O homem de barbas poentas entronou-se de novo e persistiu em gritar pela rua que despertava:

— Frangos **bons e baratos!**

Carregando a franga, o comprador satisfeito penetrou no barracão.

— Olha, Inácia, o que eu comprei.

A mulher tinha um eterno descontentamento escondido nas rugas. Permaneceu calada.

— Olha os olhos. Pretotes...

— E'.

— Gostei dela e comprei. Garanto que vai ser uma boa galinha.

— E'.

No terreiro, sentindo a liberdade que retornava, a franga agitou as pernas e começou a catar afobada os bagos de milho que o novo dono lhe atirava divertidíssimo.

A rua era suburbana, calada, sem movimento. Mas, no alto da colina dominando a cidade que se estendia lá em baixo cheia de árvores no dia e de luzes na noite. Perto havia moitas de pitangueiras a cuja sombra os galináceos podiam flanar a vontade e dormir a sesta.

A franga não notou grande diferença entre a sua vida atual e a que levava no seu torrão natal distante. Muito distante. Lembrava-se vagamente de ter sido embalaiada com companheiros mal humorados. Carregaram os balaios a troche-moche para um galinheiro sôbre rodas, comprido e distinto, mas sem poleiros. Houve um grito lá fora, lancinante, formidável. As paisagens começaram a correr nas grades, enquanto o galinheiro se agitava todo, barulhando e rangendo por baixo. Rolos de fumo rolavam com um cheiro paulificante. De longe em longe as paisagens paravam. Mas novo grito e elas de novo a correr. Na noitinha surgiram-se as paisagens e apareceram fagulhas. Um fogo de artifício como nunca vira. Aliás, ela nunca tinha visto um fogo de artifício. Que lindo, que lindo. Adormecera numa enjoada madorna...

Viera depois outro dia de paisagens que tinha pressa. Dia de sêde e fome.

Agora a vida voltava a ser boa. Não tinha saudades do torrão natal. Possuía o bastante para a sua felicidade: liberdade e milho. Só o galo é que às vêzes vinha perturbá-la incompreensìvelmente. Já lá vinha êle, bem elegante, com plumas, forte, resoluto. Já lá vinha. Não havia dúvida que era bem bonito. Já lá vinha... Sujeito cacete.

O galo — có, có, có, — có, có, có, — rodeou-a, abriu a asa, arranhou as penas com as unhas. Embarafustaram pelo mato numa carreira doida. E ela teve a revelação do lado contrário da vida. Sem grande contrariedade a não ser o propósito inconscientemente feminino de se esquivar, querendo e não querendo.

* * *

— A melhor galinha, Inácia! Boa a bessa!

— Não sei porquê.

— Você sempre bêsta! Pois eu sei...

— Bêsta! Bêsta, hei?

— Desculpe, Inácia. Foi sem querer. Também você sabe que eu gosto da galinha e fica me amolando.

— Bêsta é você!

— Eu sei que eu sou.

* * *

Ao ruído do milho se espalhando na terra, a galinha lá foi correndo defender o seu quinhão, e os olhos do dono descansaram nas suas penas brancas, no seu porte firme, com ternura. E os olhos notaram logo a anormalidade. A Branquinha — era o nome que o dono lhe botara — bicava o chão doidamente e raro alcançava um grão. Bicava quase sempre a uma pequena distância de cada bago e repetia o golpe, repetia com desespêro, até catar um grão que nem sempre era aquêle que visava.

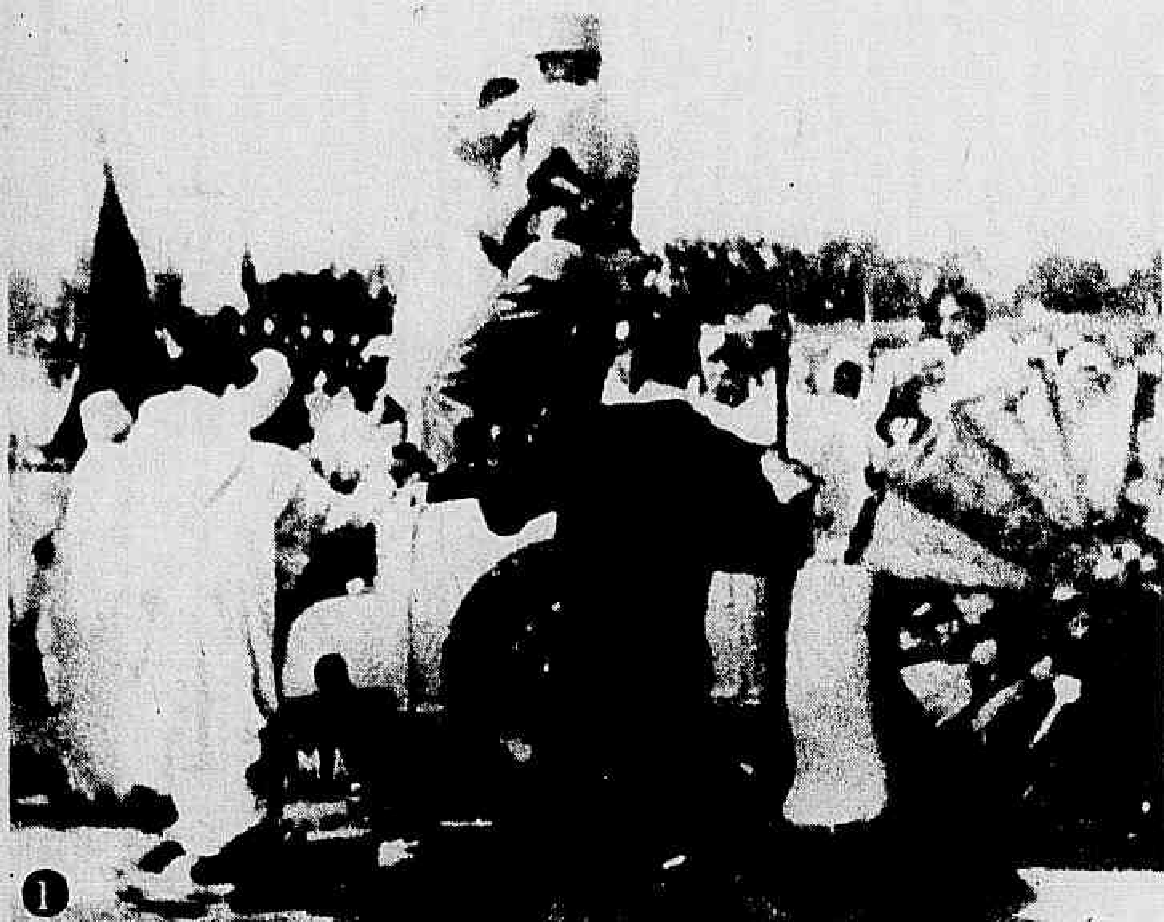
O dono correu atrás da sua Branquinha, agarrou-a, lhe examinou os olhos. Estavam direitinhos, graças a Deus, e muito pretos. Soltou-a no terreiro e lhe atirou mais milho. A galinha continuou a bicar o chão desorientada. Atirou ainda mais com paciência até que ela se fartasse. Mas não conseguiu com o gasto do milho, de que as outras se aproveitaram, atinar com a origem daquela desorientação. Que é que seria aquilo, meu Deus do céu! Se fôsse efeito de uma pedrada na cabeça e se soubesse quem havia mandado a pedra, algum moleque da

(Continua na página 48)

Conto de JOÃO ALPHONSUS

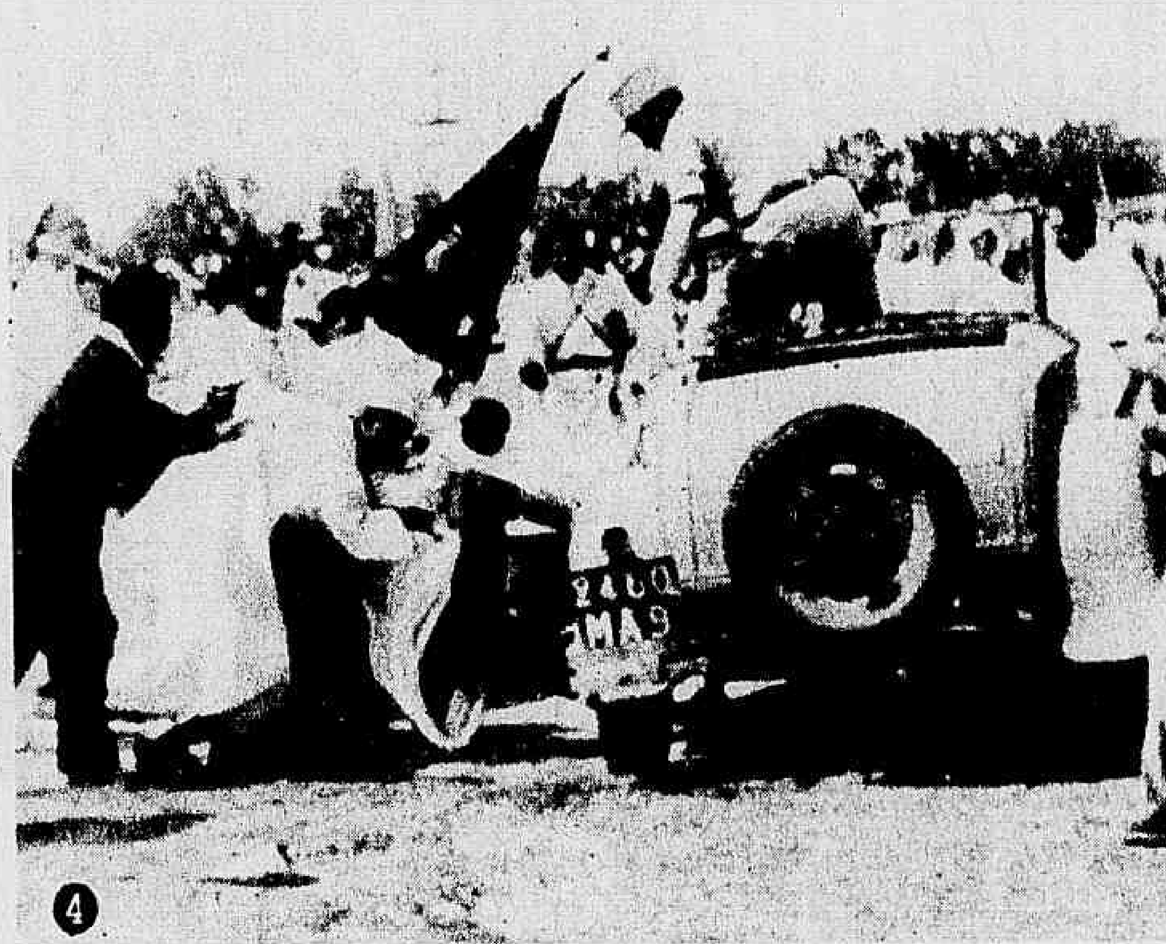
Ilustração de PAULO SOARES

JANELA SÔBRE O MUNDO











PARA MATAR O SULTÃO

1 — Sidi Mohammed Ben Arafa, Sultão de Marrocos, montado em seu cavalo branco se dirigia à Mesquita, a 12 de setembro, com o seu acompanhamento. Súbito, em auto aberto, um chofer se arremessa contra o cavalo do Sultão. Êste salta antes do choque. O cavalo cai com a perna direita da frente quebrada. Um guarda pula sôbre o auto e se atraca com o criminoso. — 2 — O povo, que se dispersara, aflui e assiste ao duelo, enquanto um policial, que, aliás não estava de serviço, corre para socorrer o militar em luta corporal com o inimigo. — 3 — Com forte sôco na cara do revoltado, o policial o derruba ao chão. Já a êsse tempo o outro polícia, de escuro e à paisana, puxa do revólver e se aproxima. — 4 — O criminoso, Allal Ben Abdullah, adepto do Sultão deposto, trava luta com os que estão em terra, mas é abatido com um tiro de revólver do investigador que se aproxima. — 5 — O Sultão continuou o trajeto a pé até à Mesquita. O corpo de Allal foi para o cemitério, enquanto o militar que salvou a vida do Sultão recebia curativos no Hospital, pois foi atingido por golpes de muita gravidade.



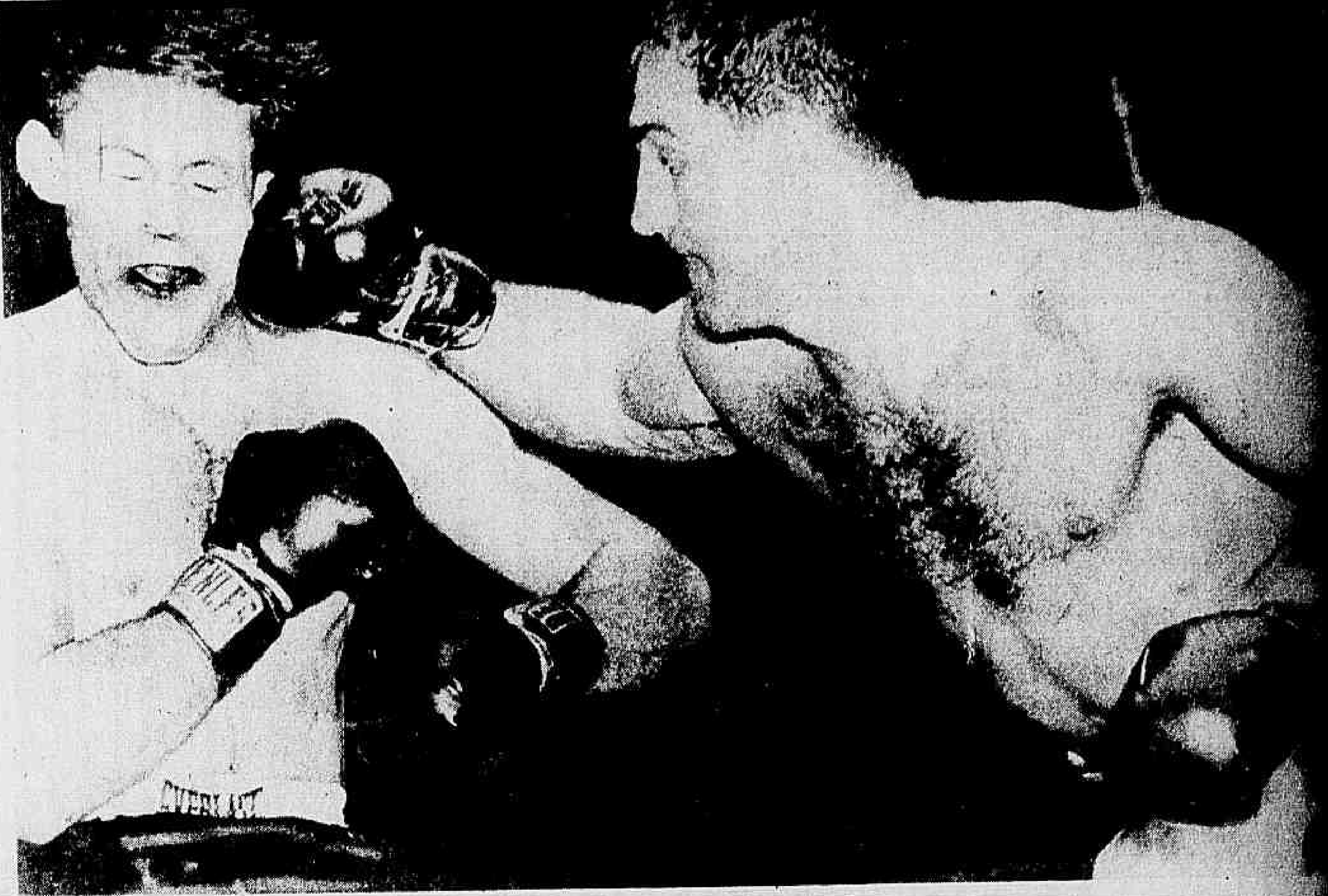
CARTOLA NA TÔRRE EIFFEL

Esta linda demoiselle se chama Patricia D'Or e é filha do famoso prestidigitador Stetson. Aos seis anos de idade começou a fazer mágicas e é hoje uma das maiores no seu gênero. Para mostrar-nos que é capaz de proezas assombrosas, como não era possível retirar de uma cartola a tôrre Eiffel, fêz coisa tão admirável quanto isso: colocou a cartola no tôpo da tôrre, sem precisar ir até lá. Ninguém discute a ilusão de ótica; mas que a Patricia é espertinha, lá isso é.



NOSTALGIA DE MACACO

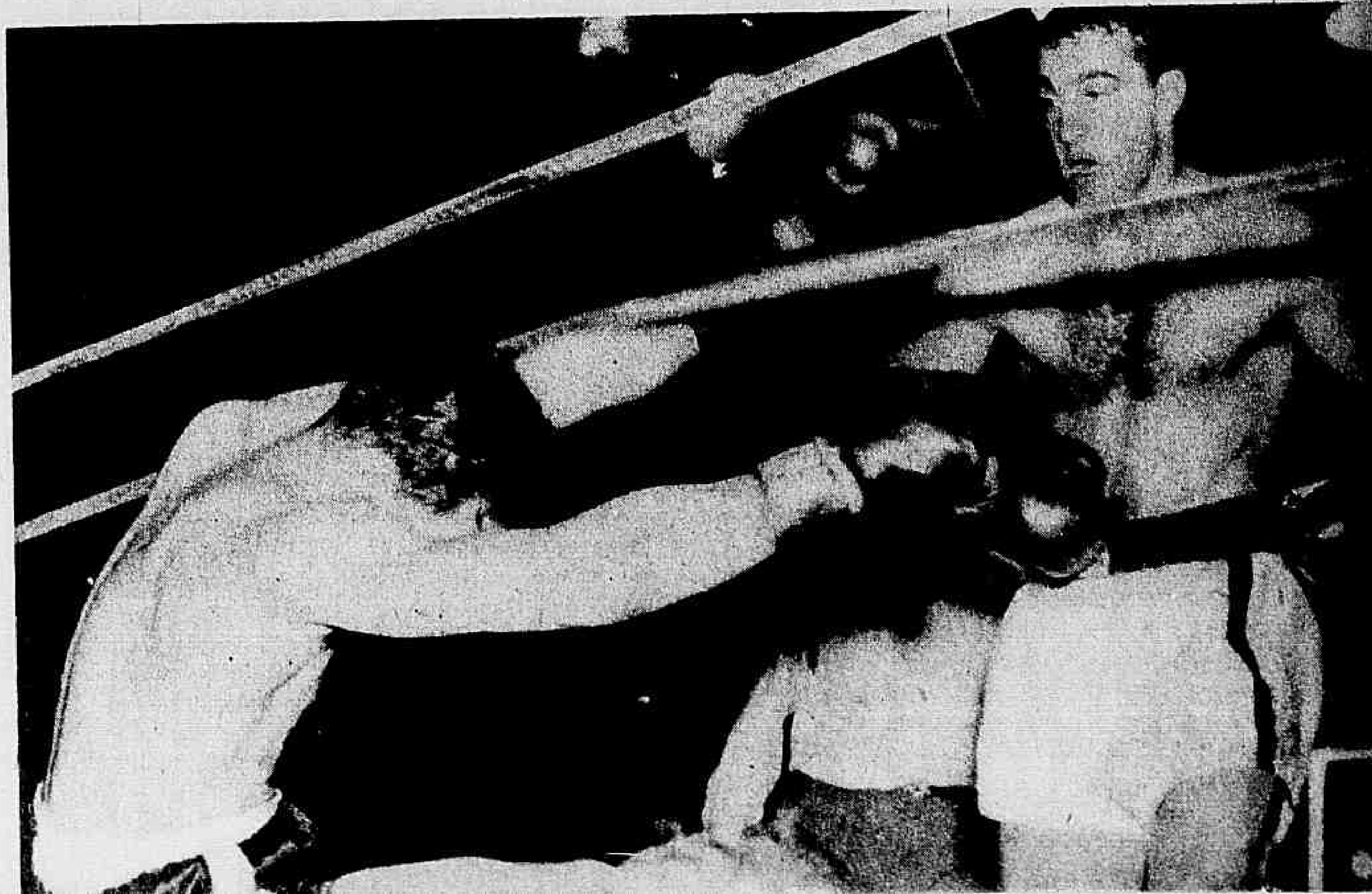
«Bingo» é um macaco da ilha de Borneo, de clima quente e úmido. Levado para o Zoológico de Munich, cidade de clima frio, «Bingo» enrolou os pés num chale de lã, encostou-se a um varal da jaula, abraçado aos ferros do seu cativeiro e meditou na sua sorte. Separado de sua «Bima», deixou estampar-se na fisionomia tôda a melancolia de sua alma a chorar de saudade. Com a chegada da companheira «Bima», esperam que o orangotango se torne feliz e divirta a meninada local.



ROCKY, O DEMOLIDOR — Feriu-se em Nova York, a 28 de setembro último, a luta entre Rocky Marciano e Roland LaStarza, da qual saiu vencedor o primeiro, que manteve o título de campeão. Conforme a seqüência, vemos Marciano atingir tremenda «direita» contra o queixo do adversário, no 11º assalto; na outra parece que Roland se enga-



nou e aplicou um «uppercut» em si mesmo; por fim, após uma saraivada de socos violentos Rocky arremessa Roland às cordas. Passado um minuto e 31 segundos do 11º round, o árbitro Ruby Goldstein deteve a luta e proclamou Marciano vencedor por K.O. técnico. E Roland... **rolou** na lona.





NOVE PEQUENAS PARA UM RAPAZ

Por MICHEL DUCHEMIM

Tradução de SÍLVIA JAMBEIRO

MICHEL, tu deves levar pelo menos dois quilos de açúcar. Pelo menos para me tranqüilizar...

Respirei fundo tomando fôlego para dominar a situação com certo tato diplomático e o fiz com tal perfeição que cheguei a convencer, não sòmente a minha mãe mas a mim mesmo, de que a Iugoslávia abundava em plantações de cana-de-açúcar. Mas o instante começava a tornar-se trágico. O relógio corria, e eu chegava a ouvir o apito do trem que me levaria; ouvia o apito e o resfolegar das máquinas e numa associação de idéias, quase delírio, os trens que vinham em carreira desesperada buscar mulheres e velhos para o exílio durante guerras cruentas, e a cena seguia com saques e arrombamentos de portas e cofres, desespêro e confusão e para sair daqueles pensamentos tétricos e apavorantes comecei a recolher coisas para levar, um capote aqui, uma lata de conserva ali, parecia-me estar arrumando o saco de campanha para um soldado em combate. De repente parecia ter nevado no quarto, tôdas as peças que eu pegava para pôr na mala estavam cobertas de uma camada branca fininha e leve...

— Açúcar! Açúcar! (berrei de repente).

Sim, o açúcar... eu não estava mais preocupado com o açúcar, considerava o caso resolvido e agora verificava que se aplicara a tática chinesa da infiltração silenciosa. Até chegar ao término da viagem eu encontraria açúcar em cada lenço, em cada meia ou camisa.

Minha mala cheia e afivelada, transbordando de tolices, meu saco de viagem modestamente encostado ao pé da cama no instante em que mamãe fêz nova entrada no quarto trazendo desta vez a capa impermeável que eu pretendia deixar descansando esquecida no cabide do vestíbulo. Já não tive fôrças para

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

O jovem arquiteto Michel que tinha por hábito passar as férias visitando terras distantes, certa vez, tentado pelos cartazes coloridos de uma agência de turismo, resolve ir à Iugoslávia. A notícia é recebida sob protestos por sua mãe que, não obstante, começa imediatamente a colhêr informações sôbre a situação política, climatérica e geográfica do lugar. E as peripécias e os apuros de Michel começam aí quando os amigos resolvem colaborar indicando o que convém ou não levar e também fornecendo dados alarmantes e desparatados sôbre a terra a ser visitada. E Michel começa febrilmente a elaborar uma lista que cresce à medida que chovem os conselhos. Amigos vêm visitá-lo e aumenta mais e mais a confusão. Chega finalmente o dia da partida e o rapaz desanimado olha a mala por arrumar e a desordem que reina no quarto: roupas, apetrechos esportivos, medicamentos e mantimentos diversos em quantidade suficiente para encher um vagão. A mãe de Michel entra no quarto multiplicando a confusão. E então em cima da hora o viajante resolve entulhar a mala como pode, pois só lhe restam alguns minutos para correr e pegar o trem, que o levará na primeira etapa daquela viagem «organizada».

opor resistência. E o que é pior concordei submisso em levar também uma bôlsa de praia em lona vermelha com listas côr de pistache, dessas que de jeito nenhum podem passar desapercebidas.

Lembrei-me no entanto que seria útil no caso de naufrágio para fazer sinais pois seria vista à distância. Enfim um homem que se dispõe a levar a bagagem na mão tem de se sujeitar a estas circunstâncias embaraçosas.

Mamãe sempre providencial descobriu o saco de latas de conserva, que eu esquecera propositalmente, meio escondido, com habilidade, entre umas roupas que iam ficar. Sim, e a camisa escocesa que não tinha intenção alguma de levar em minha companhia para a Iugoslávia também foi descoberta e recomendada:

— Esta camisa é de lã, meu filho, e as noites em geral são bastante frias lá . . .

Para tôdas as mães as noites são frias, geladas, mesmo nos trópicos, mas eu não ia para os trópicos, tanto pior para mim.

No momento eu não me sentia com fôrças nem para resistir, se mamãe insistisse em me fazer levar o tal açúcar que com tanta energia eu me opusera a levar. A minha sorte é que ela não teria tempo para ajuntar com uma colherinha os quilos que se haviam espalhado pelo quarto e pelas roupas da minha valise.

Cinco minutos mais tarde eu tomava um ônibus em movimento.

Parecia-me ir a nado, sentia a vista turva, os dentes cerrados. Lembrei-me que nos jornais cinematográficos sempre se vê os exploradores como figuras radiantes e sorridentes, e ouvem-se hurras à sua partida. Mas, quem diz cinema diz chique, diz elegância e pose. E seus heróis mostram-se alegres e joviais ainda que sintam no coração a tristeza romântica das vendedoras de violetas.

E além de tudo eu não sou explorador nem vendedor de violetas e não achava motivo algum para sorrir. E de repente lembrei-me de Byrd . . . Byrd que partiu com um sorriso nos lábios e declarou ao microfone: «Estou muito contente e prometo desta vez superar a anterior». Não obstante, ao chegar lá teve a surprêsa de verificar que se esquecera dos «skis» . . .

Eu também, certamente, naqueles preparativos febris, devo ter esquecido alguma coisa de importância vital; e só me certifiquei disso tarde demais.

E uma dor atroz me cortou o coração. Meu calção de banho! Um calção de «nylon», padrão escocês de uma classe sensacional que eu comprara ainda a tempo e que vira numa fotografia de uma velha numa revista sôbre Saint-Germain-des-Prés. Meu calção de banho! Tanta afobação, tanta lista, tantos conselhos . . . e nem percebera o esquecimento.

Que fazer? Lancei uma olhadela às duas respeitáveis senhoras sentadas à minha frente. E só meu incurável pudor não deixou que eu tirasse minha valise de sob o banco e verificasse ali mesmo num último sôpro de débil esperança. Oscilei entre a vergonha de revelar a todos os passageiros daquele ônibus o interior desordenado da minha mala e a inconveniência de seguir para a côrte da Dalmácia sem o seu «maillot» de banho.

Senti os lábios secos, os olhos febris e torturados pois as duas senhoras à minha frente, que discutiam antes animadamente as liqüidações de fim de estação, pararam bruscamente e passaram a me observar. Seria melhor que elas disfarçassem um pouco ou eu acabaria por cair sem sentidos em seus braços, com uma síncope.

Teria eu tempo ainda de descer, pegar um táxi e revistar os escombros do meu quarto em busca do calção esquecido? Não, não havia mais tempo. Havíamos marcado encontrarmos nós todos às sete horas em frente ao «guichet» de passagens internacionais. E já eram sete e dois minutos. Continuei pois recostado na minha poltrona de ônibus, olhos cerrados, decidido a tudo enfrentar.

★

Em frente ao «guichet» de passagens internacionais quatro homens uniformizados — evidentemente não estavam esperando pessoa alguma — pareciam mais dispostos a dançar uma quadrilha do que a viajar para a Iugoslávia. Além do mais pareceram-me bastante idosos para nosso grupo.

Fiquei portanto a uns vinte metros de distância, com as mãos nos bolsos sem outra preocupação de que a de parecer despreocupado.

Fiquei um pouco desiludido, devo confessar; esperava ouvir de repente o grito de «Cruzeiro à Dalmácia» ou «Vamos todos à terra de Tido» mas . . . nada.



Ilustração de RAMON

Nisto divisei distante duas jovens, valises na mão, bem vestidas, saltos altos e aspecto humano. Abrigado pelo meu anonimato provisório eu as observava. Belos costumes, dentes brancos, pernas bem feitas . . . nada mal, nada mal. Estas são «certamente» do nosso grupo.

E repeti para mim mesmo a frase de abordagem que inventara: «Perdão, senhoritas, mas estão de viagem para a Iugoslávia?» E tornei a ensaiar assim como um ator estreante que vai entrar em cena. Ensaiei mas não disse. Porque no fim de tudo elas poderiam responder que não, que elas iam para Villeneuve-Saint-Georges.

Para ganhar tempo resolvi comprar uma revista, o LIFE; sempre achei que o LIFE se porta muito bem em viagem, recomenda quem o traz; ignoro o inglês mas olho as figuras, os reclames. Uma distração sadia.

E passei diante do grupo que foi enriquecido por mais duas moças. Êste grupo estava muito bom, os rapazes chegariam certamente de um momento para outro.

E eis que surge por trás de um automóvel o organizador da viagem! Vem de braços dados com as quatro moças; mas esperto do que eu. Vou para êle com o coração na bôca.

O organizador tem uma barba estilo Henrique II, digamos uma espécie de Raskolnikov não dividida, enfim, para simplificar vou batizá-lo de Barbudo.

O Barbudo me deu um amigável tapa nas costas mas com tanta fôrça e me inundou com tantas palavras amigáveis que fiquei alarmado e perguntei:

— Não vamos mais partir?

— Ora (disse êle surprêso e sorridente) o que a faz supor que não partirão mais? Tem algum impedimento?

E êle enxuga a testa afobado, suas mãos tremem.

Creio ter visto uma das moças chamar a atenção da que está perto dela; mesmo porque no meio de tôdas as efusões entusiasmadas do Barbudo eu pude perceber o interêsse extraordinário que minha presença estava despertando nas pequenas. Seus olhos não me deixavam um instante e tive a impressão de vislumbrar naqueles olhos a curiosidade e, Deus me perdoe, um quase fascínio. Tudo indicava que viam em mim uma imagem celestial, numa nuvem doirada, circundada de anjos cantores, pois seus olhares não poderiam ser mais edificantes. Não sei como não baqueei sob o golpe de tão agradável surprêsa.

— Tenho algo para lhe dizer (disse-me o Barbudo tomando-me pelo braço).

E, num canto, como um náufrago que se atira às ondas, falou:

— Eis aí, meu caro amigo, passa-se uma coisa terrível!

Êle pára um pouco e me observa. Sinto as pernas tremerem, que será? Que venha logo, detesto adivinhações . . .

— Os outros rapazes não puderam vir! E . . . só conseguimos mais moças para substituí-los. Você terá portanto umas dez moças ao todo em sua companhia.

— Mas você se sairá bem (prosseguiu o Barbudo). Nós sempre achamos as coisas mais complicadas do que realmente são, mas não, tudo se arranjará, você verá, entre gente de nível elevado, tudo se arranjará, não é mesmo? Sim, porque não há outro jeito, não acha? E quem poderia prever? Ninguém. E é a primeira vez que isto me acontece . . .

A êle? Então era êle por acaso a vítima naquele instante?

— Que é que você quer? gemeu o homem) e estas jovens não são menores de idade, elas são tôdas emancipadas, sabe?

Não tentei sequer deter aquela loquacidade. Êle me exortava, e gesticulava e eu perguntava a mim mesmo para que tanta conversa, tanta tragédia, afinal eu não estava achando que a situação justificasse um «harakiki . . . Começava a achar que a perspectiva atual da viagem não era desencorajadora mas antes curiosa e até interessante, sim interessante.

Certamente me estava acontecendo o que dizem que acontece nas grandes dores, nos grandes golpes — no momento a pessoa fica como que insensibilizada, nada o perturba e então depois vem a reação de uma vez.

— Pois muito bem (continuou o Barbudo sùbitamente animado) não se esqueça que em Rijeka o acompanhador iugoslavo espera vocês. Pelo menos dali por diante vocês serão dois homens no grupo.

E voltamo-nos ambos para o grupo das pequenas, eu todo sorridente êle satisfeito. Nenhuma disse nada. Tôdas me olhavam. O que estariam elas esperando? Que eu sapateasse de raiva, que renunciasse à viagem com um soluço na garganta ou que me atirasse a seus pés sem fôlego com a surprêsa? . . .

(Cont. no próximo número)

Semana Literária

EDMUNDO LYS

UM AUTOR:



Emílio Moura

EM edição José Olympio, sob o título geral de «Poesia», foram reunidos os três livros de versos do poeta Emílio Moura: «Canto da Hora Amarga», «Cancioneiro» e «O Espelho e a Musa». Podem assim os leitores de poesia acompanhar nesse volume a evolução — se tal se pode dizer de um poeta sempre fiel a si mesmo — de um lírico dos mais altos das letras contemporâneas. Não apenas brasileiras — é o que insinuamos, como o leitor fàcilmente compreenderá.

De fato Emílio Moura conseguiu o milagre de escrever para o tempo e para a eternidade. Sua poesia logo se destaca no nosso pequeno mundo, como uma grande poesia, mostrando em Emílio o verdadeiro poeta. Êsse mineiro que nunca se exilou de suas montanhas, como alguns dois ou três em nossa história, se tornou uma voz absolutamente à parte. Nenhum movimento exterior perturbou o seu mundo lírico. Êle se conservou pessoal e, apesar de todo o barulho que andou pelas ruas do modernismo, à margem de tendências e chamadas escolas. Fundou talvez o «emilismo» — impossível de ser continuada, por tal forma é única a sua poética, como a sua inspiração.

O volume agora aparecido, tem um belo estudo crítico de Carlos Drummond de Andrade.

NO MUNDO DAS LETRAS

«SE A FASE do ouro não trouxe ao Brasil empreendimentos de grandes resultados para o futuro, incentivou vultosa imigração para o centro sul do país, promovendo a construção de numerosas cidades. Criou grandes mercados de gado, deslocou a capital da Colônia para o Rio de Janeiro e permitiu a formação de capitais em escravos e tropas que facilitariam, dentro dum século, a expansão da lavoura cafeeira nas províncias do Vale do Paraíba» — palavras mencionadas na página 345 do primeiro I de «História Geral das Bandeiras Paulistas», de Afonso de E. Taunay, das Edições Melhoramentos.

POESIA, PRÊMIOS E FÔRÇA BRUTA

● Um movimentado caso literário, êsse que acaba de acontecer em Minas. Nêle se misturam poesia, prêmios e fôrça bruta. Um dos seus protagonistas, o poeta Da Costa Santos, estêve no Rio e dêle colhemos alguns pormenores que, infelizmente, não cabem nesta página. O caso se passou da seguinte maneira: concorreram ao prêmio da Academia Mineira de Letras, êste ano, Da Costa e Lúcia Machado. Parece que os sufrágios se inclinavam para o primeiro e, por isso, o presidente da Academia, Mário Casasanta, resolveu agir, em favor da segunda. Chegou, mesmo, a mandar às urtigas os regulamentos da casa, rejeitando os votos por procuração. O prêmio foi dado à protegida do presidente. Entretanto, o poeta concorrente não se conformou com isso: esperou o presidente na esquina e interpelando-o, e sendo desatendido, acabou por esmurrá-lo, metendo-o em fuga. Como conseqüência, requereu também Da Costa Santos um mandato de segurança contra o esbulho de que foi vítima e de que dão conta muitos acadêmicos dos mais autorizados, conforme o que lemos na imprensa mineira.

A IMPRENSA EM JUIZ DE FORA

● O jovem poeta e historiador Dormevilly Nóbrega, tão interessado pelas imagens como pelos alfarrabios, tem o plano de uma obra histórica sôbre a imprensa em Juiz de Fora, onde atualmente reside. Nesse sentido fêz um anúncio convocando todos os que têm jornais, livros, revistas e informações sôbre a imprensa na cidade do Paraibuna, no sentido de que lhe façam chegar comunicações para sua obra. Enderêço: avenida Rio Branco, 1549, Juiz de Fora, Minas. Fazemos esta divulgação a fim de cooperar com o brilhante escritor, desejosos de que sua obra corresponda aos seus altos objetivos e pelo fato de existirem fora de Minas muitas pessoas que podem contribuir para o tombamento necessário das atividades jornalísticas em Juiz de Fora.

PORTINARI, ILUSTRADOR

● Além das ilustrações que fêz para a publicação, em «O Cruzeiro», do romance «Cangaceiro», de José Lins do Rêgo, Portinari fará outras ilustrações, exatamente para a «História e Tradições da Cidade de São Paulo», de Ernâni Silva Bruno, edição de José Olympio. A obra sairá em três volumes, abrangendo quatro séculos de história de São Paulo, capital. Conterá ainda ilustrações de Clóvis Graciano e prefácio de Gilberto Freyre, além de farta documentação fotográfica.

SALDANHA COELHO



● Saldanha Coelho que tem sido um dos mais dinâmicos animadores de empreendimentos e realizações da nova geração, diretor da excelente «Revista Branca», de regresso dos Estados Unidos, acaba de publicar seu segundo livro de contos, «O Pátio», confirmando os elogios que a crítica lhe consagrou por sua estréia no gênero, com «Mural».

UM LIVRO:

"O GANGSTER NO CINEMA"

COMEÇA a crescer nossa bibliografia cinematográfica, acompanhando o desenvolvimento da sétima arte entre nós. Bom sinal. Isso quer dizer que não nos limitamos ao simples artezamento, ao empirismo, pelo contrário, procurando juntar o estudo sério de uma técnica moderna e de suas confluências no domínio da estética, ao que podemos adquirir no terreno prático. Diremos mesmo que, como prova êste ensaio de Salvyano Cavalcânti de Paiva, ultrapassamos até os limites da estética cinematográfica, para irmos além, investigando as relações do cinema com a ética, a vida moderna, suas influências no mundo de hoje, suas intercorrências na sociologia e na política.

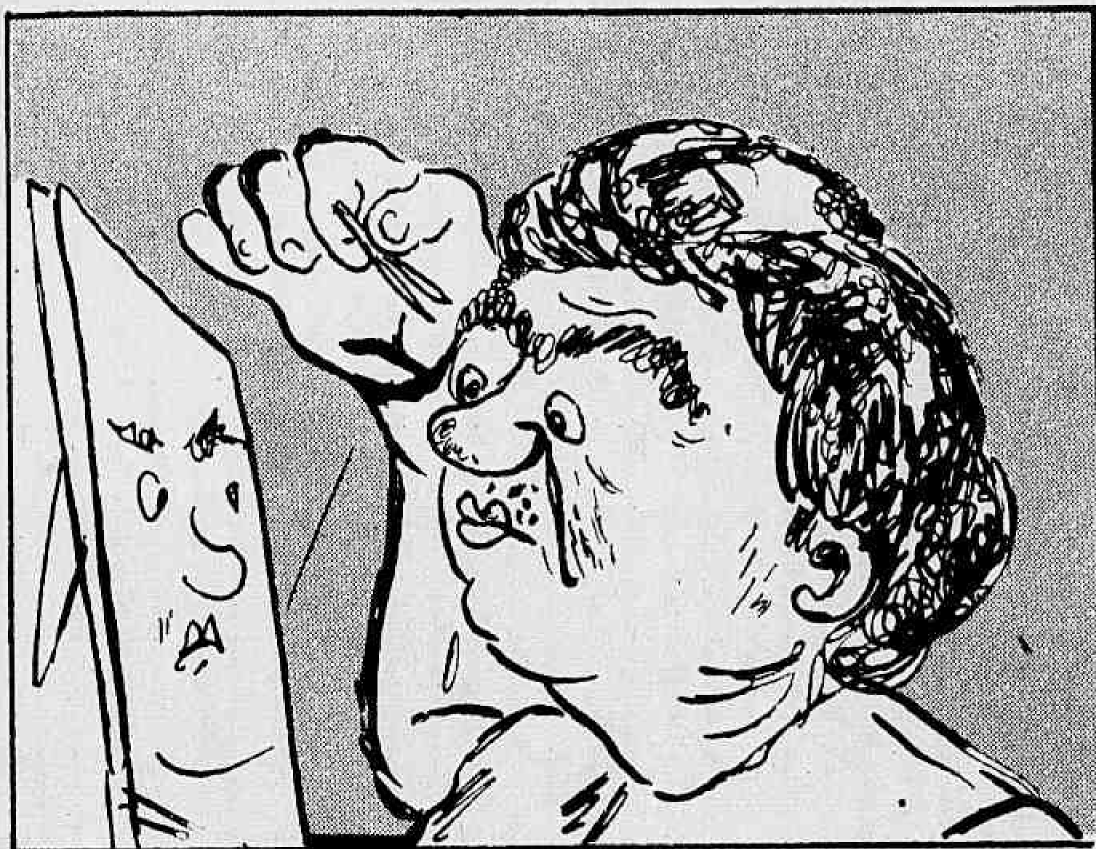
É sob o aspecto sócio-político que o autor de «O Gangster no Cinema» encarou o problema do chamado filme policial, como é feito nos Estados Unidos. O livro é principalmente corajoso, quase, diríamos, panfletário, tanto é certo que o gênero «gangster», em suas várias modalidades, serve ao autor como um material de exame, para uma análise da sociedade, da economia e da política americana. Nesse sentido, embora o apoio que o ensaísta encontra, para suas afirmativas, em muitos autores, achamos que há evidente exagêro nas suas conclusões, o que empresta à obra um tom de evidente facciosismo. E, por isso mesmo que Salvyano Cavalcânti de Paiva utiliza honestamente as aspas, tôda vez que sentencia sôbre a democracia, os processos políticos, as organizações dos trustes criminosos e suas ligações com o mundo oficial — por isso mesmo, dizíamos, é que somos obrigados a fazer restrições a êsse aspecto da obra. Para a maioria das arrojadas conclusões a que chega o autor, exige-se mais do que os simples depoimentos alheios, necessita-se uma experiência própria, a vivência dos fenômenos, o conhecimento pessoal do meio, dos ambientes. Essa gratuidade de afirmações, embora prevenido o leitor de que não se trata de um livro «contra» os Estados Unidos — conforme o aviso da «Introdução» — nos leva a só poder aceitá-lo como tal: num caso como êste, não são as intenções do autor que prevalecem, mas o que êle escreveu, o que estamos lendo. De forma que, impossibilitados de argumentar aqui contra as possíveis falhas da obra, de uma crítica, somos obrigados a declarar que êste livro de cinema, só enquanto cinema, é excelente — o que não impede que todos devam lê-lo, até mesmo para discuti-lo — bem informado, esclarecedor de muitos problemas e, principalmente, do caso fascinante que aborda, qual seja o da gênese, desenvolvimento e decadência do filme de «gangsters». Também nos falta autoridade para opor argumentos válidos ao autor, quando fala, por exemplo, da «velha hipocrisia americana». Contudo em sã consciência, repugna-nos aceitar essa generalização da maneira por que foi apresentada. Discutir essa opinião, entretanto, seria fazer polêmica, e polêmica não é, de forma alguma, a finalidade dêste modesto registro bibliográfico.

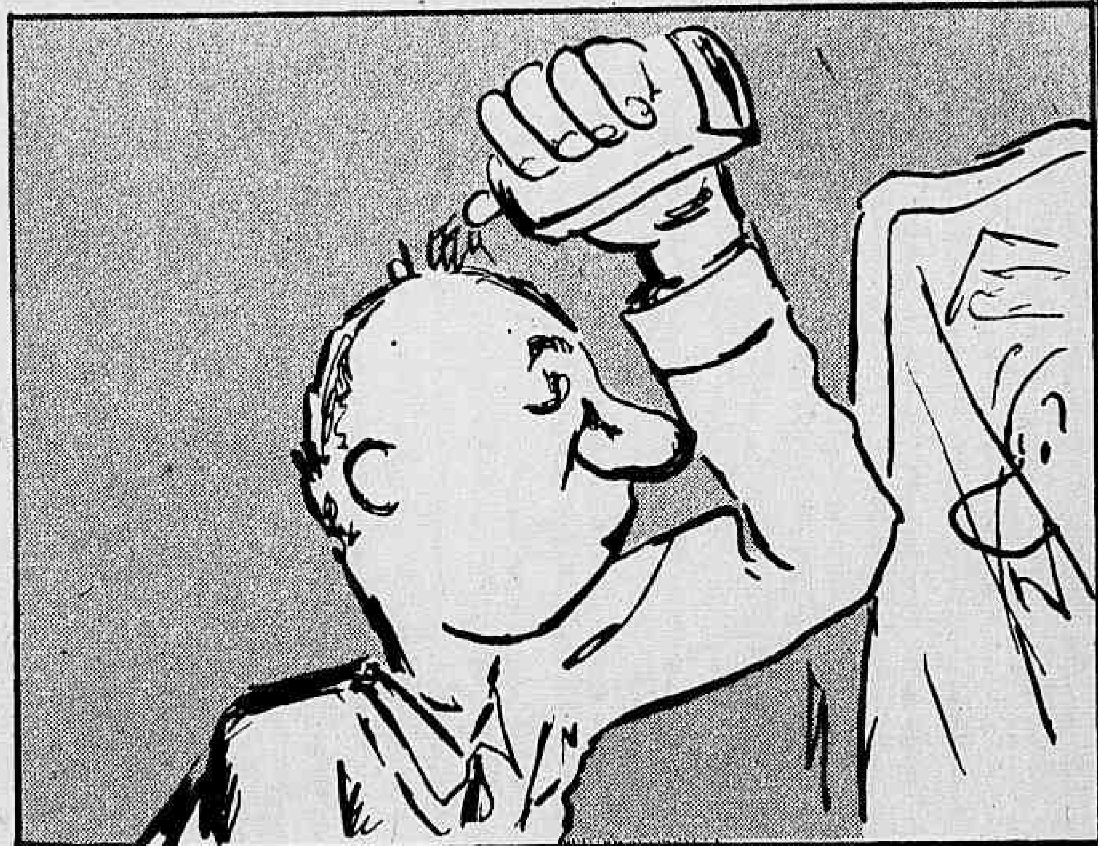
De qualquer forma, «O Gangster no Cinema» vem revelar ao Brasil um novo ensaísta, um crítico de cinema de alta categoria, se não pelo acêrto de suas opiniões sôbre fenômenos estranhos à arte do filme, pelo menos no que demonstra de real estima pelos problemas cinematográficos que transcendem ao mero espetáculo fílmico. Como dissemos acima, «O Gangster no Cinema» é uma obra fascinante e que, criando a controvérsia, abre largos horizontes ao debate de um tema que, até agora, era encarado da simples periferia.

ÊSTE MUNDO E O OUTRO...

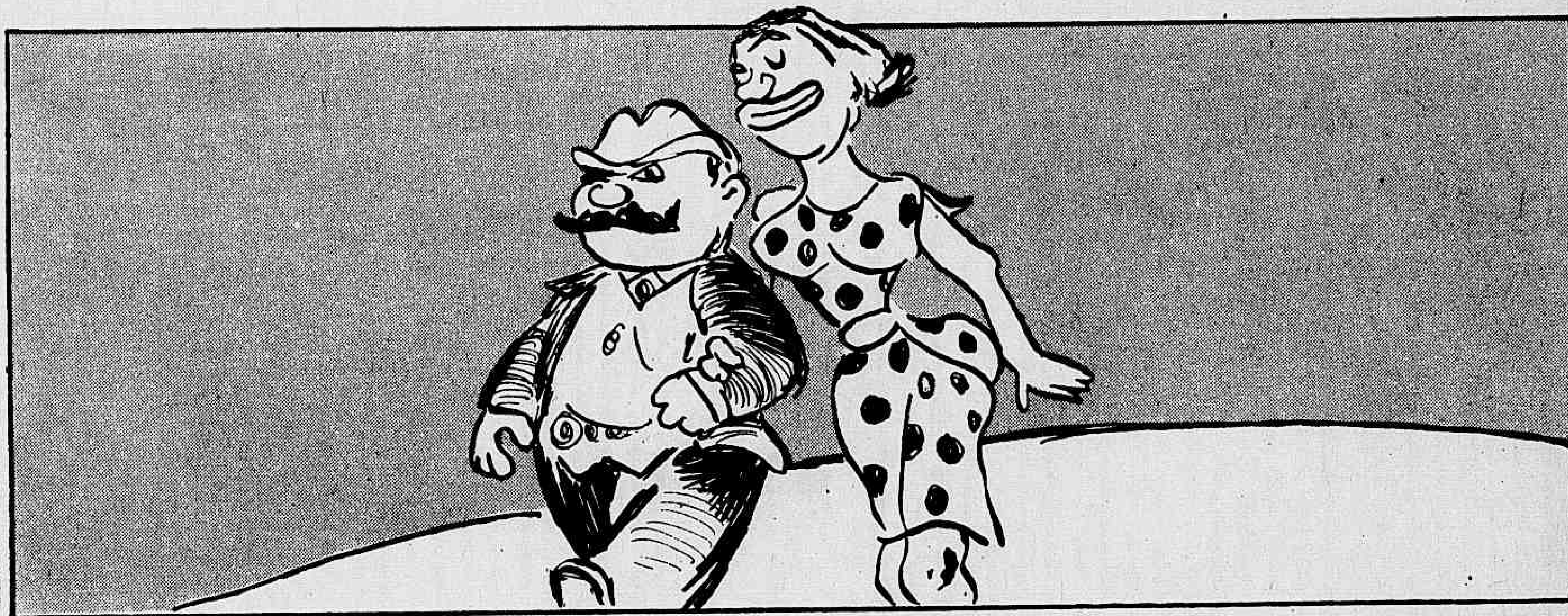
4 — A VIDA É ASSIM...

CRIAÇÃO DE DARCY

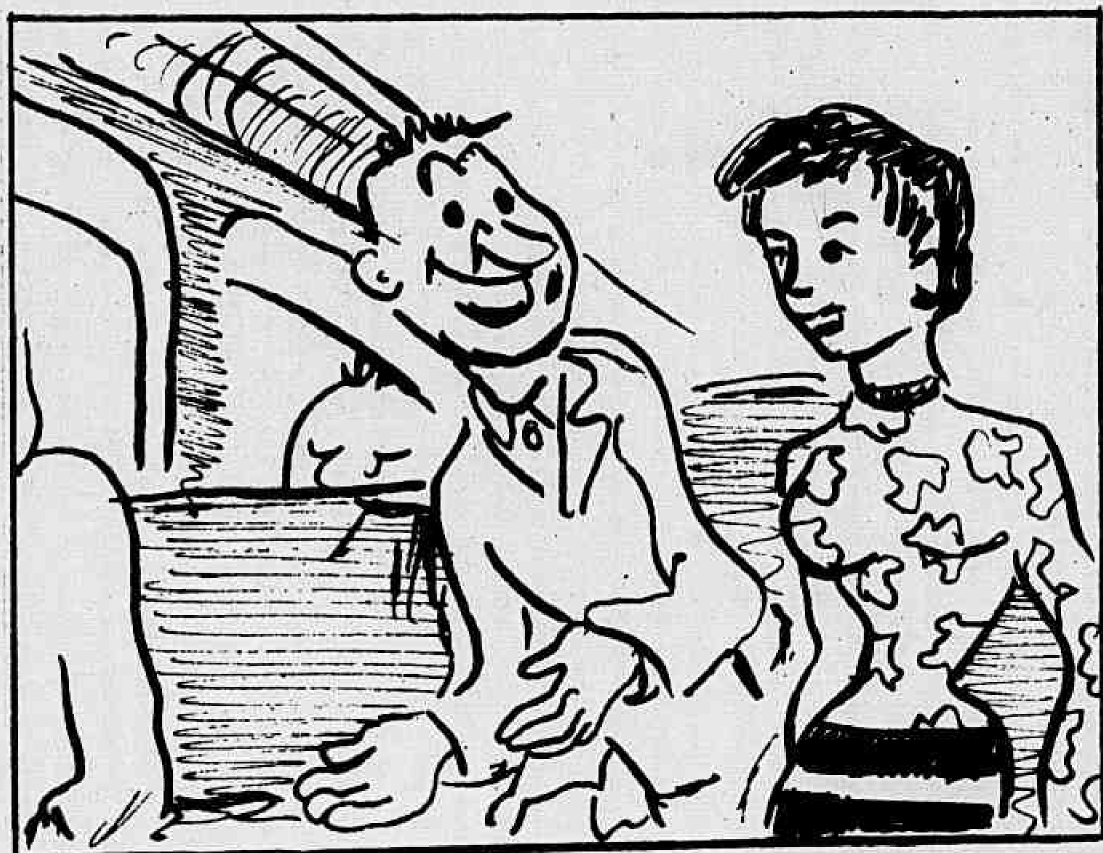


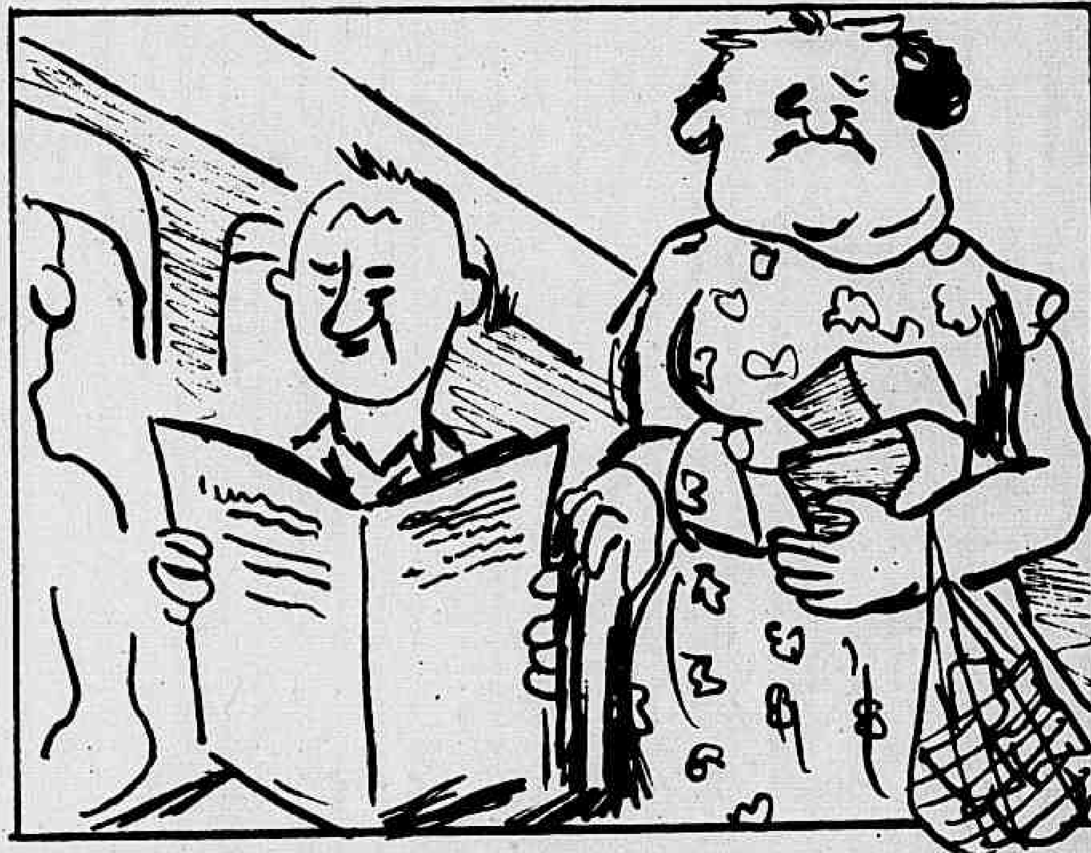


MUITO PÊLO, POUCO PÊLO...



A ATRAÇÃO DOS CONTRASTES





NO ÔNIBUS, A NOÇÃO DE GENTILEZA VARIA MUITO...

GRANDE CONCURSO! ÁLBUM REVISTA DA SEMANA



MAIS DE DUZENTOS MIL CRUZEIROS EM PRÊMIOS!

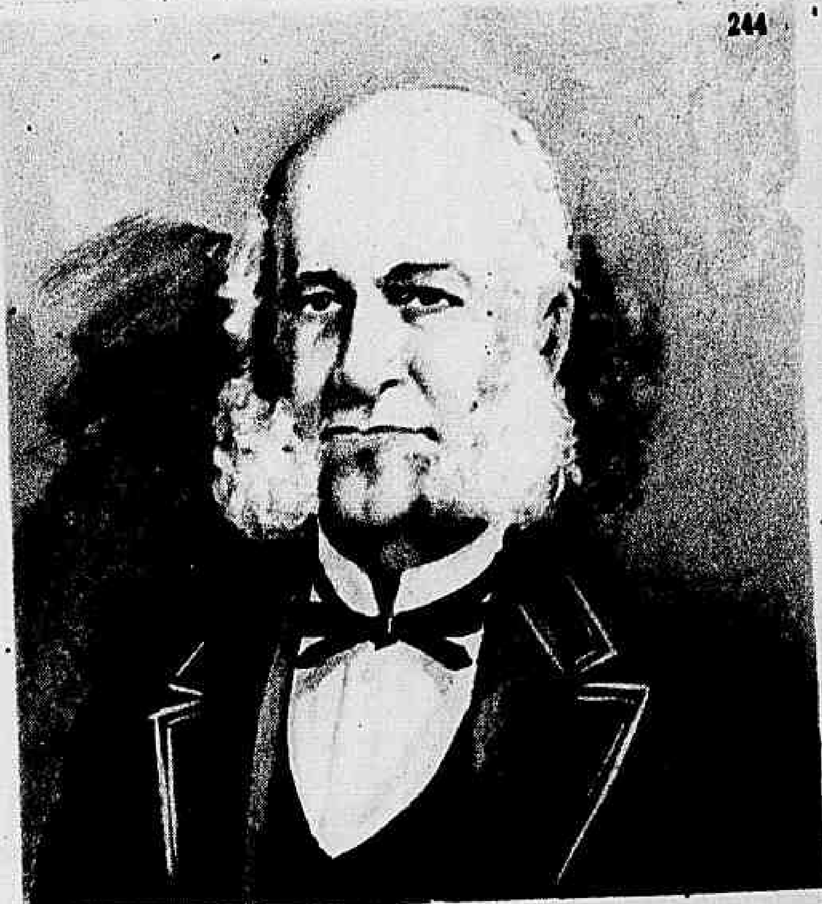
AOS novos colecionadores de cromos publicados na REVISTA DA SEMANA, comunicamos que o direito ao próximo sorteio de Natal de 1953, não está subordinado ao cumprimento da primeira viagem encerrada a 30 de junho p.p. Todos os que preencherem os claros do ÁLBUM, a partir da edição desta REVISTA, nº 27, de 4 de julho último, farão jus aos prêmios da segunda viagem turística a terminar com o cromo nº 312, na REVISTA de 26 de dezembro próximo.

● Os prêmios, em número de cento e vinte e dois, desde objetos de utilidades domésticas, até terrenos, televisão, enceradeiras, máquinas de escrever, de costurar e uma infinidade de outras coisas de real valor, serão entregues, de qualquer forma, aos possuidores do ÁLBUM, pois nada ficará para a emprêsa organizadora, e, se não acertarem com o número exato, poderão ser contemplados com aproximações.

Realização da BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL S. A. — Rua Visconde de Inhaúma Nº 134 — Rio de Janeiro.





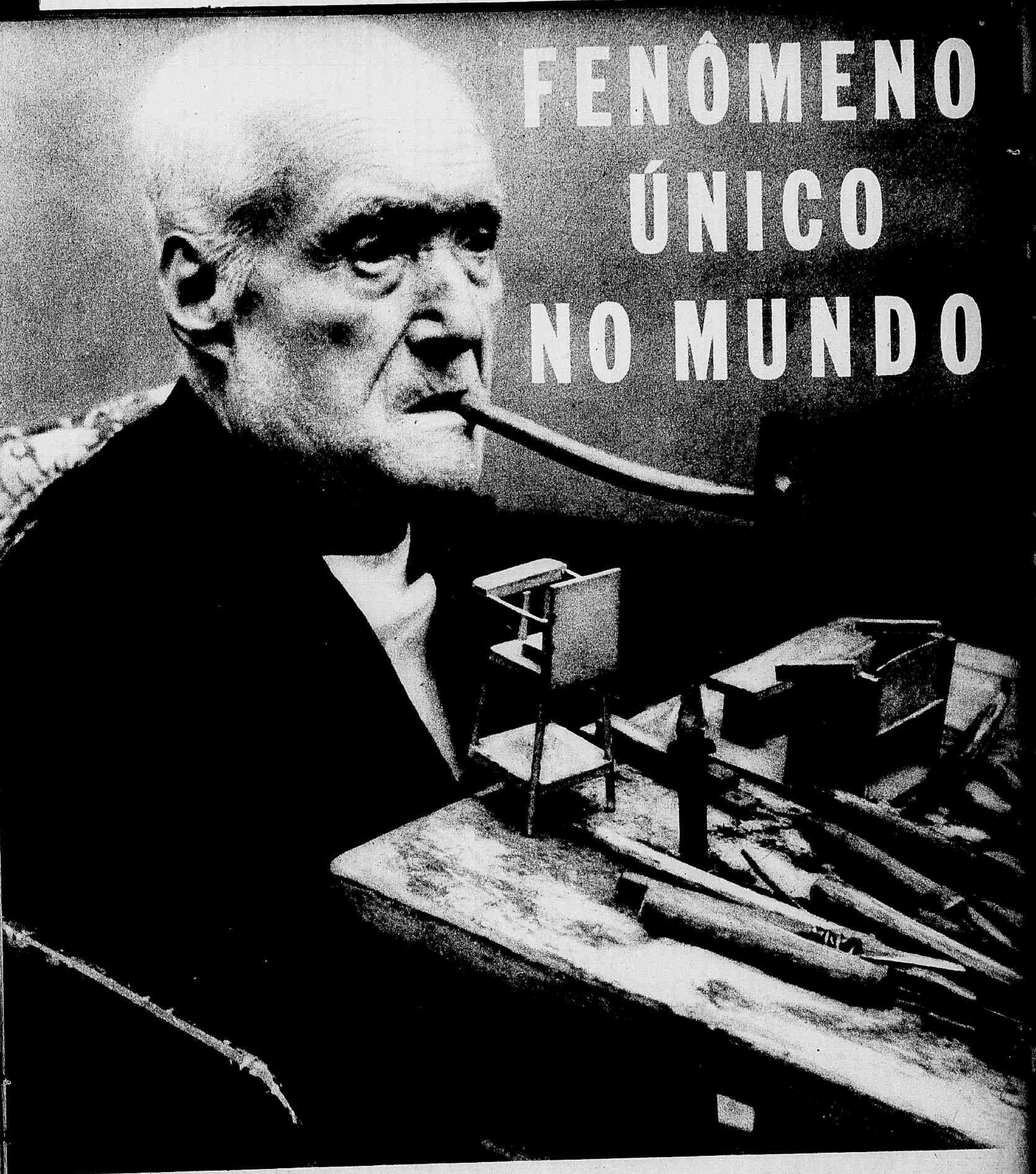








FENÔMENO ÚNICO NO MUNDO



No decorrer dos anos, o «homem busto», para não ficar atirado a um canto como inútil, exercitou-se com um martelo e outros utensílios para fabricar pequenos objetos para as crianças. E os «maneja»... com a bôca, com grande perfeição.

NO PACOTE QUE O HOMEM CONDUZIA, ESTAVA UM VELHO DE 70 ANOS DE IDADE ★ CHAMA-SE PIERRE MAHIEUX E É BRETÃO ★ EMBORA SEM BRAÇOS E SEM PERNAS, TRABALHA COM EFICIÊNCIA.

Reportagem de PAUL ALMASY

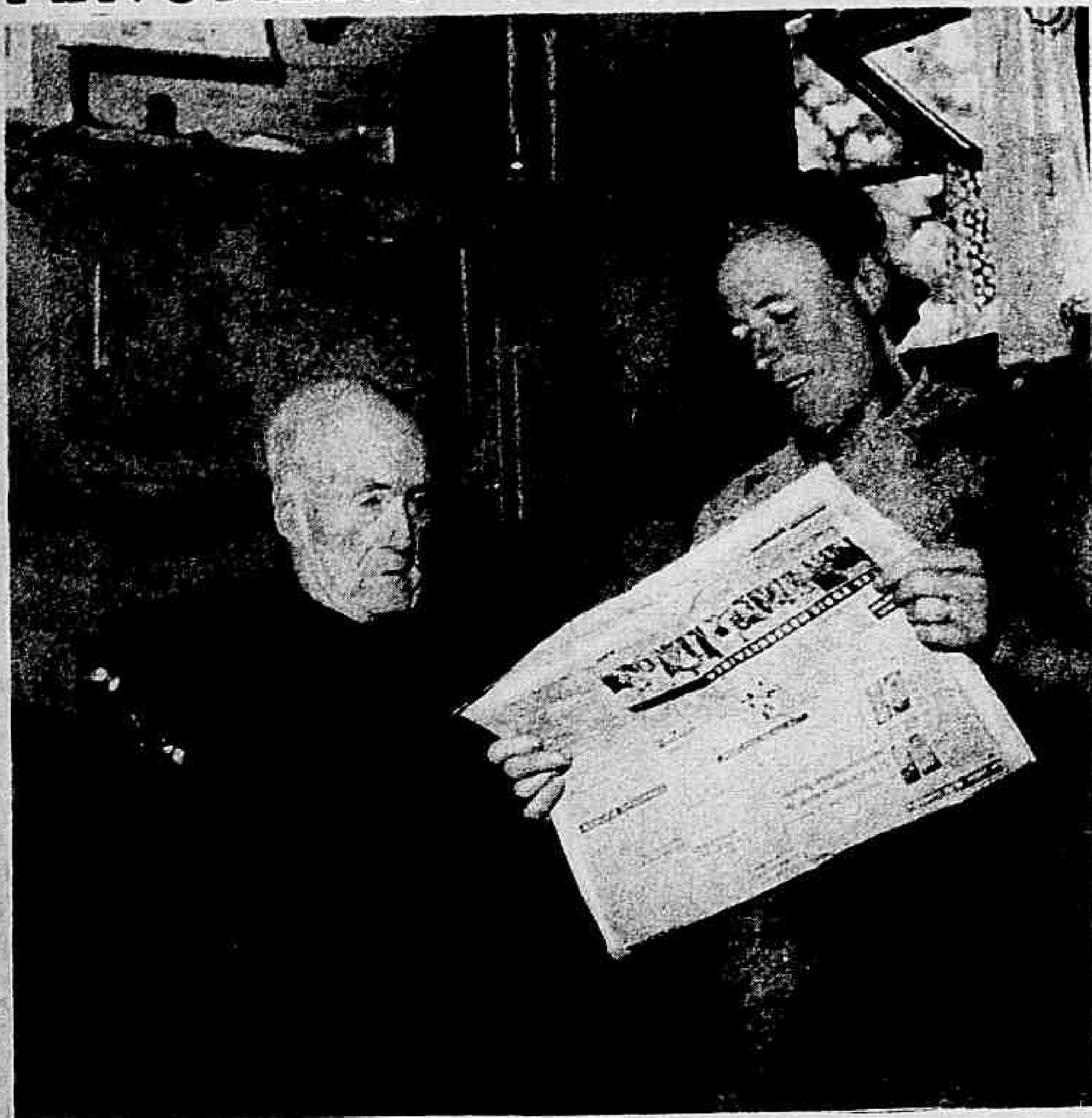
ERA mau o tempo sôbre a costa normanda. Em Saint Vaast um homem desce lentamente a rua que borda o mar e segue em direção ao Fort de la Hougue. Leva êle um pacote nos braços, envolto numa fazenda negra. Eu o conheço. É um comerciante de Passel no Oise. Chama-se Feltin. Êle me reconhece. Saudamo-nos e paramos por um instante.

— Que leva aí nesse embrulho, caro Feltin?

— É um amigo que conduzo para ligeiro passeio.

— Um amigo? Nesse volume? Você está pilheriando, homem!

FENÔMENO ÚNICO NO MUNDO



Muito interessado pelos acontecimentos mundiais, êle, diàriamente ouve a leitura dos jornais, por sua prima Hersard.



O sr. Feltin, amigo da família, leva o super-mutilado a um passeio. Conserva-o embrulhado para evitar sustos em muitos.

— Não, não. Êste embrulho contém o sr. Pierre. Veja-o.

Feltin o descobre e eu vejo a cabeça de um homem. Êle boceja e a luz natural lhe faz piscar os olhos. Fico atônito. A quem pertencia aquela cabeça de homem já velho? O volume era o de uma criança de um ano, no máximo. Onde estava o corpo daquele homem? Não seria isso um truque de ilusionismo? Mas Feltin me explicou: Pierre Mahieux, homem de setenta anos de idade, já nasceu sem pernas, sem braços, e mesmo sem os ossos da bacia. Só com o busto e a cabeça. É êste homem curioso que eu levo aqui».

E assim soubemos tudo a respeito do maior fenômeno da Terra, em tal sentido. Nasceu êle a 3 de maio de 1879, em Carentoire, Bretanha, de pais robustos e normais, saúde perfeita. O pai, que ainda vive, está com seus 95 janeiros e mora onde Pierre nasceu. Como a Natureza pôde manter um tal fenômeno? Dizem as mulheres de Carentoire, que, quando a mãe de Pierre estava grávida, viu um busto qualquer e se impressionou, nascendo assim o filho. Mas isso é do domínio da lenda e da superstição. Médicos do mundo inteiro têm examinado o caso e todos acham que se trata do mais assombroso fenômeno da história da Medicina. Muita gente normal poderá invejar a saúde de ferro de Pierre Mahieux. Apesar de sua figura estranha, jamais estêve doente em tôda a sua vida. Come de tudo o que desejar, mas suas refeições estão reduzidas à proporção do seu corpo. É que êle não mede mais que 58 centímetros e pesa 17 quilos. Ao nascer tinha apenas 600 gramas. Sua cabeça tem exatamente as proporções das de um homem adulto. Coisa curiosa: quando o metem nágua, êle flutua como uma bóia. Suas faculdades mentais são as de qualquer pessoa normal. Tem conversação fluente, discute acontecimentos políticos, sabe ler um pouco e escreve segurando um lápis com os dentes. Pinta um pouco e, com o «manejo» da bôca, segurando pequenos instrumentos como o martelo, facas, etc., êle fabrica objetos para crianças, trabalho que lhe dá muita alegria. De sua tenacidade saem casinhas para bonecas, cadeiras pequeninas, camas, etc., tudo feito com muita afeição e habilidade.



Sua prima Mme. Hersard tem todo o cuidado com o setuagenário sem braços e sem pernas, não lhe faltando nada no lar.



Eis o que êle come: café e biscoitos (pela manhã); carne, ôvo, legumes e fruta (almôço); sopa, omelete e vinho, para o jantar.



Pòsta a mesa, [illegible] posto a mesma [illegible] braços sabe [illegible] alimentar-se bem e [illegible] quiser, a saúde do [illegible] no é excelente, pois [illegible] doente, especialmente [illegible]

…OMENO ÚNICO NO MUNDO



Escreve com a bôca, «abocanhando», e nunca «empunhando» o lápis. Resumo histórico de seu nascimento, êle sendo transportado para sua casa, no «saco» em que sai à rua, e, por fim, o «homem-busto», equilibrando-se em pernas artificiais no jardim do nosocômio onde tem amigos e já não infunde p…







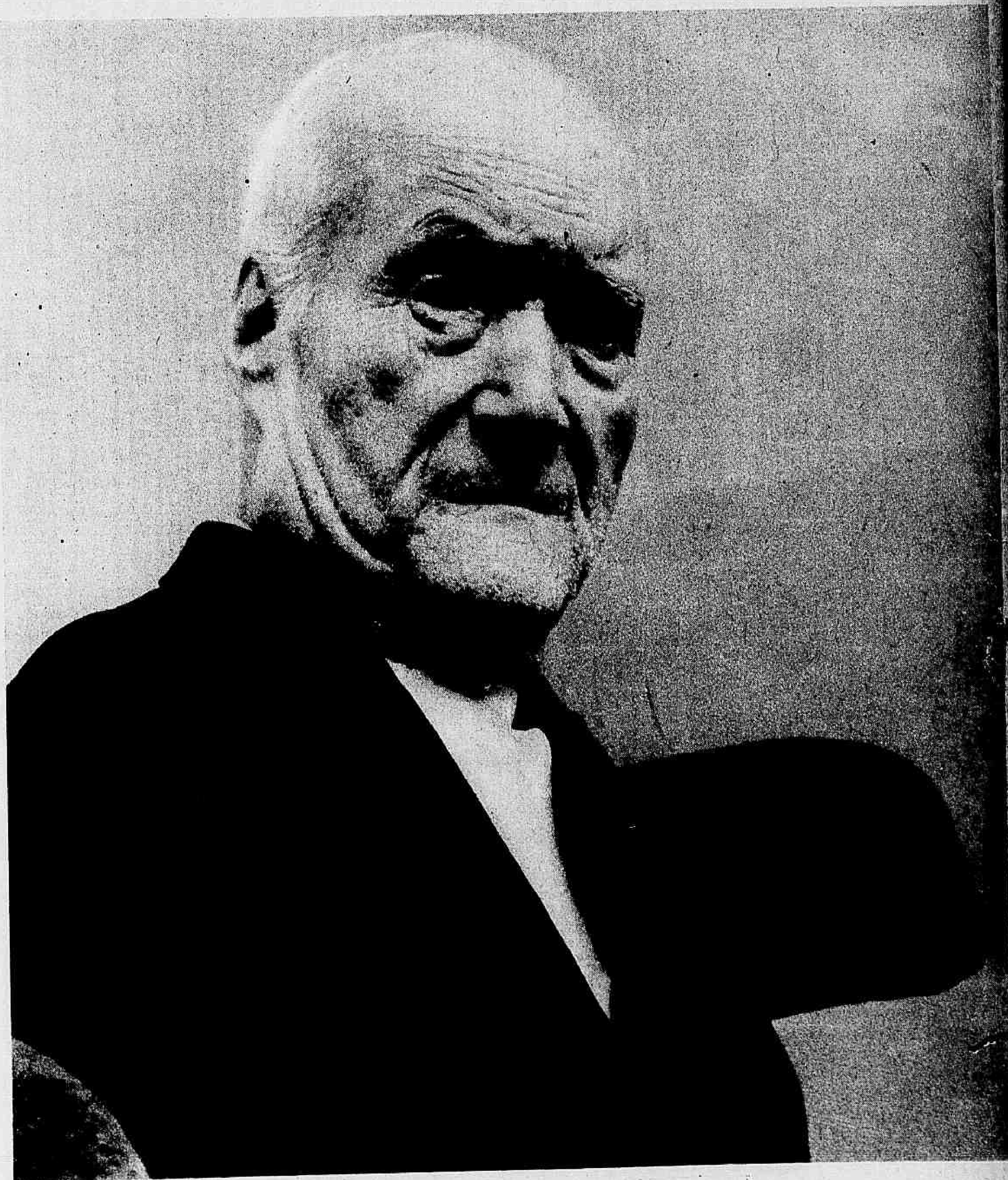
PIERRE TEM TRÊS PRAZERES NA VIDA: BEBER, FUMAR E MASCAR

Mas êsse fenômeno humano não poderia sobreviver se alguém não velasse pela sua manutenção. E essa pessoa é sua prima, Mme. Hersard, seu anjo da guarda. É ela que lhe prepara os quitutes e lhos dá com muito carinho; que lhe dá a beber; que lhe faz a barba — que cresce como a de qualquer cidadão —; ela o veste e lhe dá banho como se fôsse uma criança. Que prazer poderá ter uma criatura assim? Pois fiquem sabendo os leitores, que Pierre Mahieux tem três prazeres na vida: adora o bom vinho, do qual sorve um bom meio litro por dia; fuma cêrca de dez cigarros por dia, e, finalmente, como todo bom bretão, gosta muito de mascar fumo.

Quando alguém o leva para tomar um pouco de ar, tem que ser conduzido envolto ou acondicionado em um embrulho, deixando-se apenas, no tôpo dos «panos», uma abertura necessária à ventilação. Entretanto, ninguém o leva com a cabeça livre, à vista de todos. Êsse cuidado é para evitar que pessoas nervosas tomem um choque, diante daquele homem-metade, de um busto que fala, ri, come, bebe e fuma, como se fôsse gente normal. O caso de Pierre é assombroso, deixando muita gente louca em face de um mistério indecifrável. Quando se encontra sem testemunhas, sòzinho com o seu «ama-sêca», então êle pode botar a cabeça de fora e respirar sossegadamente. Adora o mar e se sente feliz quando o levam a ver os barcos a navegar sôbre as ondas.



Pierre Mahieux na idade de 20 anos, em sua cadeira, e o mesmo, já agora, com setenta janeiros, apresentando boa aparência e sempre muito loquaz, narrando sem temores a sua origem, que é bastante curiosa.



rnas artificiais, conversa com seu primo, não infunde pavor, pois está empernado.



O SEGRÊDO DE CLARK GABLE - (II)

SEU PRIMEIRO AMOR

PORQUE FRAN DOERFLER RECUSOU DESPOSÁ-LO ★ O QUE MAIS RECEBE CORRESPONDÊNCIA ENTRE OS "ASTROS" DE HOLLYWOOD ★ TRABALHANDO DOZE HORAS POR DIA, NOS CAMPOS PETROLÍFEROS ★ ARMANDO TENDAS E FAZENDO "PONTAS" ★ OS ALTOS E BAIXOS DE SUA CARREIRA.

Por OMAR GARRISON (Exclusivo para a «REVISTA DA SEMANA»)

Neste seu segundo artigo, o autor expõe o modo pelo qual o Rei do Cinema galgou os degraus da fama, e procura explicar os motivos da imensa popularidade do "astro" mais cotado de Hollywood, a ponto de receber o maior número de cartas diárias entre tôda a vasta constelação cinematográfica.

CLARK GABLE é um, entre a reduzida meia dúzia de figuras legendárias de Hollywood, que se destacou nessa metade de século durante a qual aquela comunidade deixou de plantar batatas e passou a produzir milho.

No correr das duas décadas em que êle tem sido o principal ingrediente de algumas das produções mais lucrativas dos estúdios cinematográficos, centenas de «astros» favoritos têm aparecido da noite para o dia, no firmamento de Hollywood — desaparecendo logo em seguida, da mesma forma rápida e estusiante. Muitos dêsses nomes famosos, de acôrdo com o padrão comum, eram mais atraentes, mais educados e mais talentosos do que «o rapaz de orelhas grandes e salientes».

Sem ser um ator espontâneo, Gable jamais consegue representar corretamente se alguém está por perto, na tomada de cenas, fumando um dêsses asquerosos charutos. O próprio galã tem sido sempre o primeiro a admitir isso e a apontar o fato através de tôda a sua vida profissional.

Alguns anos atrás, um visitante do leste encontrou Clark Gable numa festa em Hollywood e, recordando que já vira aquêle rosto em algum lugar, perguntou:

— O senhor é ator?

— Não, — replicou Clark, comprimindo a fronte com os dedos, como sempre faz quando diz a verdade, sem rodeios — mas trabalho àrduamente para ser.

Milhões de fãs de cinema de tôda a América diriam, provàvelmente, que Gable não precisa representar e nem deve. Gostam do «Rei do Cinema» como êle é — um homem simples, um tanto rude mas agradável, que não seria capaz de abandonar a espôsa e que, atravessando um mau período, não seria dado a ostentações. Foi preciso apenas uma experiência para ensinar aos «cinemoguls» de Hollywood que êsse era o modo pelo qual os fãs de Gable o distinguiam.

Há vários anos, alguns dos manda-chuvas do estúdio tiveram uma idéia luminosa (com certeza, influenciados pelas espôsas), qual a de colocar Gable num papel suave, completamente diferente dos que vinha representando até então. Naturalmente, o resultado seria excelente. E a conseqüência dessa idéia foi o filme «Parnell».

E a película constituiu-se um verdadeiro fracasso — o único, na verdade, dentre os filmes de Gable — sendo mais fraco do que «Adventure», o filmezinho em que êle atuou logo após a guerra. Mas, se Gable carece de uma real dose de talento, possui em compensação uma outra característica pessoal, e êle a tem em abundância — determinação.

Foi mais de 15 anos depois de resolver firmemente tornar-se ator, que conseguiu firmar o pé, passando então a ganhar muito pelo seu trabalho honesto e esforçado. Porém, durante êsse longo período que antecedeu a glória conseguida, o «Rei do Cinema» teve de lutar àrduamente para subir e se destacar entre os demais atores da América.

Ao abandonar o curso pré-médico e o emprêgo da Fábrica Akron, tornando-se rapaz de recados do teatro local, fê-lo apenas com o intuito de poder ficar próximo ao palco, mesmo quando se tratasse de auxiliar um ator que houvesse esquecido uma frase.

Êle não recebia qualquer salário, dormia nos bastidores e aproveitava as gorgetas que ganhava dos componentes da companhia, comendo sanduíches e tomando café. Após vários meses de vida no teatro (no sentido mais literal possível), passou a fazer pequenas caminhadas, ao receber um telegrama informando que sua madrasta estava à morte. Clark, para quem fôra uma verdadeira mãe, desde que êle contava 4 anos, correu para casa, postando-se à cabeceira da moribunda.



Fran Doerfler, foi o primeiro amor de Clark Gable. Ambiciosa, recusou desposá-lo alegando que êle jamais conseguiria ganhar bem, como ator.

UM TRABALHO DE HOMEM

Após a morte da madrasta, o seu pai persuadiu-o a «esquecer essas bobagens a respeito de teatro» e acompanhá-lo aos campos petrolíferos de Oklahoma, onde poderia ganhar dinheiro «num verdadeiro trabalho de homem». Nos dois anos seguintes, o rouferho jovem trabalhou como assistente de um entalhador. Êle ganhava doze dólares por dia — um bom salário, naquela época, para um rapaz que ainda não completara vinte anos — mas o trabalho que efetuava era o de um homem feito.

— Eu labutava 12 horas por dia, aprendendo a profissão de entalhador — esclarece Gable. Era um trabalho muito árduo. Precisava aquecer um tubo até que êste ficasse incandescente, e então dois homens punham-se a martelar no mesmo, a fim de forjá-lo do modo que se fazia necessário. Para um Rockefeller, o trabalho petrolífero deve ser espetacular. Mas para um adolescente que tinha idéias totalmente diversas e que visava atuar em palcos e receber os aplausos da multidão, não podia haver a menor atração por aquêle trabalho. E assim, êle passou a falar novamente com o pai, a respeito do seu ideal. Após algumas discussões de pequeno porte, cada um tomou o seu rumo.

— Nossa separação não foi muito amistosa — explica Gable.

FAZENDO PARTE DA «TANK OPERA»

Sempre animado, o jovem dirigiu-se a Kansas City, onde juntou-se a uma «Tank Opera», uma companhia de terceira classe que se preparava para uma «tournée» pelo país. Seu salário era de 10 dólares por semana, pelos quais êle armava tendas, preparava os assentos da assistência, tratava dos cavalos, tocava uma corneta nas paradas e fazia pontinhas em quaisquer dramas, desde «Uncle Tom» até «Her False Step».

A «estrêla» da companhia era uma atriz de um só ôlho que, conforme Gable declarou muitos anos depois, entendia mais da arte de representar do que muitos dos grandes nomes que êle encontrou em Hollywood. A «troupe» percorreu o interior dos Estados Unidos, rumando para o oeste e o norte. Durante os meses do verão, representavam em tendas e, quando chegava o inverno, alugavam anfiteatros ou aditórios de escolas. Era uma vida árdua, mas o tipo que agradava a Clark Gable. O pior, porém, foi que isto não durou muito tempo. Num terrível dia de fevereiro, uma tempestade dispersou a companhia e Gable ficou a «ver navios» em Butte, Estado de Montana.

O rapaz perdeu a maioria dos seus pertences, inclusive uma valise que lhe fôra presenteada pela madrasta. Trajando a única roupa que lhe restava, o



Quem não se recorda de «E o Vento Levou»? Um dos filmes mais comentados e mais caros em todos os tempos. Viviem Leigh foi a heroína da película.

homem que 10 anos mais tarde seria indicado pela Associação dos Alfaiates Desenhistas como «o mais bem vestido da América», embarcou num trem de carga e seguiu pela rota ao ar livre das Montanhas Rochosas, rumando para o Estado de Oregon. Trabalhou então como colhedor de lúpulos e como vendedor de gravatas numa loja de Portland. Mas não desistira do seu intento de dedicar-se à arte de representar. Quando um seu colega de trabalho formou uma pequena companhia para representar em Astoria, Estado de Oregon, Clark Gable foi o primeiro ator a conseguir um papel. Do elenco fazia parte uma jovem atraente, encantadora e cheia de frescor, chamada Fran Doerfler.

Logo a primeira vista, o rapaz ficou apaixonado e fêz-lhe ver o que sentia.

Mas Fran, — calculista e astuciosa, como era — não podia deixar de pensar no futuro, e recusou as propostas de Gable passando a evitar o rapagão. Ela sabia que Clark não poderia suportá-la, pois era um ator de segunda classe.

NOVA QUEDA

Cedo a temporada terminou com o fracasso da companhia, e Gable, ainda sob os efeitos do seu primeiro romance, voltou a Portland, onde arranjou um emprêgo na companhia telefônica. Mas, como muitos outros grandes nomes do écran, que também passaram por sérias aperturas nos primórdios de suas carreiras, o destino de Clark Gable era a cidade do cinema. Acontecia apenas que êle seguia o caminho mais comprido, traçado pelos pioneiros que rasgaram o Estado de Oregon de ponta a ponta.

●

NA PRÓXIMA SEMANA:

AS MULHERES NA VIDA DE CLARK GABLE



Jean Harlow, a famosa «platinum-blonde» que desapareceu de modo tão prematuro, foi a companheira de Gable no filme «Saratoga», que deu muito que falar.



Em «Aconteceu Naquela Noite», o rei do cinema trabalhou ao lado de Claudette Colbert. Ambos ganharam o prêmio da Academia, o célebre «Oscar».



«Êste Mundo Louco» reuniu um elenco de autênticas «estrêlas», e entre estas se destacavam Norma Shearer e Gable, já nesta época bastante famoso.

A MARECHALA JUNOT

Por SERGIA FIACCAVENTO

Tradução de LÍGIA JUNQUEIRO

CAPÍTULO II

RESUMO DO CAPÍTULO ANTERIOR

Laura Junot casara-se muito cedo, com 16 anos apenas. Preocupado com a guerra o marido não dava à espôsa a atenção devida. Laura, além disso, era humilhada continuamente pela divulgação das aventuras sentimentais do marido, até que um dia . . .

Os episódios sentimentais da vida de Laura Junot D'Abrantes, são pouco divulgados. Apenas um número reduzido de leitores conhecem suas memórias, interessantíssimas, que apresentam um quadro muito real dos salões e dos personagens de Paris, com pinceladas de côres muito vivas, que evidenciam a inteligência pouco comum da autora.

No seu «Livre Rouge» (Livro Vermelho), escrito um pouco mais tarde, Laura d'Abrantes põe a nu, sem falso pudor e sem reticências inoportunas, o seu temperamento de grande amorosa, conseguindo fazer vibrar de emoção as cordas dos mais insensíveis corações.

Tendo nascido em 1786, passou a infância entre os horrores da revolução, que os seus olhos de menina viram confusamente, sem se aterrarem.

Os mesmos olhos negros e grandes, que iluminavam como um farol o seu rosto gracioso de oval perfeito, puderam, mais tarde, olhar os esplendores da época napoleônica sem ficarem deslumbrados.

Tinha dezesseis anos quando se casou com Alexandre Junot, de quem estava loucamente enamorada.

Junot era belíssimo: alto, louro-castanho, com dois olhos azuis muito grandes, corpo escultural, e muito corajoso, a ponto de ser temerário. Laura, na ingenuidade de sua juventude, na exuberância de seu sangue, acolhera a embriaguez do primeiro amor como um dom de Deus.

Junot, na verdade, não estava apaixonado por ela e resolvera desposá-la por ordem peremptória do Primeiro Cônsul, que esperava, com o matrimônio, pôr um freio à vida libertina do ex-soldado de Tolone; porém, êle não renunciou, com o casamento, à vida aventurosa de homem procurado e desejado.

Naquela época Junot se tornara o amante de Carolina Murat, rainha de Nápoles; a aventura entre a irmã e o belíssimo coronel do hussares, foi, certamente, um motivo para levar Napoleão a concluir o matrimônio, oferecendo ao coronel, como presente de núpcias, os galões de general, e, à jovem espôsa, um magnífico colar de pérolas. Em vez de cessarem as relações entre Junot e Carolina, prosseguiram, mais escandalosas, dando motivo a picantes mexericos, que desgostavam o Imperador. Êste considerava a moral como uma poderosa aliada para a execução de seus grandes planos políticos.

Durante longos anos Laura d'Abrantes viveu uma existência fria e solitária, humilhada pelas contínuas notícias que lhe chegavam, sôbre a infidelidade do marido, que, esquecido de ter uma espôsa, vivia despreocupadamente, sem nem ao menos cuidar de dar notícias suas, uma vida escandalosa, da qual se falava abertamente em tôda Paris e no exército.

★

A centelha do amor brotou do contacto imprevisto entre duas almas humilhadas e doloridas. Dois olhos cinzas, frios como o aço, fixaram-se nos dois olhos negros, devorados de angústia. Os olhos cinzas e frios se acenderam de fogo interior, os negros tornaram-se mais suaves e comoveram-se.

O príncipe de Metternich, que saberá impor sua personalidade e sua vontade férrea de diplomata ao próprio Napoleão, que movimentará, com sua habilidade, o jôgo político no tabuleiro europeu, sentiu-se inundado de suave encantamento, à vista de Laura.

Laura, vencida pelo fascínio daquele homem, de inteligência viva, de requintada senhorilidade, de beleza agradável, não conseguiu vencer o sentimento que lhe tomou logo a alma e o sangue.

O príncipe austríaco havia ouvido contarem, a sua volta, as desventuras conjugais da jovem mulher, que considerava digna de merecer muito mais do que o entusiasmo de uma paixão banal.

O idílio teve início numa noite de festa, no palácio da Duquesa. Evoluiu em Neuilly, nas margens do Sena, sôbre os prados em flor, nas aleas perfumadas de tílias, e chegou a têrmo numa gruta penumbrosa, atapetada de musgos macios.

Laura transforma-se, com o novo amor. Um olhar embriaga-a; se roça as mãos do amante, treme; se o rosto dêle lhe parece menos afetuoso, chora. Não consegue comer nem dormir, quando seu príncipe está longe. Êle tem que abandoná-la, muitas vêzes, para correr onde o chamam seus importantes deveres de embaixador.

São dias de tormentosa espera para a pobre mulher.

Que diferença entre as expansões apressadas e violentas de Junot, manifestadas a passo de ataque, com tambores e trompas, e o delicado e atencioso sentimento que se exprime com palavras aveludadas, doces e sutis como um acompanhamento de flautas e violinos!

Os grandes olhos de Laura parecem agora acesos de uma luz interior; os seus cabelos — sob a carícia das mãos que apenas o tocam — vibram como atingidos por um fluído magnético; o rosto retomou a suave expressão, ingênua e comovente, de quando era menina.

O pintor Isabey deixou-nos seu retrato envolto numa nuvem de «tulle», com o rosto transfigurado pelo êxtase. Laura é feliz. Felicidade evôlta em nuvens rosas de suave Primavera, que serão, muito cedo, revolvidas pela tempestade.

★

A volta imprevista do marido, da Espanha, bruscamente tolda sua felicidade e deixa-a enregelada, em temores sinistros. Reconforta-a o pensamento de que Junot só poderá ficar em Paris por pouco tempo.

Wellington espera-o, para um encontro mortal, em Portugal. A guerra tornará a chamar o herói, que deixará de bom grado as delícias da vida parisiense pelas jornadas ásperas de batalha. Junot é péssimo marido, porém, ótimo soldado.

O pensamento dessa partida reconforta a pobre mulher. De outra forma, enlouqueceria. Sente-se tão sòzinha e triste, agora que Clemente está longe, levado pelas obrigações de seu alto cargo! . . . Com o marido em Paris, é tão difícil escrever e receber cartas! . . .

★

Naquela noite, ela acompanhara o marido às Tuilerias, com um só pensamento — rever a atmosfera, os pequenos ângulos das salas, os terraços, onde costumava encontrar-se com o amante que, de Viena, lhe escreve, agora, cartas apaixonadas.

Enquanto fala com o marechal Lefebvre seus olhos vagueiam pela multidão, entre a qual, talvez, espera que, por um milagre de amor, possa, de chôfre, aparecer o homem adorado.

Em vez disso, é Junot quem se aproxima.

— O Imperador pede para vê-la.

— Vou logo.

Apressadamente, sòzinha, com passinhos pequenos, a Duquesa se afasta dos dois marechais.

— Eis, enfim, a minha «petite peste» — exclamou sorrindo Napoleão — por que só agora vindes falar com vosso Imperador?

— Sire —, balbuciou Laura — Sire . . . — e não conseguiu dizer nem mais uma palavra.

Descobriu que Carolina Murat, chamando Junot a parte, fala-lhe em segrêdo. O Marechal escuta-a, com o rosto visivelmente contraído, inchado de cólera, com os olhos vesgos, e uma ligeira, porém bem visível, contração do queixo. Ela sabe que Carolina, apesar de ter sido recusada por Junot para espôsa, não hesitara em se tornar amante de seu marido. Não é, porém, de amor que falam os dois, semi-ocultos por um reposteiro.

Laura tem plena certeza de que a rainha de Nápoles, a par, como todo mundo na Côrte, de seu idílio com o príncipe de Metternich, está, hàbilmente, espicaçando o marido. Laura sabe, também, que Carolina dera ordem a muitos espiões de vigiá-la, de seguir cada um de seus passos. Muitas vêzes fôra assaltada pela dúvida de que alguém tivesse revelado ao marido sua situação, mas, era tal o êxtase em que vivia, que não quisera nunca concretizar suas dúvidas.

O sofrimento de Junot era a paga e a vingança da rainha de Nápoles. Ela não se esquecera da ofensa e humilhação da recusa de Junot, mesmo quando, mais tarde, cedera a seu fascínio.

Carolina era sempre informada dos encontros, dos passeios campestres, da famosa gruta perfumada de musgos, onde os dois enamorados costumavam se refugiar.

O Marechal escutava, enrigecido pelo esfôrço para dominar a violência de seu temperamento; aquêle temperamento que, no campo de batalha, tornava-o um herói e na vida um tirano. Habituara-se a considerar Laura como uma coisa sua, frágil, que também lhe dava filhos, amamentava-os e educava-os; e que, além disso, atendia-o, dócil e submissamente, pronta a aceder a seus desejos, quantas vêzes êle o quisesse, quando, saciado das carícias voluptuosas das amantes passageiras, desejava repousar por algumas horas na serena intimidade conjugal. Nunca, em nenhum momento, houvera pensado que também sua mulher tinha coração, sentidos e uma alma que desejava o amor. Era ela uma coisa sua, como um quadro bonito, um móvel bem esculpido, uma jóia preciosa, que êle nem mesmo olhava, mas em quem ninguém podia tocar. Além disso, Laura, marechala de França, duquesa do Império, dama favorita da côrte de Napoleão, que poderia mais desejar? As mulheres de Paris e de tôda a França invejavam sua posição!

Talvez quisesse também o amor? Tolices! Junot tinha mais em que pensar! Tinha que correr a comandar seu exército em qualquer parte da Europa, onde seu soberano o mandasse; a conquistar glória para a França, e para o Imperador. Pois, a «pequenina peste» de Laura aproveitava-se de suas ausências para visitar, com um amante, a gruta de Folies Saint James! Quase não acreditara nas insinuações de Carolina, que era uma doida, uma louca malvada!

Bruscamente, dêixara Carolina e aproximara-se para o lado do grupo de senhoras que, junto com sua mulher, cercavam Napoleão. Êste observara a estranha animação de Carolina em seu colóquio com Junot. Acolheu-o com voz severa:

— Em vez de ouvir as tolices de minha irmã, seria melhor que se interessasse por vossa espôsa, a duquesa de Abrantes, que não está passando bem esta noite.

Ainda dominado pela cólera, Junot replicou rispidamente:

— A rainha de Nápoles não estava me contando tolices, Sire. Ao contrário, quis dar-me uma nova prova de sua real amizade.

Naquele instante Napoleão compreendeu o significado da conversa entre Carolina e Junot.

— Meu caro Duque — prosseguiu, abrindo nervosamente a tabaqueira. Não vos iludais sôbre a amizade das mulheres. Ainda que rainhas, são sempre mulheres! Em cada mulher, na mais santa de tôdas, há sempre um pouco de maldade — lentamente tornou a fechar a tabaqueira e, suavizando a voz, prosseguiu:

— Vossa espôsa não está bem. Levai-a à casa, e cuidai dela. É um pequeno tesouro. Não o descuideis.

Junot aproximou-se, lentamente, de Laura e ofereceu-lhe o braço. Passando diante do Imperador, que, visivelmente, observava todos os movimentos do casal, Laura, com os olhos baixos, fêz as três reverências de praxe.

— Desejo que fiqueis logo boa, Duquesa, quero encontrar em vós a «petite peste» que está faltando em minha côrte, há algum tempo.

Como um fio fraco de voz cansada, Laura murmurou um «sim Sire» que traía o seu temor.

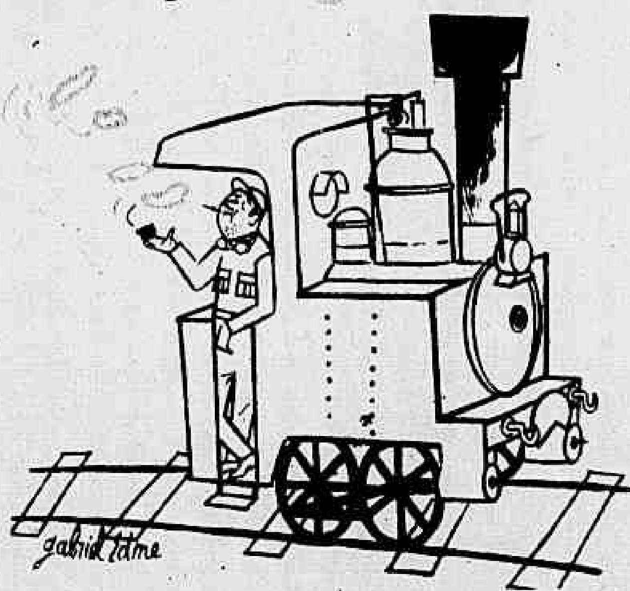
— Mande-me notícias de vossa espôsa — prosseguiu Napoleão, virando-se para Junot.

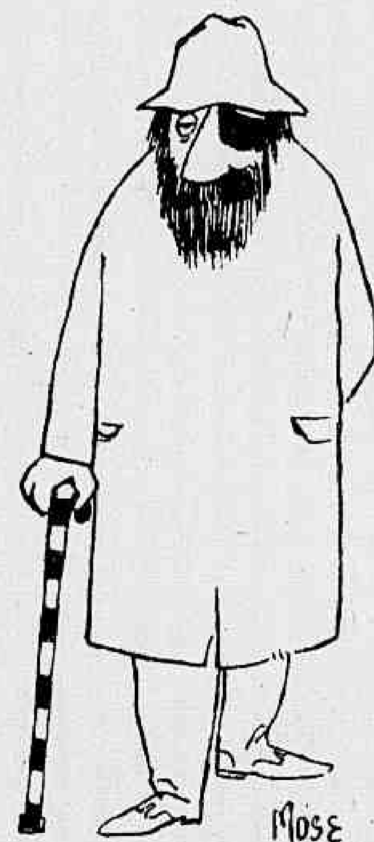
Também a Imperatriz Josefina observara o estranho colóquio da cunhada com o Marechal, e, tomada do pressentimento de alguma desgraça, abraçou a pálida e frágil Laura, e beijou-a na face, como para encorajá-la.

Apoiada ao braço do marido, Laura atravessou os salões repletos. Queimava-lhe as têmporas a angústia que sentia. Com o olhar apagado procurava em vão o seu príncipe que, mais que nunca, naquele momento terrível, o seu coração de mulher implorava. Êle, porém, estava longe, e não sabia que nuvens de tempestade se acumulavam sôbre a cabeça amada, enquanto aguardava a hora de tornar a encontrá-la, frágil e meiga, entre os braços, no entusiasmo de sua paixão.

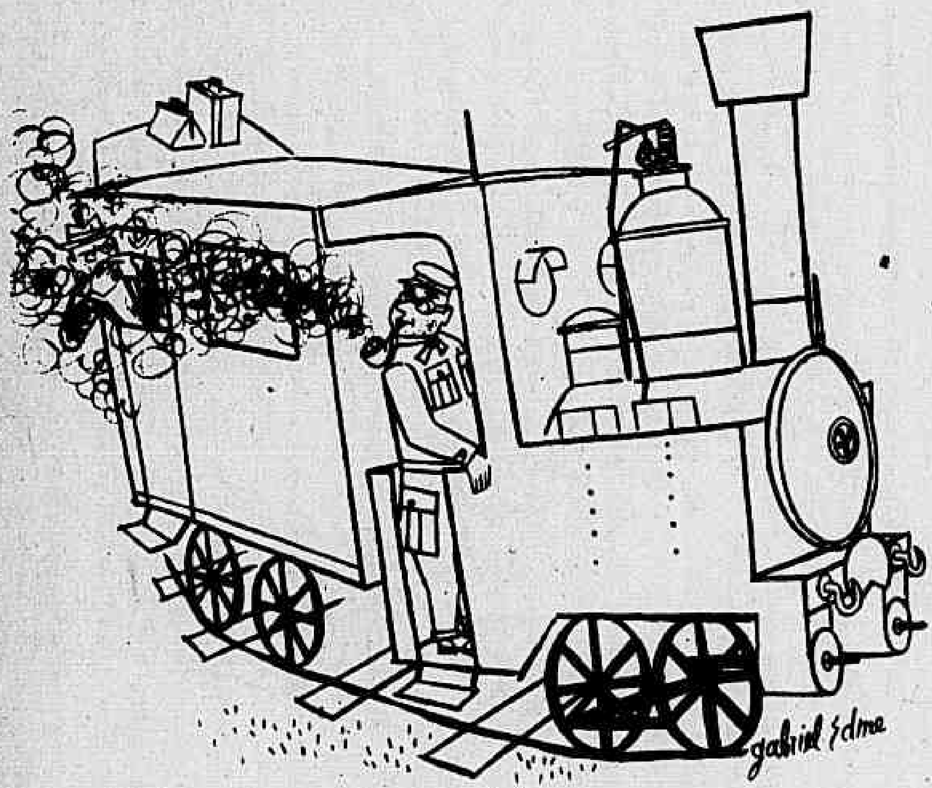
(CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO)



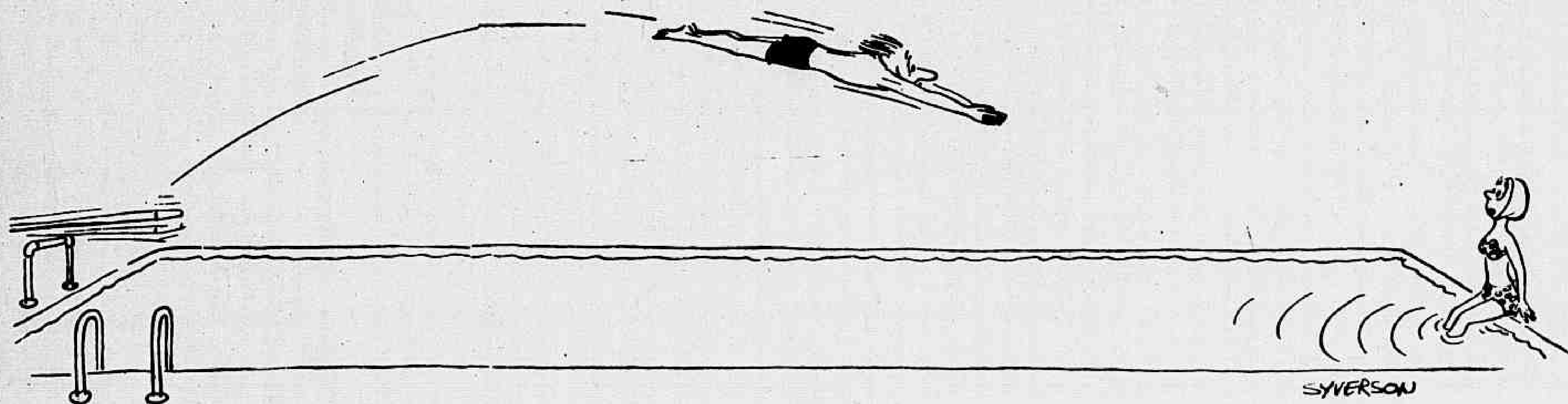




O RISO DOS OUTROS



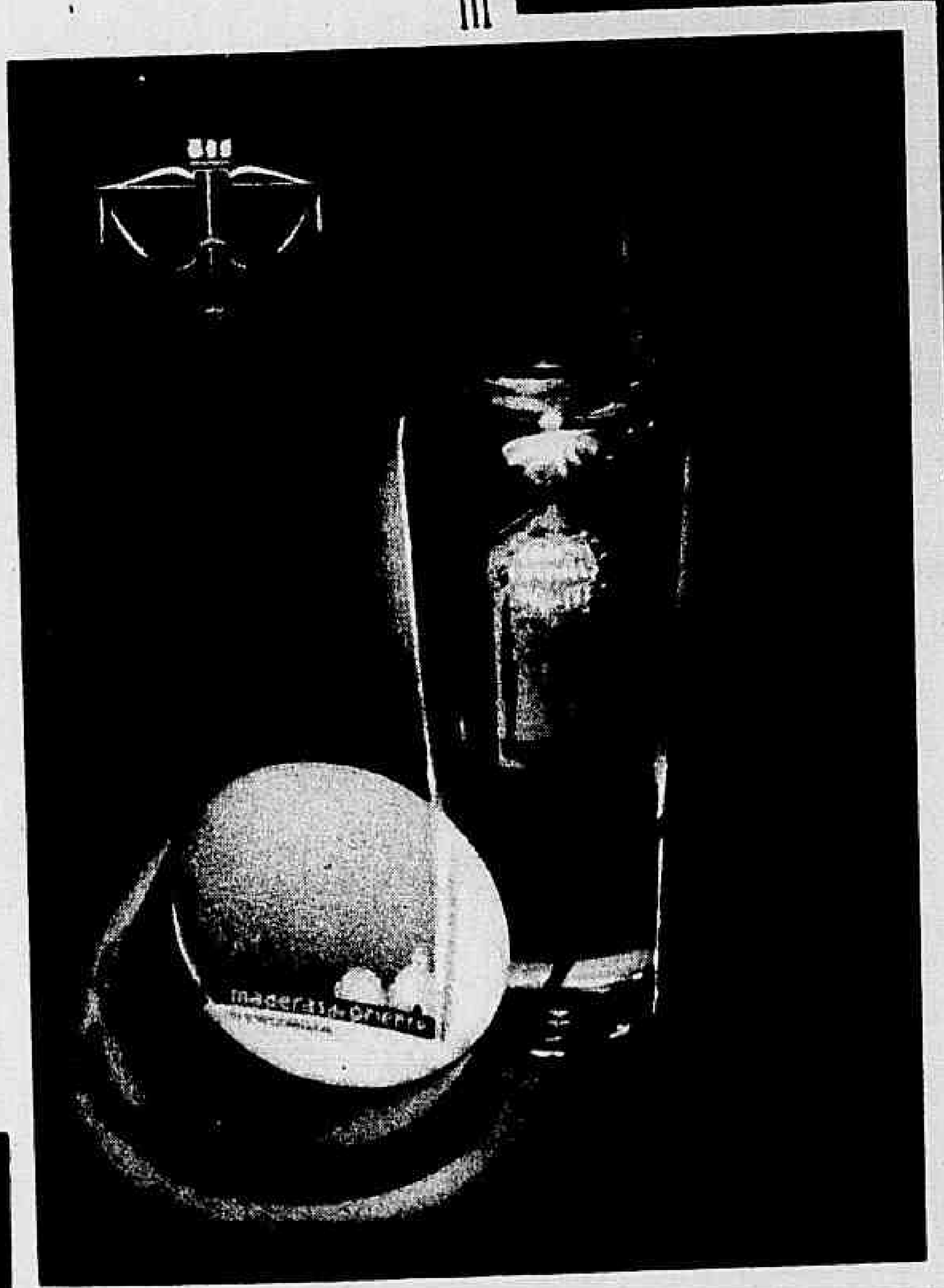




Conferem distinção



- EXTRATO
- ÁGUA DE COLÔNIA
- SABONETE
- ROUGE



- PÓ DE ARROZ
- LOÇÃO

MADERAS DE ORIENTE

MYRURGIA

PRAIA



ZOLOT, *da Califórnia — "Short" negro, com blusinha em malha de algodão prêto e branco, com uma listazinha azul forte.*



NOTAMOS êste ano, nos últimos modelos de trajes para a praia e o esporte que nos tem chegado da Europa e da América do Norte, uma tendência muito feminina de combinar côres em tonalidades diferentes, e de empregar franzidos e drapeados, como se fôssem em roupas de alta elegância. Aliás, de alta elegância êles estão cada dia mais se tornando. As mulheres, ainda quando se inspiram nos trajes masculinos para sucs roupas esportivas, transformam-nas de tal maneira que criam uma peça inteiramente feminina, como resultado. Quando não é a côr e um detalhezinho de corte, ou um enfeite diferente e original. Apesar do «short» em duas peças ser o grande favorito, destacam-se, também, criações de uma só peça, como «short»-maiô, que tanto serve para o banho de sol e o passeio a beira do mar, como para a natação, quando confeccionado em tecido apropriado. Existem, também, as fãs dos «slaks», principalmente para a tarde ou a noite, indispensável nos guarda-roupas de férias ou de fim de semana. Este ano as calças têm a bainha muito apertada; aliás, vêm afinando desde os joelhos. Usam-se com blusas de frente única ou em estilo camisa de homem. — FLAMA.

COLE — *Um bonito traje para a praia, em malha de algodão quadriculada, em verde e branco. Sanfona nas pernas, punhos e gola.*





OHRBACH — *Um modêlo de "short" muito feminino, em piquê ou lonita. Bolsos embutidos e decote, enfeitados com franzidos.*

LAST FASHION, de *Milão — Conjunto em linho negro, com a parte do corpo em duas tonalidades de azul.*

Sabe lavar seus vestidos?

COM os novos tecidos surgindo cada dia em maior número nas lojas, confeccionados com as mais diversas fibras, ficamos meia desnorteadas quando temos que lavar nossos vestidos. Mandar para a lavanderia pode ser uma solução . . . Às vêzes, porém, a situação torna-se mais crítica, quando nos lembramos de algum que voltou encolhido, lustroso ou descorado, e que, ao reclamarmos, recebemos da tinturaria a resposta: «tinhamos avisado que não nos responsabilizamos . . .» Paciência! Sim, paciência, mas, perder um vestido novo, não é nada agradável. Por isso mesmo, achamos de grande utilidade atualizar alguns conceitos sôbre a melhor maneira de lavar tecidos. Vejamos os principais:

★ ALGODÃO, LINHO — São tecidos fortes, de fibras vegetais. Podem, até, ser fervidos que não se estragam, nem enfraquecem. Se a tinta fôr muito boa não descoram. Pode passá-los a ferro, ainda úmidos e pelo lado direito.

★ SÊDA — A sêda natural, animal, deve ser lavada em água morna. Deixe a roupa secar longe de qualquer fonte direta de calor. Passe com ferro morno, quando estiver quase sêca.

★ LÃ — A lã deve ser lavada em água morna (não quente) o mais ràpidamente possível, pois tem a propriedade de, quando úmida, fixar o sujo na fibra. Lave, enxague e ponha para secar, de uma só vez. Não a deixe nunca de môlho. Passe-a com ferro em temperatura moderada, para que não fique amarelada. O melhor lugar para secar roupas de lã é na sombra, numa área arejada.

★ SHANTUNG, TUSSOR — Lave-os em água morna. Passe com ferro em temperatura moderada, quando estiverem quase secos, e sempre pelo lado do avêsso.

★ NYLON — O «nylon», ao contrário de outros tecidos artificiais, deve ser lavado o maior número possíveis de vêzes, para que o sujo não se entranhe na fibra. Nunca o faça, porém, em água muito quente, e, menos ainda, ferva-o. Se fôr preciso passar, use um ferro quase frio.

★ RAYON — Lave-o em água morna. Deve ser passado quase sêco, mas não muito ressecado. Nunca umideça-o com pano molhado, antes de passar a ferro.

★ TAFETÁ — Antigamente, quando os tafetás eram sempre de sêda natural, era fácil lavá-los e passá-los. Hoje em dia, porém, existem muitas qualidades de tafetá. O melhor será lavá-los a sêco.

★ VELUDO, CORDUROI — Lave-os em água morna, prestando atenção para não esfregá-los, nem torcer, o que deixaria marca. Enquanto estiver secando passe, de vez em quando, um pano macio, no sentido dos pelos. Não precisa ser passado a ferro, no entanto, ficará mais brilhante se passado, uma só vez, ligeiramente, no sentido do tecido.

●

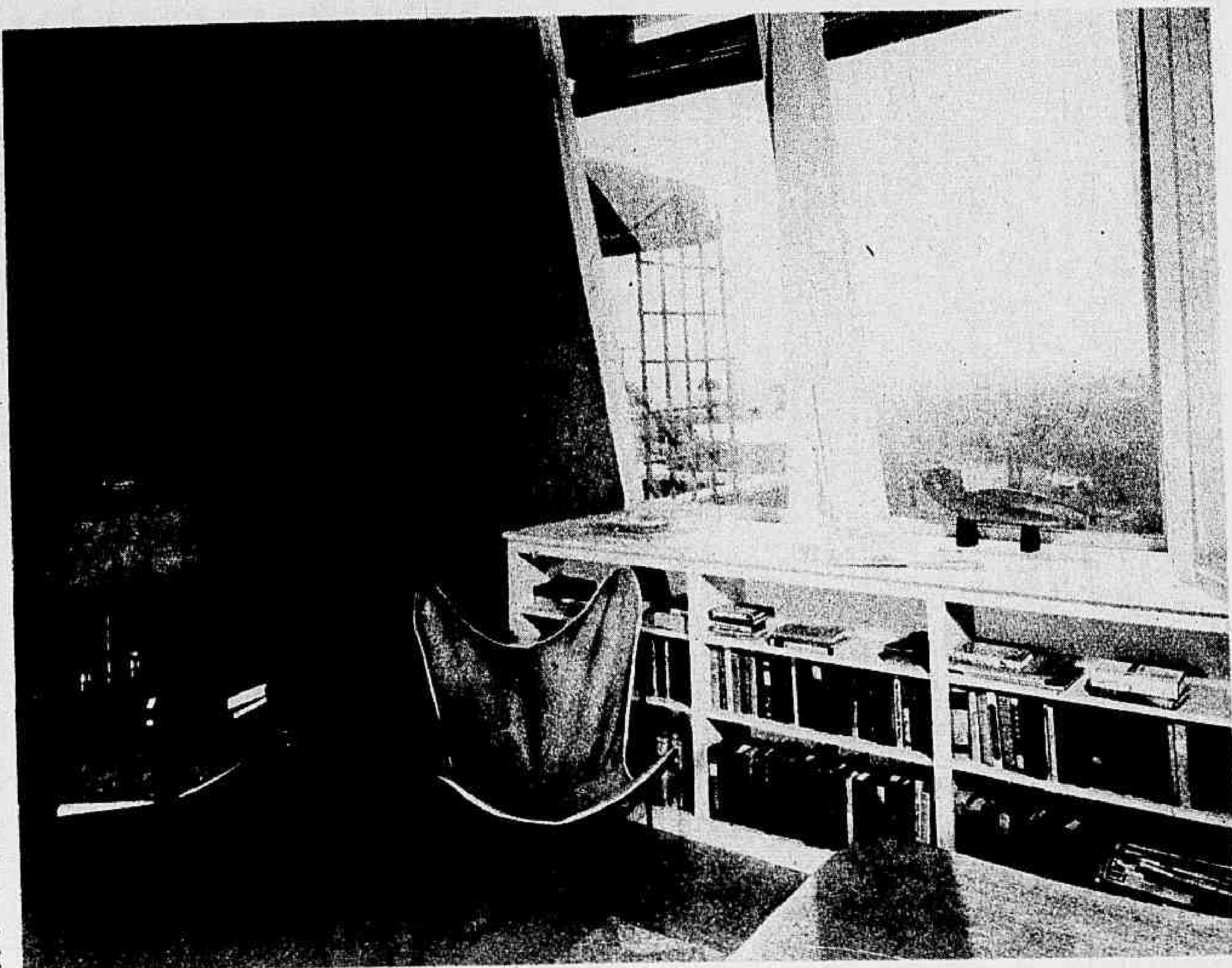
Como vimos, os únicos tecidos que resistem bem à fervura são os linhos e algodões. Se, porém, a tinta descora, é bom evitar fazê-lo. Para que o tecido não descore ponha bastante sal na água, e estenda para secar depois de tê-lo enxugado numa toalha sêca, de maneira a retirar tôda a água. Não havendo água, essa não escorrerá, e nem a tinta com ela. Evite, sempre, secar tecidos perto de uma fonte de calor direto: prefira uma sombra, fresca e ventilada. É mais seguro secar por evaporação causada pelo ar em movimento do que pelo calor. Êste, causa o descoramento dos tecidos, quer seja o calor do sol, ou de um ferro muito quente.

Use anil, se necessário, para tornar mais alvos os tecidos brancos. O anil dá-lhes uma côr azul que anula as sombras amareladas do encardido, que por acaso tenham. Quando lavar a peça outra vez, procure retirar todo o anil, antes de usar outra dose. Em geral, uma boa água com sabão é suficiente para retirar manchas, se estas não forem muito antigas, e se não forem manchas de graxa ou pixe (nesse caso use um removedor de manchas). Acontece, porém, que, molhadas, as manchas não são vistas com tanta facilidade como quando o tecido está sêco. Para evitar que elas se tornem invisíveis é conveniente passar um alinhavo (use linha branca ou que não descore) em tôrno da mancha. Êsse processo deve ser empregado, também, quando mandar roupas manchadas para a lavanderia. No caso de dúvida sôbre a maneira de lavar um tecido, o melhor é empregar água morna, lavar ràpidamente com espuma de sabão, sem esfregar, e enxaguar em água também morna. Retirar tôda umidade com uma toalha sêca, antes de pôr para secar, e fazê-lo em local arejado, não ao sol. Passe com ferro quase frio e do lado avêsso. **L. J.**

Sugestão para o lar

● Pode ser que seu apartamento tenha uma bela vista: para o mar, para uma lagoa ou simplesmente que, situado em zona um pouco mais alta, domine um trecho da cidade, deixando entrever telhados, ruas e chaminés, o que também é bastante decorativo. Quem tem essa felicidade — deve possuir um aposento com vista agradável — deve fazer todo o possível para não ocultá-la. Ao contrário, ter janelas envidraçadas, que deixem o ar e a luz entrarem, e, juntos com êles, a paisagem lá de fora. A sugestão de hoje, que pode ser para um escritório ou um quarto, mostra como aproveitar uma vista, emuldurando-a com janelas simples, pintadas em branco ou numa tonalidade muitíssimo clara. Embaixo da janela uma estante, com prateleira para livros, também pintada de claro. As paredes laterais do aposento foram pintadas em côr mais escura (sugerimos o verde, o azul acinzentado ou uma tonalidade lilás) — realçando, ainda mais, as esquadrias da janela que emolduram a paisagem. A cadeira em ferro e lona, está aí apenas para sugerir que a decoração dêsse aposento é essencialmente moderna...

NIKE





UM POUCO DE BELEZA

Um banho perfumado

UM banho perfumado é uma delícia... No entanto, são poucas aquelas que, no meio da vida agitada, de hoje em dia, têm tempo para tomar um banho de banheira prolongado, várias vêzes na semana. Contentamo-nos, em geral, com uma boa ducha, pela manhã ou à noite. No entanto, o banho morno, de imersão, tem suas vantagens e sua razão de ser. A água morna é calmante, e o fato do corpo ficar de môlho, exerce um efeito salutar sôbre a pele, removendo as células mortas.

A água deve ser morna, mais para quente do que para fria, mas numa temperatura bem suportável para o corpo. Poderá usar sais para banho, óleos perfumados, ou sabão em pó. A melhor maneira de diluí-lo na água é a seguinte: enxugue bem a banheira. Coloque o preparado (óleo, sal ou pó) bem no lugar onde a água cai. Abra a torneira, no máximo. A água cairá sôbre o preparado e dissolvê-lo-á por igual. Se tem dúvidas sôbre que preparado usar para o banho, vamos tirá-las, explicando-lhe para que servem:

Os sais de banho não fazem espuma. Dissolvem-se na água e perfumam-na. Além disso, têm ação calmante sôbre a pele, e repousante sôbre os músculos.

Os óleos perfumados são recomendados para quem tem pele sêca. Formam sôbre a mesma uma leve película que a impede de rachar.

Pós espumantes — Formam bolhas na superfície da água, o que é delicioso ao contacto da pele. Em geral as bolhas desaparecem quando se começa a se ensaboar.

JÚLIA DE MILO

★★★★★★★ *Para os pés...* ★★★★★★★

★ *Quando usar sapatos abertos, o que se verifica em geral no verão, tenha o cuidado de untá-los, pela manhã, com o mesmo creme que usa para as mãos. Lave-os quando chegar em casa, para evitar unheiros e infecções, com um sabão antisséptico.* ★ *Se gosta de andar com sapatos fechados e sem meias, use uma sapatilha de malha de algodão, para evitar que os pés se sujem e que a aspereza do calçado forme calosidades.* ★ *Se seus pés transpiram demasiadamente, no verão, não deixe de pôr talco e, se fôr o caso, um líquido qualquer, desodorizante. Boa idéia é, também, espalhar talco por dentro do sapato.*

Diversos

★ *Quando você estiver muito queimada pelo sol, e desejar clarear a pele, use uma mistura de glicerina e limão em partes iguais. Também é bom acrescentar um pouco de caldo de limão, à água em que lavar o rosto.*

★ As escovas de nylon ou de matéria plástica, *para os cabelos, devem ser lavadas com água e sabão. Se forem escovas de cerdas naturais, deverão ser lavadas com água morna, à qual se acrescenta um pouquinho de amônia.*

★ *Não se esqueça de que o pescoço e o colo também são parte integrante de sua beleza. Escove-os sempre, quando tomar banho, com uma escova dura, ou um pano áspero. Isso impede que aí se desenvolvam matérias cebáceas, que tornam a pele envelhecida.*

★ *Se seus ombros são naturalmente largos, evite usar blusas de frente única que os realçarão ainda mais. Prefira as mangas "raglan", sem cava, e os costumes com pouco enchimento.*



★ *Embora os perfumes sejam indispensáveis a tualete feminina, precisam ser usados com muita discrição, ainda que você tenha meios de possuir perfumes caríssimos. O perfume é apenas o "toque final".*

WEEK-END NA COZINHA

E' bom irmos fazendo uma revisão de nossas receitas para o verão, que está chegando. Nos dias quentes apetecem mais os pratos frios, tanto os salgados quanto os doces. Experimente a receita de hoje, no primeiro domingo de calor. — TIA DULCE.



GALINHA "À RAINHA"

● INGREDIENTES

1 galinha de 1 a $1\frac{1}{2}$ quilo
1 cenoura pequena, em fatias
1 aipo, em fatias
1 cebola pequena, em fatias
1 fôlha de louro
1 colher das de chá, de sal
3 envelopes de gelatina sem sabor, ou com sabor de limão.

● MANEIRA DE FAZER

1. Limpe a galinha. Corte as pernas e coxas pelas juntas. (Pode fazer o mesmo com as azas, para obter maior número de pedaços de galinha). Passe cada pedaço em farinha temperada. Frite em gordura muito quente. Deixe esfriar.

2. GELATINA — Ponha o restante da galinha numa panela. Acrescente os vegetais e os temperos. Acrescente água suficiente para cobrir tudo. Ferva e deixe cozinhar (tampado) até a galinha ficar muito macia. Escorra o caldo, acrescentando mais água para perfazer 1 litro. Dissolva a gelatina nesse caldo quente. Deixe esfriar.

3. «JÓIAS» DA COROA — Para fazer as «jóias» da coroa de gelatina, use vegetais de côres bem diversas como: beterraba, cebolinhas em conserva, «petit-pois» e pimentões verde. Corte-os em fatias e, depois, em figurinhas diferentes (quadrados, círculos, trevos, etc.). Ponha ½ xícara da gelatina no fundo de uma fôrma em anel. Coloque a fôrma numa tijela com gêlo picado e sal. Assim que a gelatina endurecer, arrume uma camada de vegetais por cima. Ponha, depois, uma outra camada de gelatina, apenas suficiente para cobrir os vegetais. Deixe endurecer. Continue a arrumar os vegetais e a gelatina para completar o desenho da coroa. Deixe gelar. Desenforme, antes de servir, arrume os pedaços de galinha dentro do anel da gelatina, com as pontas para cima. Enfeite as pontas com papel rendado, de confeiteiro, como mostra a fotografia.

TORTA ESQUIMÓ

● INGREDIENTES

Biscoitos de champagne
1 litro de sorvete de morango
1 litro de sorvete de creme
4 claras de ovos
1 pitada de cremor de tártaro
½ xícara de açúcar

● MANEIRA DE FAZER

1. Arrume os biscoitos de champagne no fundo e dos lados de uma fôrma de vidro que possa ir ao forno. Arrume dentro da fôrma, assim forrada, o sorvete de morango e, por cima o de creme. Ponha no congelador de sua geladeira (na parte mais fria), deixe várias horas, para ficar bem enregelado.

2. Logo antes de servir a torta esquimó, bata as claras de ôvo com o cremor de tártaro, em neve. Depois, acrescente o açúcar, aos poucos, e continue batendo até ponto de suspiro.

3. Tire a torta de sorvete da geladeira. Cubra com o merengue, não deixando aparecer nada do sorvete. Ponha a fôrma de pirex numa assadeira, forrada com 3 fôlhas de papel grosso. Asse em forno bem quente, apenas uns 3 ou 4 minutos, para que o suspiro endureça um pouco. Para servir, utilize uma faca molhada em água quente.

CONSELHOS ÚTEIS

★ *Compre duas toalhas iguais para a mesa da cozinha. Utilize uma para cobrir a mesa, e, com a outra, faça cortininhas para a janela. Ficará muito original a sua cozinha.*

★ *Eis uma maneira prática de colecionar as receitas desta página de culinária da "Revista da Semana": arranje uma pasta de cartolina, dessas de arquivo. Faça dois furos na página e ponha na pasta, tôdas as semanas. Formará um álbum precioso de culinária.*

★ *Os morangos não devem ser guardados nas cestas em que são comprados, mas numa vasilha rasa, ou bandeja, para que uns não amassem os outros, e para que não fiquem abafados.*

★ *Enrole fatias de mortadela, recheando-as com repôlho, salada de batatas ou azeitonas picadas. Prenda o canudinho com um palito. Arrume em volta do prato de saladas, que preparou para a refeição.*

Águas da Prata

(ESTADO DE SÃO PAULO)

«A VICHY BRASILEIRA»



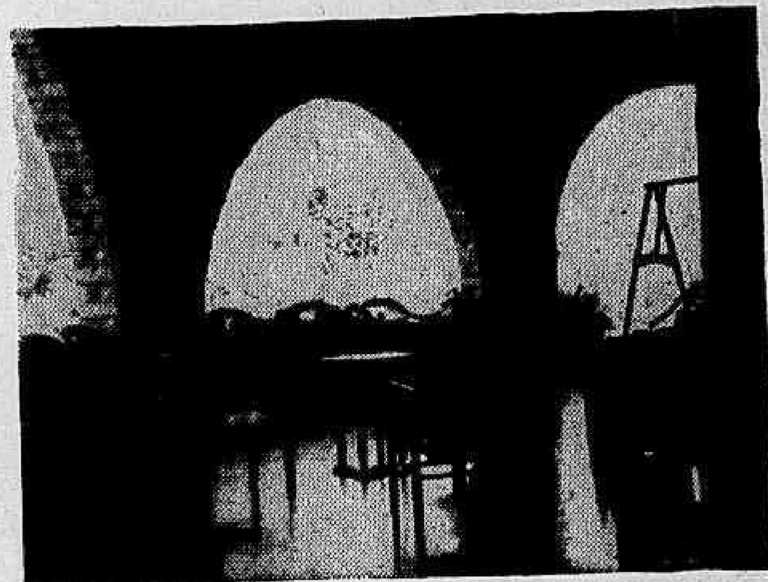
O confortável salão de estar, comunicando-se com a sala de jantar.

Entre as riquíssimas fontes hidrominerais de que é fértil o Brasil, as ÁGUAS DA PRATA, são de resultados surpreendentes nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

Estância de maravilhosa beleza agreste e pitoresca, situada a 818 metros acima do nível do mar de clima ameno em tôdas as estações do ano, ÁGUAS DA PRATA, oferece aos seus aqüistas recantos e passeios encantadores, tais como os de «Piscina do Boi», «Cascatinha dos Amôres», «Fonte Antiga», «Fazenda das Carpas», «Fazenda Retiro», «Fonte do Paiol», «Fonte Vilela», «Pedra Balão» e muitas outras de riqueza paisagística sem igual.

À natureza juntou a mão do homem outros atrativos e comodidades, capazes de satisfazer o mais exigente aqüista.

Fonte Vilela — Poderosa água radioativa com 89 matchs de radioatividade, para a cura das moléstias dos rins.



Um aspecto da majestosa varanda do Hotel, recanto ideal para repouso.

GRANDE HOTEL PRATA

O mais bem montado da Estância, com 55 apartamentos e 55 quartos confortàvelmente mobiliados e telefone em todos os aposentos, está situado a dois passos das principais fontes de água mineral e responde a todos os requisitos modernos.

Para divertimento e comodidade de seus hóspedes dispõe de Salão para crianças, para chá e jogos; ótimo salão de Estar e para Festas: Cinema modernamente instalado: Bilhar e Snooker: Barbearia e Manicure.

COZINHA DE 1ª ORDEM e REGIMENS DIETÉTICOS

RESERVA DE APOSENTOS:

Pelas Emprêsas de Turismo ou diretamente para o GRANDE HOTEL PRATA, Águas da Prata, Estado de São Paulo por carta, telegrama ou pelo telefone nº 20.

Até 30 de dezembro 20% de desconto nos preços da tabela.



A grande e alegre sala de jantar, belamente arejada e iluminada.

ÁGUAS DA PRATA é servida pela magnífica Emprêsa de ônibus VIAÇÃO COMETA S. A., que circula por centenas de cidades do país e que mantém 10 ônibus diários para S. Paulo.



Vista geral do Grande Hotel Prata

SILVANA PANPANINI adere ao MAMBO



Segundo os que a viram dançando o «mambo» é êste o ponto culminante das atômicas evoluções.

ESSA «Bomba Atômica Italiana» como é conhecida hoje nas rodas artísticas do Velho Mundo e também destas paragens das Américas, aparece no seu mais recente filme, «Adorável Inimigo», a dançar o «mambo», à sua moda. Como vemos, a filha da terra dos Apeninis invade a seara das especializadas, Antonieta Pons e Ninon Sevilha, artistas que vivem numa guerra tremenda entre si, para saber quem mais sabe remexer com as ancas e seus anexos. Agora, Pampanini entra na dança a se remexer tôda, para aumentar o número de seus admiradores, que são aos milhões, aí pelo mundo afora. Mas a curiosidade da notícia não está pròpriamente, em ela ter aprendido a dançar o «mambo», ou «mamba», como vem na reportagem procedente da Itália. O fato mais engraçado é dizer-se ali, que Pampanini dançou no filme citado, o «mambo» ou «tocado», uma dança do norte do Brasil. Do norte do Brasil, o «mambo» ou «tocado»! Como é grande e desconhecido êsse colossal Brasil, dos próprios brasileiros! Então há lá pelo norte de nossa terra uma dança com o nome de «mambo» ou «tocado» e a gente aqui pelo Rio de nada sabia! Os nossos compositores populares, as associações musicais e de letras para modinhas e sambas, marchas e baiões, nunca exploraram essa fonte de sabedoria popular, esteira de assuntos folclóricos, capazes de dar fortunas aos gravadores e tornar famosos os poetas. O filme da italiana atômica, ao ser programado nos cinemas do Rio, vai atrair muita gente que deseja ver a nossa dança nortista já vinda lá da Itália. E, quem sabe, se não mandaremos comissões de interessados a Roma para aprenderem o «tocado», que jamais foi tocado por estas terras de seu nascimento? Também pode ter-se dado o seguinte: um nortista qualquer, dançando seu xaxado ao som da harmônica, ao ser interrogado sôbre sua arte, teria respondido «Estou dançando **tocado**». Mas êsse tocado nada tem a ver com **mambos.** E' coisa da gíria, e quem quiser saber, dance tocado pelas «batidas»...



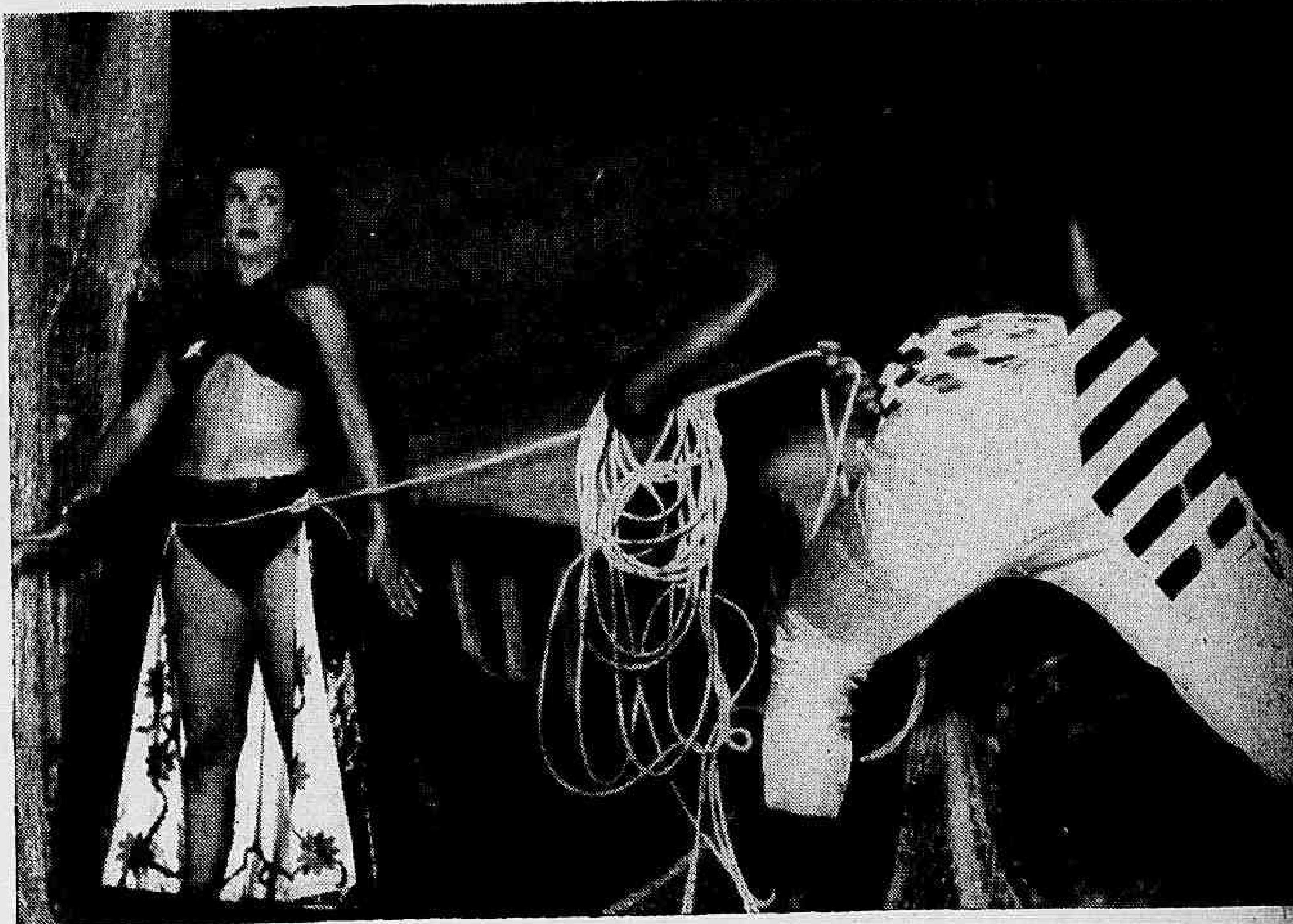
Começa a dança: Silvana e Benjamin se olham ternamente.



Silvana Pampanini se mostra esquiva diante dos «botes» do pescador do norte do Brasil nos gestos do tal «tocado»...



Num intervalo da filmagem, Silvana se exercita no batuque.



Até que enfim, o pescador conseguiu laçar a «sereia»; mas Pampanini parece que não c[...] corda com o «jôgo».

O CENTENÁRIO DE UMA CORRIDA A VAPOR

ENTRE A MORTE DE UM MINISTÉRIO E O NASCIMENTO DA PRIMEIRA ESTRADA DE FERRO DO BRASIL ★ DOIS MINISTROS ESTRANGEIROS E UM REPÓRTER CARIOCA ★ UM SIMPLES SR. IRINÊO ★ LOCOMOTIVA COM A VELOCIDADE DE UMA FLECHA ★ PORQUE SE CHAMOU "BARONESA" ★ DE COMO UMA BRIGA ENTRE FRADES NO ORIENTE IMPEDE O PROGRESSO FERROVIÁRIO NO BRASIL.

Texto de RENATO DE ALENCAR

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA COLUNA DE TESTES:

1 Quem disse isto: «O amor perfeito só em flor é que se vê»:
— Júlio Diniz?
— José de Alencar?
— Machado de Assis?

2 Que quer dizer «Samuel», em hebraico:
— Filho dos pobres?
— Dado por Deus?
— Sábio?

3 Em que museu da Europa se encontram os mais importantes documentos fósseis de Minas Gerais:
— No «Lund», de Copenhague?
— No «Louvre», de Paris?
— No de Londres?

4 Qual dêstes três agentes origina o vinagre:
— O bacilus lacticus?
— O micrococcus aceti?
— O bacilus radicicola?

5 Qual dêstes sábios é considerado como o fundador da microbiologia:
— Lavoisier?
— Herbert Spencer?
— Luis Pasteur?

6 Por que motivo se tornou famoso Ricardo Pfeiffer:
— Por ter descoberto o bacilo da gripe?
— Pelo seu vôo em volta da Terra?
— Por suas obras sôbre câmbio?

7 As serpentes venenosas possuem a pupila:
— Vertical?
— Horizontal?
— Redonda?

8 Qual foi o animal que, um dia, salvou Frederico, o Grande, de ser envenenado:
— Um cão dinamarquês?
— Um cavalo?
— Uma aranha?

9 Franz Liszt era:
— Russo?
— Húngaro?
— Alemão?

10 Gutemberg, o inventor da imprensa, morreu:
— Em extrema miséria?
— Muito rico?
— Na prisão?

11 Quem, ao morrer, disse isto: «A morte é o descanso do guerreiro»:
— O Duque de Caxias?
— Napoleão Bonaparte?
— Floriano Peixoto?

12 O alfabeto Morse é empregado para:
— Educar os cegos?
— Para comunicações telegráficas?
— Para códigos secretos?

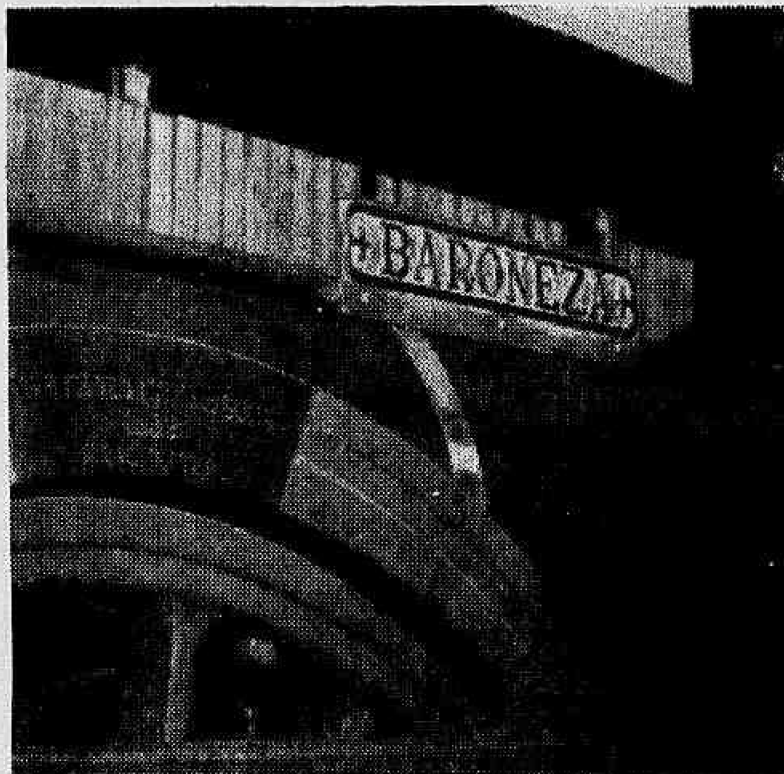
13 Qual dêstes livros sagrados foi escrito por Maomé:
— A Bíblia?
— O Corão?
— Os Vedas?

14 Em que parte do mundo apareceu primeiro a cana-de-açúcar?
— Na América do Sul?
— Na África?
— Na Europa?

15 Qual dêstes paises o que produz mais açúcar:
— Cuba?
— Brasil?
— Estados Unidos?

Resposta 0: estado primitivo — Homem-macaco.
De 1 a 3: cultura inferior — Selvagem.
De 4 a 6: cultura média — Estudante ginasial.
De 7 a 11: cultura superior — Universitário.
De 12 a 14: um sábio.
Tôdas as 15: Um gênio em pessoa.

(RESPOSTAS NA PAG. 48)



Firma, ano e local, com o que se identifica a «Baronesa» como a primeira locomotiva do Brasil e terceira da América do Sul.

A cinco de setembro de 1853, fazia-se em Mauá a experiência da primeira locomotiva que correu no Brasil. Do acontecimento encontra-se uma reportagem na edição de 6 de setembro de 1853 do «Jornal do Comércio», da qual transcrevemos os seguintes trechos, respeitada a ortografia: «Hontem experimentou-se a corrida de uma locomotiva a vapor pelos trilhos de ferro de uma porção concluida da estrada de Mauá á raiz da serra da Estrella. O nosso correspondente da Semana dirigio-nos á noite as seguintes linhas a semelhante respeito: «Enquanto o mundo politico se agitava esta manhã e a espada de Damocles deixando de oscilar por um momento, cahia sobre o ministerio, íamos eu e mais alguns curiosos entre os quaes se notavão os ministros da Inglaterra e da Austria, arriscarmos-nos a uma experiência no primeiro carro de vapor que trilhava o primeiro caminho de ferro do Brazil. Atravessámos a bahia em um barco tambem movido pelo agente de Fulton, e dahi a duas horas (o barco era de pequena carreira) chegámos a Mauá. Não estando ainda mais do que principiada a ponte de desembarque, subimos guindados pelos esteios, e deslisamo-nos por uma sucessão de taboas delgadas e pouco seguras até a praia, com o risco de tomarmos um banho de lodo. Logo a alguns passos vimos uma singela e curiosa locomotiva com a certidão do anno de seu nascimento e do nome do seu digno pai nas rodas do centro. As letras de metal amarello portavão por fé o seguinte:

W. M. Faibairn and Sons
1852
Manchester

Ainda não havia o waggon em regra. Adaptou-se á locomotiva um carro grosseiro de transporte de materiaes, e sem mais demora deitámo-nos todos nesse wagon improvisado. De repente um grito prolongado, estridente, um sibilo da força de 50 sopranos, esturgio los ares e nos fez levar as mãos aos ouvidos. Era o annuncio da partida, era o aviso a quem se achasse no caminho para acautelar-se de um bote mortal, aviso dado por um tubo da propria locomotiva. Mais veloz do que uma flexa, do que o vôo de uma andorinha, o carro enfiou-se pelos trilhos, embalançou-se, correu, voou, devorou o espaço, e atravessando campos, charnecas e mangues aterrados parou enfim arquejante no ponto em que o caminho ainda não offerece segurança. O espaço devorado foi de uma milha e tres quartos. O tempo que durou o trajeto foi de quatro minutos incompletos. É justo que consignemos aqui os nomes dos Srs. Irinêo e Braggs, o primeiro por se haver afoitado a emprehender aquelle melhoramento, o segundo por estar executando com zelo e pericia os trabalhos respectivos».

Depois de referir-se a um Sr. Hadfield, «representante da companhia que emprehendeu a linha de navegação de Liverpool», e que também estêve presente à experiência, conclui o cronista com estas palavras: «Fosse Jorge Stephenson ou Trevithich, como querem os inglezes; os irmãos Seguin, como asseverão os Francezes; ou Oliveiro Evans, como pretendem os americanos; fosse quem fosse o inventor das locomotivas, o que é verdade é que a humanidade deu um passo agigantado depois dessa aquisição. O Congresso da paz devia commemorar em sessão a um tão prodigioso invento, que pode, mais do que meia duzia de discursos pomposos, estreitar os povos em um feixe, desenvolvendo o comercio, o maior elemento de paz e de grandeza. Que futuro brilhante para o Brazil estavamos lendo nas rodas daquella locomotiva!» Depois de bordar comentários sôbre o que as novas gerações iriam ver com as estradas de ferro civilizando o país, termina pedindo que se dê «descanso eterno á pobre raça muar», e que «venhão os melhoramentos materiaes do paiz, venhão com elles a paz e a industria, e para principiarmos . . . Venha quanto antes a estrada de Minas e São Paulo».

Quem era êsse simples **Sr. Irinêo**, como se escrevia então, que mereceu citação do cronista, por ter-se afoitado a empreender aquêle melhoramento? Apenas, leitor, o grande, o extraordinário Barão e depois Visconde de Mauá, Irineu Evangelista de Sousa, incontestàvelmente o maior dos brasileiros de todos os tempos. E aqui transcrevemos o teor da lei, que lhe concedeu exclusividade para realizar os primeiros serviços de navegação e transporte terrestre a vapor no país:

Decreto (Executivo) nº 987 de 12 de junho de 1852: «Concede a Irineo Evangelista de Souza o privilegio exclusivo por dez annos para navegação por vapor entre esta cidade e o ponto da praia do mar do Municipio da Estrella, em que começar o caminho de ferro, que elle se propõe construir no mesmo Municipio até a raiz da serra».

A data de seis de setembro relembra ainda a subida ao poder do gabinete chefiado pelo Marquês do Paraná, o grande estadista do segundo reinado, Honório Hermeto, a quem coube o Ministério da Fazenda. Os outros nomes dêsse gabinete foram: Luís Pedreira do Couto Ferraz, Barão do Bom Retiro, conhecido como «o amigo do Imperador», na pasta do Império; José Tomás Nabuco de Araújo, na Justiça; Limpo de Abreu, e depois o Visconde do Rio Branco, na pasta dos Estrangeiros; o general Bellegarde, e, mais tarde, Caxias, na pasta da Guerra; na da Marinha, primeiro estêve Bellegarde, depois, o Visconde do Rio Branco, e mais tarde, Cotegipe, para finalmente voltar à direção de Silva Paranhos, Visconde do Rio Branco. Estava-se, então, em plena política da «Conciliação», quando os ânimos entre Liberais e Conservadores receberam a ducha dos entendimentos e foi banida do país aquela atmosfera de levantes e pronunciamentos armados, o que tanto prejudicava o progresso nacional.

A êsse tempo a produção de ouro do Brasil não fôra favorável, em comparação com outros qüinqüênios. De 1851 a 1855, conseguimos onze toneladas, o que dá a média anual de dois mil e duzentos quilos. A situação internacional em 1853 era alarmante, pois, já a 3 de julho tropas russas invadiam principados danu-

bianos, causando intranqüilidade à Turquia e às maiores potências européis. As negociações entre o Brasil e a Inglaterra, tendo por finalidade o fornecimento de trilhos, locomotivas, vagões e todos os demais aparelhamentos destinados a construções de vias férreas, ficaram suspensas com as notícias de guerra no Oriente. O progresso do Brasil estava, pois, dependendo da paz naqueles confins de mundo. Como vemos, o que sucede hoje, com «guerras frias», só acontecia com «guerras quentes». A 6 de setembro de 1853, experimentava-se a primeira locomotiva que correu sôbre trilhos no Brasil, e sua inauguração oficial só se verificou a 30 de abril de 1854, isso mesmo porque grande parte do material nos chegou antes de estalar a guerra da Criméia, com a qual outros empreendimentos ferroviários ficaram detidos, sem que a Inglaterra pudesse atender às encomendas, aliada que era da Turquia, ao lado da França. Para ver-se como a guerra no Oriente nos prejudicou, basta ver-se que o primeiro trem inaugurando a estação de D. Pedro II (hoje Central do Brasil), partiu dali a 29 de maio de 1858, dois anos depois de terminada a guerra da Criméia, com a vitória dos aliados (Turquia, França e Inglaterra) contra o Tsar da Rússia.

Uma simples questão entre frades da Terra Santa e monges gregos deu causa a uma das mais terríveis carnificinas da história. O sultão Abdul-Medjid, amparado pela França, não apoiou as desapropriações que o Tsar da Rússia ordenara a favor de frades gregos. Recorreu-se à arbitragem, mas a comissão intercessora, pressionada pelo Tsar, deu laudo favorável aos religiosos gregos. O príncipe russo Menschikov, a 5 de maio de 1853 entregou ao Sultão otomano um «ultimatum», para que os cristãos gregos do Império Turco ficassem sob o protetorado russo. O Sultão o repeliu, e tropas moscovitas iniciaram a guerra em julho de 1853, embora ainda houvesse esperanças de que a mesma fôsse detida no nascedouro. Mas, infelizmente, a 3 de novembro a esquadra russa do mar Negro deixava Sebastopol e ia destruir tôda a frota de guerra turca ancorada em Sinope. A Inglaterra e a França acorreram com tropas e esquadras em socorro da Turquia, até 30 de março de 1856, quando terminou a chamada guerra da Criméia.

Por que se deu à primeira locomotiva o nome de «Baronesa»? Porque, ao inaugurar-se o primeiro trecho da estrada de Pôrto Mauá até Fragoso, o Imperador D. Pedro II deu a Irineu Evangelista de Sousa, seu realizador, o título de Barão de Mauá, recebendo a locomotiva histórica, o nome de «Baronesa», em homenagem à sua espôsa. O percurso (14 e meio quilômetros) era feito em vinte minutos, o que dera ao cronista a impressão de velocidade de flecha...

O primeiro trecho de estrada de ferro em nosso país, não foi, como muitos pensam, o inaugurado na Central do Brasil a 29 de maio de 1858, com a presença de S. M. o Imperador D. Pedro II, e sim aquêle que ia de Mauá (Pôrto da Estrêla) até Fragoso, em maio de 1854, atingindo a Raiz da Serra, em direção a Petrópolis, em dezembro de 1856, já com a extensão de 18 mil metros. A locomotiva era a mesma, a famosa «Baronesa», conforme se pode identificar com os dizeres fundidos em sua roda central, com o nome dos fabricantes, data e local. Essa velha máquina só descansou em 18 de fevereiro de 1884, quando Afonso Augusto de Moreira Pena, dirigiu à Diretoria da Central o seguinte aviso: «Haja V. M. de providenciar para que nessa Estrada de Ferro, seja recebida e depositada nas Oficinas de Engenho de Dentro, a fim de ser ali conservada, a 1º locomotiva que serviu na E. F. de Mauá, que foi também a primeira inaugurada no Império, a qual locomotiva acaba de ser oferecida ao Govêrno Imperial pela Cia. Estrada de Ferro Príncipe do Grão Pará. Deus guarde a V. M. (a) Afonso A. M. Pena».

A nobre «Baronesa» trabalhou durante trinta anos. Hoje está centenária, recolhida a um lugarzinho florido e bem cuidado, asilo para locomotivas inválidas, em Engenho de Dentro. Se falasse, quanta coisa nos relataria! Fomos vê-la, na sua humildade, mas muito luzidia, graças aos cuidados com que é tratada sob a tutela do dr. Reinaldo Pinto, conhecedor profundo da história da Central e da vovòzinha, a venerável «Baronesa».



Uma pose especial de frente, dessa máquina histórica, a vovòzinha de nossa viação férrea, felizmente conservada.

A SEMANA ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 17 E 23 DE OUTUBRO DE 1953

(Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

CARNEIRO (21/9 — 20/10) — As favorabilidades continuam no caso do leitor. O astro que lhe influencia as atividades estará muito bem pôsto e aspectado, na semana entrante, proporcionando-lhe as melhores oportunidades, no trabalho e nas especulações a que se entregar.

TOURO (21/10 — 20/11) — O influxo planetário, em relação ao planêta que lhe simboliza o destino, estará atenuado, no próximo período. Não se aventure, pois, a negócios alheios às atividades comuns nem ponha suas esperanças em golpes ou no jôgo.

GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Os casos sentimentais que se iniciarem na semana de 17 a 23 do corrente, não evoluirão satisfatòriamente. O novo período não se prestará, do mesmo modo, para a assinatura de contratos, emissão de títulos, compras a praso, etc.

CANCER (23/12 — 20/1) — Dê tôda a atenção ao que fizer, pois estará sujeito a perigosos enganos. Não assuma a menor responsabilidade por terceiros, pois é neste setor que estará a maior desfavorabilidade da semana.

LEÃO (21/1 — 20/2) — Seus empreendimentos serão bem sucedidos, exceto os que forem iniciados nos dias 18 e 22, dias de influxos cruzados e conseqüentemente perniciosos. Não faça viagens, mesmo pequenas, na semana entrante.

VIRGEM (21/2 — 22/3) — Faze por ti e o céu te ajudará, diz o adágio. Na próxima semana o leitor terá de observar êsse princípio da sabedoria dos antigos. É preciso fazer fôrça. Os ventos serão contrários.

LIBRA (23/3 — 20/4) — Um novo período de chance, eis o que o espera. Aproveite a oportunidade para conseguir o apoio político de que tiver necessidade. Oriente-se num sentido objetivo, pois o período será de realizações.

ESCORPIÃO (21/4 — 20/5) — Não serão inúteis os esforços que expender na próxima semana. O leitor atravessará dias fecundos de real proveito e de realizações duradouras. Plante e colherá.

SAGITÁRIO (21/5 — 23/6) — Ótimas oportunidades vão ser oferecidas ao leitor, para conseguir um meio de vida mais lucrativo. Terá tôdas as probabilidades para ver cumpridas as promessas que, em tal sentido lhe tenham sido feitas.

CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Poderá dirigir seus apelos aos parentes, amos, amigos íntimos, aos elementos de sua **entourage**. O leitor estará num período de irradiante simpatia. Seu magnetismo pessoal será irresistível, limitado que seja ao círculo das suas relações.

AQUÁRIO (23/7 — 21/8) — O novo período será muito proveitoso à divulgação das suas idéias e dos seus projetos. A propaganda resultará proveitosa, produzindo todos os esperados efeitos.

PEIXES (22/8 — 20/9) — O exagêro será o seu ponto fraco na semana entrante. Suas propostas serão recusadas como mirabolantes. Fale o mínimo possível dos seus negócios, certo de mesmo assim, produzir o necessário.

OS NOMES DA SEMANA

Outubro	17 — Aldério	—	Edna
"	18 — Laércio	—	Aldisa
"	19 — Ronilso	—	Helena
"	20 — Bertoldo	—	Sílvia
"	21 — Rômulo	—	Salvina
"	22 — Landulfo	—	Rosa
"	23 — Luís	—	Luísa

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

			(SIGNO DA:)
Outubro	17	23º 49' 24"	(Balança)
"	18	24º 48' 58"	(")
"	19	25º 48' 34"	(")
"	20	26º 48' 12"	(")
"	21	27º 47' 51"	(")
"	22	28º 47' 33"	(")
"	23	29º 47' 16"	(")

PASSATEMPO

LIDERGRAMA Nº 76

A	Probidade; virtude; virgindade →	114	2	47	17	128	■	■
B	Peça para amparar e suster →	137	10	37	82	108	51	■
C	Tabaco em pó →	131	99	49	15	■	■	■
D	Imitam; tiram cópias →	147	78	105	18	28	3	■
E	Relento →	117	93	42	26	101	57	134
F	Ostentação ou magnificência →	50	122	67	75	■	■	■
G	Afirmar; certificar →	27	63	143	19	136	87	95
H	Informação; nova →	86	151	16	106	69	140	115
I	Respiração difícil; cansaço →	90	6	21	74	141	■	■
J	Varro; torno asseado →	8	25	98	144	65	■	■
K	Coisa que delicia; encantamento →	22	52	81	46	135	96	70
L	Ato de negar →	40	34	116	104	111	89	139
M	Transparente; translúcido →	35	73	43	12	80	113	107
N	Aceitou; perfilhou →	76	55	94	20	129	103	■
O	Ficaram secos →	48	124	41	23	30	92	150
P	Da Escócia →	39	72	1	58	142	132	123
Q	Conte; relate →	62	36	24	119	110	■	■
R	Estímulo; dou pressa →	14	109	79	59	133	149	121
S	Rançoso; râncio →	127	56	71	88	32	■	■
T	Tempo que um rei governa →	33	97	146	83	54	120	112
U	Que mostra afetação →	5	138	85	44	118	60	11
V	Caráter tipográfico →	53	38	125	9	■	■	■
W	Seguirei →	13	64	91	148	■	■	■
X	Inseto semelhante à abelha →	31	61	102	130	126	■	■
Y	Acrescente; torne ditoso →	29	77	7	145	68	■	■
Z	Não ouve →	100	66	45	84	4	■	■

EXPLICAÇÃO — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos, cada letra em uma casa. Transportam-se depois para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras e, no quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras e indicam a pontuação.

■	■	■	P 1	A 2	D 3	Z 4	■	U 5	■	I 6	Y 7	J 8	V 9
B 10	U 11	M 12	W 13	R 14	■	C 15	■	H 16	A 17	D 18	G 19	N 20	I 21
■	K 22	■	O 23	Q 24	J 25	E 26	G 27	!	D 28	■	Y 29	O 30	X 31
S 32	T 33	L 34	■	M 35	Q 36	■	B 37	V 38	P 39	L 40	O 41	E 42	M 43
,	U 44	Z 45	K 46	A 47	O 48	C 49	F 50	B 51	K 52	V 53	T 54	N 55	S 56
■	E 57	P 58	■	R 59	U 60	X 61	Q 62	,	G 63	W 64	J 65	Z 66	F 67
Y 68	■	H 69	K 70	S 71	P 72	M 73	I 74	F 75	■	N 76	■	Y 77	D 78
R 79	,	M 80	■	K 81	D 82	T 83	Z 84	U 85	H 86	G 87	S 88	L 89	I 90
■	W 91	■	O 92	■	E 93	N 94	G 95	K 96	T 97	;	J 98	C 99	Z 100
■	E 101	■	X 102	N 103	L 104	■	D 105	H 106	M 107	B 108	■	R 109	Q 110
L 111	T 112	M 113	A 114	H 115	■	L 116	E 117	U 118	Q 119	T 120	R 121	F 122	■
P 123	O 124	■	Y 125	X 126	S 127	A 128	■	N 129	■	X 130	C 131	P 132	R 133
E 134	K 135	G 136	B 137	:	U 138	L 139	H 140	■	I 141	■	P 142	G 143	J 144
Y 145	T 146	D 147	[illegible] 148	R 149	O 150	H 151	■	■	■	■	Ofaner · Rio		

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA Nº 75 — L. DE CASTRO. ANITA GARIBALDI. "O grande mal, na atualidade, das nações, inclusive o Brasil, está no sórdido interêsse, na ambição da criatura se tornar rica e poderosa e viver na maior abastança".

GALINHA CEGA

(Cont. da pág. 19)

vizinhança, ai . . . Nem por sombra pensou que era a cegueira irremediável que principiava.

Também a galinha, coitada, não compreendia nada, absolutamente nada daquilo. Por que não via mais os dias luminosos em que procurava a sombra das pitangueiras? Sentia ainda o calor do sol, mas tudo quase sempre tão escuro. Quase que já não sabia onde é que estava a luz, onde é que estava a sombra.

Foi assim que, certa madrugada, quando abriu os olhos, abriu-os sem ver coisa alguma. Tudo em redor dela estava prêto. Era só ela, pobre, indefesa galinha, dentro do infinitamente prêto; perdida dentro do inexistente, pois o mundo desaparecera e só ela existia inexplicàvelmente dentro da sombra do nada. Estava ainda no poleiro. Ali se anularia, quietinha, se fanando quase sem sofrimento, porquanto a admirável clarividência dos seus instintos não podia conceber que ela estivesse viva e obrigada a viver, quando em redor se havia sumido.

Porém, suprema crueldade, os outros sentidos estavam atentos e fortes no seu corpo. Ouvia que as outras galinhas desciam do poleiro cantanto alegremente. Ela, coitada, armou um pulo no vazio e foi cair no chão invisível, tocando-o com o bico, pés, peito, o corpo todo. As outras cantavam. Espichava inùtilmente o pescoço para passar além da sombra. Queria ver, queria ver! Para depois cantar.

As mãos carinhosas do dono suspenderam-na do chão.

— A coitada está cega, Inácia! Cega!

— É.

Nos olhos raiados de sangue do carroceiro (êle era carroceiro), boiavam duas lágrimas enormes.

★

Religiosamente, pela manhãzinha, êle dava milho na mão para a galinha cega. As bicadas tontas, e violentas, faziam doer a palma da mão calosa. E êle sorria. Depois a conduzia ao poço, onde ela bebia com os pés dentro da água. A sensação direta da água nos pés lhe anunciava que era hora de matar a sêde; curvava o pescoço, ràpidamente, mas nem sempre o bico atingia a água: muita vez, no furor da sêde longamente guardada, tôda a cabeça mergulhava no líquido, e ela sacudia, assim molhada, no ar. Gôtas inúmeras se espargiam nas mãos e no rosto do carroceiro agachado junto ao poço. Aquela águù era como uma bênção para êle. Como a água benta, com que Deus misericordioso e acessível espargisse tôdas as dores animais. Bênção, água benta ou coisa parecida; uma impressão de doloroso triunfo, de sofredora vitória sôbre a desgraça inexplicável, injustificável, na carícia dos pingos de água, que êle não enxugava e lhe secavam lentamente na pele. Impressão, aliás, algo confusa, sem requintes psicológicos e sem literatura.

Depois de satisfeita a sêde, levava-a para o pequeno cercado de tela, separado do terreiro, que construíra especialmente para ela (as outras galinhas martirizavam muito a Branquinha). De tardinha dava-lhe outra vez milho e água, e deixava a pobre cega num poleiro solitário, dentro do cercado.

Porque o bico e as unhas não mais catassem e ciscassem, puseram-se a crescer. A galinha ia adquirindo um aspecto irritório de rapace, ironia do destino, o bico recurvo, as unhas aduncas. O tal crescimento já lhe atrapalhava os passos, lhe impedia a comer e beber. Êle notou mais essa miséria e, de vez em quando, com a tesoura, aparava o excesso de substância córnea no serzinho desgraçado e querido.

Entretanto, a galinha já se sentia de novo quase feliz. Tinha delicadas lembranças da claridade desaparecida. No terreiro plano, particular, ela podia ir e vir à vontade até de topar a tela de arame e já se acostumara a abrigar-se do sol debaixo do seu poleiro solitário. Ainda tinha liberdade — o pouco de liberdade necessária à sua cegueira. E milho. Não compreendia nem procurava compreender aquilo. Tinham soprado a lâmpada e acabou-se. Quem tinha soprado não era da conta dela. Mas o que lhe doía fundamente era já não poder ver o galo de plumas bonitas. E não sentir mais o galo perturbá-la com o seu có-có-có malicioso. O ingrato.

De repente os acontecimentos se precipitaram.

★

— Entra!

— Centra!

A meninada ria a maldade atávica do deleite do futebol originalíssimo. A galinha se abandonava sem protesto na sua treva ao léu dos chutes. Ia e vinha. Os meninos não a chutavam com tanta fôrça como a uma bola mas gozavam a brincadeira.

O carroceiro não quis saber por que é que a sua ceguinha estava no meio da rua. Avançou como um possesso com o chicote que assoviou para atingir umas nádegas tenras. Zebrou carnes nos estalos da longa tira de sola. O grupo de guris se dispersou em prantos, risos, insultos pesados, revolta.

★

Quando saiu do xadrez, na manhã seguinte, levava um nó na garganta. Rubro de raiva impotente. Foi quase que correndo para casa.

— Onde está a galinha, Inácia?

— Vai ver.

Encontrou-a no terreirinho, estirada, morta! Por todos os lados havia penas arrancadas, mostrando que a pobre se debatera, lutara contra o inimigo, antes dêste abrir-lhe o pescoço, onde existiam coágulos de sangue . . .

Era tão trágico o aspecto do marido que os olhos da mulher se esbugalharam de pavor:

— Não fui eu não! Com certeza um gambá!

— Você não viu?

— Não acordei! Não pude acordar!

Êle mandou a enorme mão fechada contra as rugas dela. A velha tombou nocaute, mas sem aguardar a contagem dos pontos escapuliu para a rua gritando:

— Me acudam!

★

Quando de novo saiu do xadrez, na manhã seguinte, tinha açambarcado tôdas as iras do mundo. Arquitetava vinganças tremendas contra o gambá. Todo gambá é pau-dágua. Deixara uma gamela com cachaça no terreiro. Quando o bichinho se embriagasse, havia de matá-lo aos poucos. De-va-ga-ri-nho. **Gostosamente.**

De noite preparou a esquisita armadilha e ficou esperando. Logo pelas vinte horas o sono chegou e, cansado pela insônia na prisão, êle não lhe resistiu. Mas acordou justamente na hora necessária. À porta do galinheiro, ao luar leitoso, junto à mancha redonda da gamela, tinha outra mancha escura que se movia dificilmente.

Foi-se aproximando sorrateiro, traiçoeiro, meio agachado, examinando em olhares rápidos o terreno em volta, as possibilidades de fuga do animal, para destruí-las de pronto, se necessário. O gambá fixou-o com os olhos espertos e inocentes e começou a rir:

— Kiss! Kiss! Kiss!

(Se o gambá fôsse inglês com certeza estaria pedindo beijos. Mas não era. No mínimo estava comunicando que houvera querido alguma coisa. Comer galinhas, por exemplo. Bêbado).

O carroceiro examinou o bichinho curiosamente. O luar, que favorece o surto de rapôsas e gambás nos galinheiros, era esplêndido. Mas o homem apenas tocou-o de leve com o pé, já simpatizado:

— Vá embora, seu tratante!

O gambá foi indo trôpegamente. Passou por baixo da tela e parou olhando para a Lua. O bichinho se sentia imensamente feliz e começou a cantarolar imbecilmente, como qualquer criatura humana:

★

— A lua como um balão balança!
A lua como um balão balança!
A lua como um bal . . .

E adormeceu de súbito debaixo de uma pitangueira.

PUXE PELO CÉREBRO

RESPOSTAS DA PÁGINA 46:

1 — Júlio Diniz
2 — Dado por Deus
3 — No «Lund», de Copenhague
4 — O micrococcus aceti
5 — Luis Pasteur
6 — Por ter descoberto o bacilo da gripe
7 — Vertical
8 — Uma aranha (caiu-lhe numa xícara de chocolate envenenado)
9 — Húngaro
10 — Em extrema miséria
11 — O Duque de Caxias
12 — Para comunicações telegráficas
13 — O Corão
14 — Na Europa (levada pelos Cruzados)
15 — Cuba.

ARABELE a última sereia







Joe, que julga ser Arabelle uma ingênua e mesmo tôla, não esconde a sua grande surprêsa ao ver, na conversa que mantiveram e nas perguntas inocentes que lhe fizera, astuciosamente, a moça, que ela ignorava, totalmente, ser êle, Joe Piper, o «Rei da droga».

E lhe revela o meio ardiloso que emprega para suprir o mercado da cidade de Xangai, com ópio: — coloca os pequenos comprimidos nas caixinhas de música

E as remete a seu amigo Tching-Tchoung. Quando é preciso que se faça um reabastecimento, fingem consertar a **música**. Por fim, convidou-a para fumar ópio.







Arabelle, vendo que êle não se mostra disposto a dizer mais nada sôbre o assunto, leva sua taça aos lábios e, assim, bebe «à sua saúde». Joe Piper não esconde o seu grande contentamento.

Instalado em confortável divã, êle prepara os cachimbos. Mas, dominado pelo vício, vai fumando sem observar que a jovem limita-se apenas a fingir que experimenta...

Instantes depois, Joe Piper dorme profundamente. Reina o mais completo silêncio no ambiente. Tching-Tchoung ressona. Joe, completamente dominado pela droga, não pode sequer articular um simples monossílabo.







Joe Piper sonha. Tching-Tchoung dorme pesadamente. A jovem Arabelle, que de há muito esperava por êsse grande momento, embora sabendo correr tremendo perigo, se ergue, procurando não fazer barulho...

Sente, porém, que os vapores do ópio também lhe sobem à cabeça; mas, ràpidamente, se reanima. Certifica-se de que o ambiente está calmo e se afasta na ponta dos pés.

Ela já sabe que, naquele palácio, há depósito de ópio; mas, onde? Ela resolve **descobrir**, **entrando em investigações**. A notícia, **não há dúvida**, será bem agradável **a seu amigo Ludovic**







Ainda meio perturbada pela champanha e pelo ópio, ela fica um tanto vacilante. Para onde deverá se dirigir? Há, de fato, diante dela muitas portas...

Empurra uma delas, ao acaso, e entra. Sôbre móveis finos, encontram-se copos semi-cheios, cigarros a queimar em cinzeiros, e discos dispersos. O ambiente entontece.

Mais adiante, encontra Arabelle outro aposento que se encontra igualmente sem nenhuma pessoa. Vê, apenas, uma mesa de jôgo e cartas espalhadas sôbre o finíssimo tapête. Continuou e foi dar de cara com uma sala oculta por um reposteiro pavoroso!

Desenhos de JEAN HACHE

História de VANIA LAUREZ

SOB O SIGNO DO "GALO BRANCO"

(Cont. da pág. 7)

«Eu vim apenas rezar», foi o que nos disse o sr. Novelli Júnior. Bombardeamos o ex-vice governador de São Paulo e dêle nada mais conseguimos arrancar. Mal havíamos deixado em paz o general Milton de Freitas Almeida, que nos declarou também ter ido assistir a inauguração da capelinha, quando deparamos com uma delegação de trabalhadores de S. Paulo, chefiada pelos srs. Armando Condorelli e Barbosa Sandoval, respectivamente, presidente e diretor da Caixa Ferroviária do Estado de São Paulo. Ouvido pela reportagem, declarou o primeiro: «Nós também viemos para a inauguração da igreja de São... — Benedito, atalhou o segundo, completando o nome do santo que o seu colega não soubera dizer, apesar de ali estar para homenageá-lo...» Neste momento o marechal Dutra chama o fotógrafo e solicita ser fotografado ao lado dos delegados dos trabalhadores paulistas, no que foi atendido.

A inauguração da capela teve lugar antes do almôço. É branca, pequenina e bastante bonita. Situada num altiplano, a igrejinha de São Benedito é um convite à meditação. O ato inaugural teve como patrono o «big tree», constituído por Dutra, Garcez e Canrobert. A imagem do padroeiro fica ao fundo, e é delicada. Defronte a capela, três bandeiras flutuavam ao vento: a do Brasil, no mastro central, ladeada pelos pavilhões de São Paulo e do «Galo Branco»... sim, o «Galo» ali é quem manda, e tem bandeira...

★

A casa estava repleta. Gente por tôda a parte. O sr. Machado Florence suava e, em determinado momento disse ao sr. Lucas Garcez: «Eu hoje não tive tempo nem para fazer a barba. Imagine que às 5 horas da manhã fui acordado pela reportagem da REVISTA DA SEMANA, que insistia em revistar minha casa em busca dos senhores. Aliás, já fui repórter, na mocidade, e sei lidar com a imprensa». Ato contínuo convidou seus hóspedes para o almôço, logo após servido em quatro amplos caramanchões cobertos de sapé. Do menu, farto e regado a bons vinhos franceses, constava «galinha (com certeza branca) grelhada», «lombo de porco à farofa com ovos», «vitelinha assada», «couve mineira», «tutu de feijão mulatinho», «arroz de forno», «torresmos de vitela e porco», «miúdos variados», etc. Em meio a mesa principal, foi colocado um galo branco, de porcelana chinesa — o anfitrião sempre teve a mania dos galos — e o almôço começou. O sr. Lucas Garcez comeu com grande apetite, o mesmo acontecendo com o marechal Dutra. Canrobert almoçou bem, porém bebeu quase nada. Dutra ficou na água mineral e o anfitrião Machado Florence deu a entender que havia mesmo escolhido o vinho de sua predileção, sorvendo 5 copos de legítimo «Chateau Birot». À sobremesa, apenas um discurso se fêz ouvir. Foi o do dono do «Galo Branco» que, inicialmente reafirmou ser apenas cívico e religioso o motivo da reunião. Em seguida, disse o sr. Machado Florence estar o «Galo Branco» feliz, cantando mais alto em homenagem a São Benedito e aos ilustres brasileiros ali presentes, o que provocou o seguinte comentário de um locutor paulista: «O dono do «Galo Branco» já foi galinha verde».

★

O brigadeiro Eduardo Gomes, cidadão de reconhecida fé católica, não compareceu ao encontro. Segundo nos informou o anfitrião, a razão da eusência foi motivada por compromissos anteriormente assumidos. Mas, em vez dêle, apareceu no «Galo Branco» o brigadeiro Arariboia, amigo pessoal de Eduardo Gomes.

★

Após o almôço, Dutra, Garcez e Canrobert dirigiram-se a casa da fazenda e, numa pequena sala, palestraram a sós durante oito minutos. O que disseram e sôbre o que falaram, ninguém soube. Porém, muita coisa pode ser dita num simples minuto. Que então teriam êles dito em oito? Nossa reportagem quebrou o «tabu» e invadiu a sala misteriosa, o que provocou do general Canrobert um olhar de esguelha em direção a porta. Depois, silêncio. Ah, naquele momento nem mesmo São Benedito arrancaria uma palavra do trio... E assim, com a saída de Garcez, seguido de perto por Canrobert e Dutra, findou-se a reunião do «Galo Branco», no dia 4 de outubro, de um domingo em que o sol nem sempre cooperou para que mais luzidia se tornasse a plumagem das redondezas e também do garnizé de porcelana que empresta seu nome àquelas glebas e que, ao fim da festa, havia misteriosamente desaparecido, dêle não sabendo nem mesmo o sr. Machado Florence...

Apesar dos repetidos desmentidos, houve mesmo conversações políticas em São José dos Campos. A batalha para a sucessão do sr. Getúlio Vargas tomou novos rumos. E a impressão geral de quantos estiveram em «Galo Branco» é que Dutra, Garcez e Canrobert acertaram seus relógios até 1955.

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua de Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº ......

NOME ....

RUA .... Nº ......

CIDADE ....

ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

RESOLVIDA A QUESTÃO DO DIVÓRCIO

(Cont. da pág. 15)

Geraldo Fernandes, como todos os demais com quem falamos, mostra-se plenamente feliz com a vida que leva e traça planos para o futuro. Com 16 anos de profissionalismo no «foot-ball», embora se sinta em plena forma, deseja trocar a camisa de jogador por uma de técnico. O seu maior sonho é conseguir um clube do Rio ou São Paulo. Diz que conhece os segredos da profissão.

Sendo os casamentos «de contrato», todos feitos com características próprias, conforme os interêsses das partes contratantes, a redação é muito variável. A uns interessa a limitação de praso, a outros a indenização. Dêsse modo as cláusulas variam substancialmente.

O sr. Oswaldo Carioni, conhecido alfaiate ali estabelecido, à rua Tiradentes, 9-A, desquitado, tendo três filhos da primeira espôsa (Angela, com 15 anos; Simão, com 13 e Tadeu, com 11) casou-se com d. Leoni Freitas, de cujo matrimônio nasceu a menina Cristina, que conta, atualmente, 6 anos de idade.

A certidão que nos apresentou dá como o contrato passado no **Tabelião Protásio**, constando no «Livro de Notas» nº 42, fôlhas 31 a 32 v. o têrmo lavrado pelo escrivão de paz e tabelião Odilon Bartolomeu Vieira.

Foram as seguintes as cláusulas firmadas: «PRIMEIRA — compromete-se êle outorgante a receber a ela outorgante, sob sua dependência moral, financeira, de acôrdo com as disposições constantes do artigo 400 do Código Civil Brasileiro»; «SEGUNDA — Vindo êle, outorgante, a ficar viúvo, cumprirá com a outorgante o disposto no artigo 192, combinado com o nº 211, do mesmo Código»; «TERCEIRA — Vindo a prevalecer uma lei que regule o divórcio, no Brasil, transformará êle, outorgante, seu desquite de acôrdo com a lei que regulamente o referido divórcio e cumprirá, nesse caso, o artigo 192, do Código Civil, já citado, ou outro que o venha substituir»; «QUARTA — Compromete-se êle, outorgante, com todo o decôro a manter-se com lealdade e fidelidade»; «QUINTA — É facultado à outorgante o direito prescrever o presente contrato quando julgar conveniente»; «SEXTA — Se o outorgante não cumprir as cláusulas contidas neste contrato, ficará obrigado a dar à outorgante uma pensão mensal que será a têrça parte do ordenado mensal dêle outorgante»; «SÉTIMA — Desde que a outorgante não se conduza com decôro e fidelidade, o outorgante se julgará no direito de prescrever êste contrato, perdendo a outorgante o direito a qualquer pensão ou reparação»; «OITAVA — A pensão a que se refere a cláusula SEXTA só prevalecerá quando o outorgante deixar de cumprir com as obrigações por êle assumidas, não contrariando a lei da moral»; NONA — Qualquer acôrdo posterior entre o outorgante e a outorgante, desde que o mesmo seja legalizado, será respeitado por ambas as partes, independentemente de qualquer cláusula do presente contrato»; «DÉCIMA — Serão respeitadas no presente contrato, como integrante dêle, as disposições do artigo 231 do Código Civil Brasileiro»; e «DÉCIMA PRIMEIRA — No caso de anulação do presente contrato, desde que seja por mútuo consentimento, as reparações e compensações serão estabelecidas de comum acôrdo.»

«E de como assim disseram e outorgaram ante as testemunhas, dou fé, me pediram e eu lhes lavrei esta escritura, a qual sendo lida às partes na presença das testemunhas e por acharem-na em tudo conforme, a aceitaram e assinam com as mesmas testemunhas, que são Armando Cardoso, militar e Adão Miranda, funcionário público.»

★

Uma coisa curiosa nessa variedade de contratos é que nem sempre é exigida a fidelidade conjugal. Na certidão fornecida ao sr. Otávio de Oliveira não vem expressa essa cláusula enquanto que não se observa o mesmo no caso do sr. Oswaldo Carioni.

E quanto custariam as despesas para obtenção dêsse contrato, poderia perguntar o leitor. É a mais reduzida possível. O tabelião Plácido Alves, de Saco dos Limões, diz que não chegam a quatrocentos cruzeiros.

FOI SONHO, GRACINHA

(Cont. da pág. 5)

lia para dela cuidar, nem teria cogitado da adoção. Naquele momento mesmo, aguardava um novo pronunciamento do juiz Parim, em vista da reação dos tios de Gracinha e, caso não tivesse qualquer comunicação a respeito, pretendia, da mesma forma que o seu marido, devolver a menina, para tanto dirigindo uma nova petição ao juiz, em que declarava desistir da tutela. Mostrou-nos o quarto que fôra preparado para a criança: o mesmo estava guarnecido por mobília côr de rosa e, na pequena cama, haviam diversas bonecas.

Por último, d. Lourdes informou que pretendia devolver Gracinha com as jóias e os presentes que lhe dera. Já recebera diversos telefonemas em que lhe ofertavam crianças para adotar, sendo que um dêles, de Petrópolis, lhe trazia uma proposta magnífica: a adoção de uma criança de nove meses de idade, podendo mesmo, se quisesse, registrá-la como sua própria filha.

Não deixamos de citar a amizade e compreensão que observamos entre Gracinha e sua responsável; a menina abraçava-a constantemente e parecia sentir-se muito bem naquele ambiente acolhedor.

★

Numa casinha modesta reside d. Zélia, em companhia do espôso e de uma filha de 9 anos. Apresentava-se muito triste e de olhos vermelhos. Durante os minutos em que durou a palestra, citou várias vêzes o nome de Gracinha com um brilho no olhar, denotando que esperava recuperar a sobrinha dentro de pouco tempo. Falou-nos do modo por que fôra maltratada e disse que pretendia lutar até o fim, mesmo sabendo que o juiz indeferira a petição para que fôssem designados os dias de visita a Gracinha. Se, de fato, a menina voltasse para o seu convívio, não mais a internaria na Casa Maternal e, ainda, retiraria Lúcia e Zilma, irmãs mais velhas de Maria das Graças, do Orfanato "A Pequena Cruzada", embora sabendo que isto lhe traria dificuldades financeiras.

★

No dia seguinte, 6 de outubro, o advogado Gasparini, na qualidade de procurador do casal Muniz, deu entrada de uma petição de desistência da tutela e, uma vez deferida a mesma pelo juiz, fêz entrega de Maria das Graças à sua tia, no Cartório da Vara de Menores. Todos que ali se encontravam podiam notar a felicidade que assomou as feições de d. Zélia e de d. Evangelina, avó de Gracinha, também presente.

Como medida final para o encerramento da questão, o advogado Jurandir Amarante deu entrada de um pedido de desistência da ação rescisória e tudo voltou à paz, no seio das duas famílias.

COMO APRENDER A DANÇAR

5ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Rua da Liberdade número 120 —— São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 — S. Paulo.
A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.



UM NOVO MOISÉS CAMINHA SÔBRE AS ONDAS

O' BRIEN

Abriu-se a porta. O'Brien dá as costas. E' um permanente irritado. Se essa «vigia» fôsse mais larga...

o judeu errant

HÁ DOIS ANOS NAVEGA SEM CESSAR ★ NINGUÉM ACEITA O AVENTUREIRO APATRIDA ★ QUAL SERÁ O FIM DO ETERNO VIAJANTE? ★ A IGREJA INTERVÉM ★ A HISTÓRIA IMPRECISA DE MICHAEL PATRICK O'BRIEN, O HOMEM PING-PONG.

PASSAGEIRO forçado do «Bretagne», passou pelo Rio pela segunda vez Istivar Ragan, ou melhor, Michael Patrick O'Brien, que percorre há três anos os sete mares, sem encontrar quem o queira. Quem é? De onde veio? E o que pretende êste húngaro que se diz irlandês? A imprensa mundial cuida de sua história, como se êle fôsse um novo Moisés a caminhar por sôbre o Mar Vermelho, só com a diferença de que Moisés o fêz voluntàriamente e O'Brien obrigado por tôdas as polícias do globo. Michael Patrick O'Brien, o novo «judeu errante», nasceu Istivar Ragan, na aldeiazinha de Sobenka, na Hungria, dizem que em 1906. Cedo ainda, seguiu em companhia de um tio para a Irlanda, país em que residiu até os 10 anos. Morto seu tio e único parente, O'Brien conseguiu despertar a piedade de um comerciante de linhos, que o quiz adotar e que o levou aos Estados Unidos, para a cidade de Nova Orleans. Por pouco tempo o menino O'Brien suportou o lar. Antes que o seu protetor pudesse concluir as medidas legais para definitivamente adotá-lo, fugiu de casa e foi para Nova York. Na grande metrópole enveredou para o bairro latino e passou a viver, como muitos outros meninos do local, de pequenos biscates e da venda de jornais. Um dia, numa feira, roubou algumas frutas e foi prêso. Mandado para o reformatório de New York City, lá pouco tempo permaneceu e, agora já com 15 anos, fugiu para Dallas, no Texas, cidade em que residiu pelo espaço de 6 anos, isto é, até os 21. Dizem os jornais americanos que, durante sua permanência no Texas, O'Brien estudou mecânica, tendo mesmo obtido um diploma de engenheiro em motores Diesel, mas a notícia não tem ainda confirmação. De Dallas, O'Brien, que já começara sua vida de nômade, transferiu-se para Tampico, no México, onde entrou numa fase de grande prosperidade. Tão próspero ficou, que a polícia mexicana passou a cuidar de seus passos, e logo concluiu que êle fazia contrabando humano na fronteira, à razão de 100 dólares por cabeça. O'Brien transportava trabalhadores mexicanos, clandestinamente, através da fronteira com os Estados Unidos, tendo como sócio um tal Gutierrez. Dado o aviso ao FBI, O'Brien caiu nas malhas da polícia. Processado, foi condenado, tendo cumprido só metade da pena, em virtude de ter conseguido livramento condicional. Tão logo foi sôlto, dirigiu-se para San Francisco, na Califórnia, cidade em que, juntamente com o ítalo-americano Pietro Torracchini, ingressou no comércio de tecidos... contrabandeados. Novamente prêso, foi



A objetiva mal consegue apanhar o degredado do mar, no fundo do camarote, escondido atrás do jornal.

«convidado» a deixar as terras de Tio Sam, o que fêz sob escolta até o limite das águas territoriais americanas. Escolheu para seu destino o pôrto de Sanghai, então ocupado pelas tropas japonêsas. Naquela cidade chinesa existe um bairro — o «bas founds» — conhecido como «Blood Alley», que é um verdadeiro antro de perdição. No «Blood Alley» o crime tem seu império. O comércio de escravas brancas, o ópio e a fina flor da rapinagem internacional ali tem a sua capital. Não se sabe como, Istivar Ragan obteve um passaporte japonês com o nome que adotara nos Estados Unidos: Michael Patrick O'Brien. Contam ter êle desfrutado das boas graças dos filhos do sol nascente pelo seu anti-comunismo acentuado. Mas a grande verdade, segundo as autoridades de Hong Kong, é que O'Brien não era também fascista

pois, quando viu ser inevitável a guerra entre os Estados Unidos e o Japão, buscou Hong Kong, onde tremulava o pavilhão da «Union Jack» britânica. Para não fugir a regra, uma vez sob a proteção inglêsa, O'Brien dedicou suas atividades ao negócio que conhecia sobejamente: contrabando. Negociou clandestinamente com pérolas, óprio e mulheres, até ser novamente engaiolado. Defendido pelos melhores advogados de Hong Kong, contra êle nada se concluiu de importante e, qualificado apenas como suspeito, foi julgado e absolvido. Estimulado com o feliz encerramento do caso, instalou uma filial em Macau, colônia portuguêsa do oriente. Pelo espaço de seis anos «comerciou» com tudo que tivesse valor, tendo mesmo adquirido uma frota de enormes «Juncos», destinada ao transporte de sua carga. Fala o noticiário internacional que O'Brien ganhou rios de dinheiro com o negócio, porém, não há confirmação. Bem cedo a polícia portuguêsa suspeitou do homem; todavia, por falta de provas e em face de seu passaporte japonês, no qual O'Brien figurava como natural da Irlanda, país cuja amizade é tradicional com Portugal, o caso foi ficando esquecido, até que, por solicitação da polícia inglêsa de Hong Kong, foi iniciada uma ampla investigação, que resultou na total proibição de que seus navios tocassem em qualquer pôrto português do oriente. Reduzido o seu campo de ação, O'Brien enveredou pelos caminhos das Filipinas, já agora no comércio de aguardente e arroz, ambos legais. Teve vida curta, entretanto, a honestidade do apátrida, porque, ao invés de arroz e aguardente, seus barcos passaram a transportar, em fundos falsos, também ópio e tecidos finos. Descoberto pela polícia de Manila, foi o seu nome colocado na lista «Roja» do govêrno e, como aconteceu em Macau, ficaram seus «Juncos» proibidos de tocar em portos filipinos. A essa altura dos acontecimentos solicitou a polícia de Hong Kong informações à Irlanda sôbre Michael Patrick O'Brien... Como não podia deixar de suceder, a resposta foi que nas terras da Irlanda não havia nascido tal cidadão. Ato contínuo, agem os policiais e O'Brien é prêso e uma nota é feita ao govêrno da Hungria, no sentido de que providenciasse para receber seu «ilustre» filho. Espanto geral. Na terra natal de O'Brien, Istivar não entraria. Sabedor da ficha do homem, o govêrno nada queria com êle, desejando que ficasse mesmo na China ou na Conchinchina, porém na Hungria é que não. O governador de Hong Kong não sabe o que fazer com o apátrida. Foi então que surgiu uma idéia, na ocasião julgada a melhor. O'Brien seria mandado a Macau. Os portuguêses eram sempre tolerantes... E assim o «judeu errante» foi embarcado na barcaça «Lee Hong», que faz linha entre Macau e Hong Kong. Foi aí que O'Brien ganhou o título de «homem Ping-Pong». Claro que os portuguêses não o deixaram desembarcar em Macau e, por sua vez, tampouco os inglêses deixaram que êle pizasse novamente Hong Kong; e o homem ficou como bola de ping-pong, navegando durante 296 viagens completas entre as duas cidades. Levou O'Brien nesse vai e vem mais de ano e meio quando, por intercessão do Conselho Mundial das Igrejas, organização que tem por sede os Estados Unidos, resolveu intervir. Foi pedida também a intervenção das Nações Unidas e, depois disso, o cônsul brasileiro em Hong Kong, Vitorino de Carvalho, assinou o visto no passaporte da apátrida. De Hong Kong foi O'Brien para a Itá-



O camarote fechado: um enorme grupo de fotógrafos e repórteres procura desvendar o mistério.

lia, via Mar Vermelho e Suez, onde em Gênova embarcou no «Bretagne», há cêrca de um ano, para dêle não mais sair. Conta a imprensa estrangeira, que a permanência de O'Brien a bordo do «Lee Hong» constituiu um sério problema para o navio. Tão sério mesmo que nada menos de dois capitães se demitiram de seus postos tães se dimitiram de seus postos, em virtude das estripolias do «ju-foi obrigado a com êle se empenhar em luta corporal, tendo da contenda saído ferido num braço. Foi com visíveis demonstrações de alívio que a companhia proprietária do barco assistiu a saída de O'Brien. Dizem que até «champagne» foi dada ao viajante-contínuo, para comemorar seu afastamento do «Lee Hong» e que depois disto todo o navio foi desinfetado...

★

A Catholic Welfare Churchill, entidade que se interessa pela sorte de O'Brien, acredita na sua recuperação, como crê ser possível levar ao bom caminho todos os homens transviados que perambulam por êste mundo afora... E tem dirigido sucessivos ofícios e cartas as Nações Unidas, para que tenha fim a eterna perigrinação do «irlandês sem pátria». A primeira vez que o «Bretagne» veio ao Brasil trazendo o indesejável passageiro, as autoridades do Departamento Nacional de Imigração, tendo à frente o sr. Bianor Penalber, proibiram terminantemente que êle descesse à terra. Alega o Departamento Nacional de Imigração que, apesar do visto do cônsul Vitorino de Carvalho, O'Brien contraria a lei, que é taxativa no que diz respeito a imigrantes processados no exterior. «Nenhum cidadão que já tenha sido processado em qualquer parte do mundo pode entrar no país» — disse-nos o sr. Bianor Penalber, «e muito menos êste, que é conhecido no mundo inteiro por sua vida irregular.»

Assim, prossegue a vida «flutuante» de Michael Patrick O'Brien. Agora, a 7 de outubro, o «Bretagne» tocou novamente o pôrto do Rio de Janeiro, trazendo, como da outra vez, em seu bordo, o «judeu errante». Como terminará esta história? Ninguém o pode prever. O certo é que na Itália não o deixam desembarcar, no resto do mundo, idem. O grande problema, no momento, pertence a companhia proprietária do vapor que, não podendo desembarcá-lo em nenhum pôrto ou lugar, tem que fornecer cama e mesa ao homem que alguns consideram como o maior pilez, que se diz periodista e redase o comandante do barco permicronista cinematográfico da revista cessado e se deixá-lo num escaler em meio ao oceano, poderá ser acusado de homicídio. — «My Ship my hause.»

★

Tentamos entrevistar O'Brien. Pelo espaço de três horas permanecemos a bordo do «Bretagne». Antes mesmo que o navio atracasse estávamos já diante da cela de O'Brien que, apesar de livre enquanto o barco corta os mares, sempre é trancafiado quando o mesmo toca em algum pôrto.

Nada conseguimos. O' Brien, de costas para a janelinha da porta aferrolhada da «prison», não voltou o rosto uma só vez. Entretanto, viajava numa cela contígua o cidadão chileno Humberto Gonzalez, que se diz periodista e redator de «La Nacion», de Santiago, e cronista cinematográfico da revista «Zig-Zag». A êle devemos grande parte das informações aqui publicadas, e também a um oficial de bordo, cujo nome não publicamos a seu pedido. Quanto ao jornalista Humberto Gonzalez, consta que participou de um congresso comunista em Bucarest, mas que se achava prêso em virtude das arruaças que comete quando embrigado. Aliás, encimando sua cela, podia-se ler a palavra «Aliené» — alienado. — Porém, palestramos com o homem através do orifício existente na porta. Nada notamos que pudesse justificar sua anormalidade.

Até quando O'Brien cortará os mares? — Castro Alves, o cantor do judeu errante — Asvero — dizia existir um Deus dos desgraçados. Saberá Michal Patrick O'Brien da existência dêsse DEUS?



Michael Patrick O'Brien, ou Istivar Ragan, visto de frente. Esta é uma das raras fotografias do «judeu errante».



O chileno na «vigia» de seu camarote especial... para «alienados". Dizem que quando o «muchacho» bebe fica louco.

Perpétuo conta

COMO CAPTUROU MAURO GUERRA

Um mês no encalço dos meliantes ★ De barraco em barraco, de tendinha em tendinha ★ Cinco noites dormindo no chão, num casébre imundo ★ A captura.

Reportagem de JOÃO ALVARENGA
Fotos de FERREIRA LIMA

Um aspecto da favela da Mangueira: lataria, recantos sombrios, caminhos tortuosos. Gente inocente, criminosos de todos os crimes. Miséria sôbre miséria.

PERPÉTUO Freitas da Silva é um homem alto, moreno e suas feições têm alguns traços que lembram as de um silvícola. Daí a alcunha por que é conhecido: o «Índio». Calmo, de olhar firme, mostra grande confiança em si mesmo, logo às primeiras palavras que trocamos. Fazemos algumas perguntas ligeiras e êle vai respondendo. Conta vinte anos de polícia, tendo sido sargento do Exército, guarda civil, escrivão e, finalmente, passou a detective, função que ainda hoje exerce. É um dos policiais mais famosos da atualidade, não só pela sensacional caçada que empreendeu aos malandros do morro da Mangueira, como por outras façanhas semelhantes. Basta recordar a prisão do «Sombra», há cêrca de seis anos. Êste era um dos mais perigosos meliantes da época; e Perpétuo conseguiu aproximar-se dêle, chegando a jogar baralho com o «fora da lei»; em meio ao jôgo, deu-lhe voz de prisão.

Muitos malandros e desordeiros já estiveram em suas mãos, entre os quais Ari, Tião, Bidá, o próprio Mauro Guerra e outros mais. A fama de Perpétuo se estende por todos os morros da cidade e êle é respeitado pelos malandros e pelos habitantes das favelas que, constantemente, vêm queixar-se a êle das tropelias dêste ou daquele valentão. Durante as horas em que estivemos no morro da Mangueira, presenciamos uma dessas queixas, feita por uma preta velha: sua filha, a «Chininha», fôra ameaçada de morte e a velha vinha recorrer a Perpétuo, para que desse uma lição no autor da ameaça.

Enquanto estivemos em sua companhia, nossos passos foram interceptados, diversas vêzes, por pessoas que vinham agradecer o favor que o detective lhes prestara, livrando aquelas cercanias da presença de tão perigoso malfeitor.

Enquanto seguíamos para o morro da Mangueira, Perpétuo foi relatando os detalhes da sua aventura.

Por determinação do delegado Hermes Machado, Perpétuo, em companhia dos investigadores Melo e Waterloo, pôs-se em campo, a fim de tentar capturar Mauro Guerra e seus companheiros de crimes. As diligências tiveram início há cêrca de um mês e, durante êsse período, os policiais travaram quatro tiroteios com os jovens meliantes. O primeiro, teve lugar na estação de S. Francisco Xavier, o segundo, no morro de Sto. Antônio, o terceiro, nos eucaliptos (um matagal do morro da Mangueira) e o quarto, finalmente, num dos postos de observação dos facínoras. Nesta última troca de tiros, dois dos meliantes conseguiram escapulir para um morro vizinho e a Polícia Especial teve de ser requisitada para a sua captura.

Após investigações diárias e diversas incursões pelo morro, na calada da noite, Perpétuo resolveu estabelecer-se num barraco próximo ao local denominado Buraco Quente, onde há uma ladeira, utilizada por tôdas as pessoas que ali habitam para descer o morro. O casebre, constituído por um único cômodo, com porta e janela, encontrava-se abandonado e nêle o detective permaneceu durante cinco noites. Dali podia descortinar o caminho que leva ao cimo do morro, vendo, assim, as pessoas que por êle subiam. A comida lhe era trazida por uma pessoa amiga, que também lhe fazia sinais, de um barracão próximo. Durante todo o tempo em que permaneceu no barraco, Perpétuo dormiu no chão, encostado à parede e, para se sentar, contava apenas com um rústico banquinho de madeira.

Finalmente, após as cinco noites de vigília, às três horas da madrugada do dia 28 de setembro, recebeu informação de que Mauro Guerra encontrava-se no Morro, em companhia de Manuel Augusto de Oliveira, vulgo «Gazinho», e de Joãozinho e Levy, vulgo



Perpétuo posa para o fotógrafo dentro do barraco onde permaneceu durante cinco dias, dormindo neste chão duro, à espera que o grande momento chegasse.

«Feição». Disseram-lhe ainda que os malandros deviam descer dali há pouco.

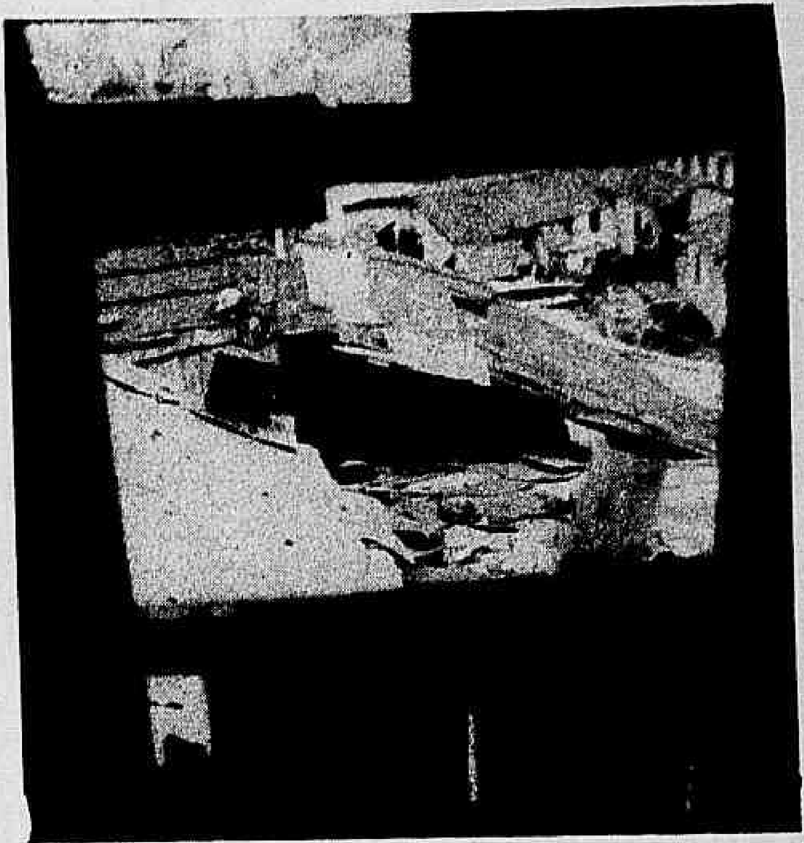
Desta forma, o detective postou-se atrás do portão de uma passagem que conduzia ao seu barraco, ficando à espreita. Sòmente às 7 horas, ouviu as vozes dos meliantes e, ràpidamente, entrou numa tendinha em frente ao portão, diante da qual os rapazes teriam forçosamente que passar. Agachado próximo à porta, sòzinho, esperou, de arma em punho, que passasse um dos indivíduos e, quando Mauro Guerra apareceu, Perpétuo saltou sôbre êle. Com um «forte abraço», imobilizou o facínora, que trazia uma pistola a tiracolo e lhe deu voz de prisão. «Gazinho», que acompanhava Mauro Guerra no momento, fêz meia-volta, tomado de surprêsa e tentou escapulir, pulando para dentro da tendinha. Sem titubear, o detective atirou, alvejando o meliante na coxa esquerda. Uma vez dominada a situação, pediu às pessoas que se aproximaram, que lhe arranjassem uma corda e amarrou os dois prisioneiros, um contra o outro, pelo pescoço, após o que lhes amarrou também as mãos e fê-los descer o morro, terminando assim, provisòriamente, com a carreira de crimes dos dois rapazes. Dizemos provisòriamente, porque, dias depois, «Gazinho» fugia do Hospital da Polícia, voltando ao seu «habitat». Quanto a Mauro Guerra, mesmo que seja condenado por alguns dos inúmeros crimes que cometeu (homicídios, assaltos a mão armada, latrocínios e roubos), deverá conseguir, como vários outros malandros que mantiveram os morros em polvorosa, escapar do local em que estiver prêso, voltando a praticar as mesmas tropelias.

Uma particularidade interessante da nossa «visita» ao morro da Mangueira foi a informação que tivemos de que, meia hora antes de ali chegarmos, «Gazinho» estêve pelas imediações, em companhia de «Feição» (que fôra prêso há poucos dias e também fugira) e de Joãozinho, outro membro da perigosa quadrilha.

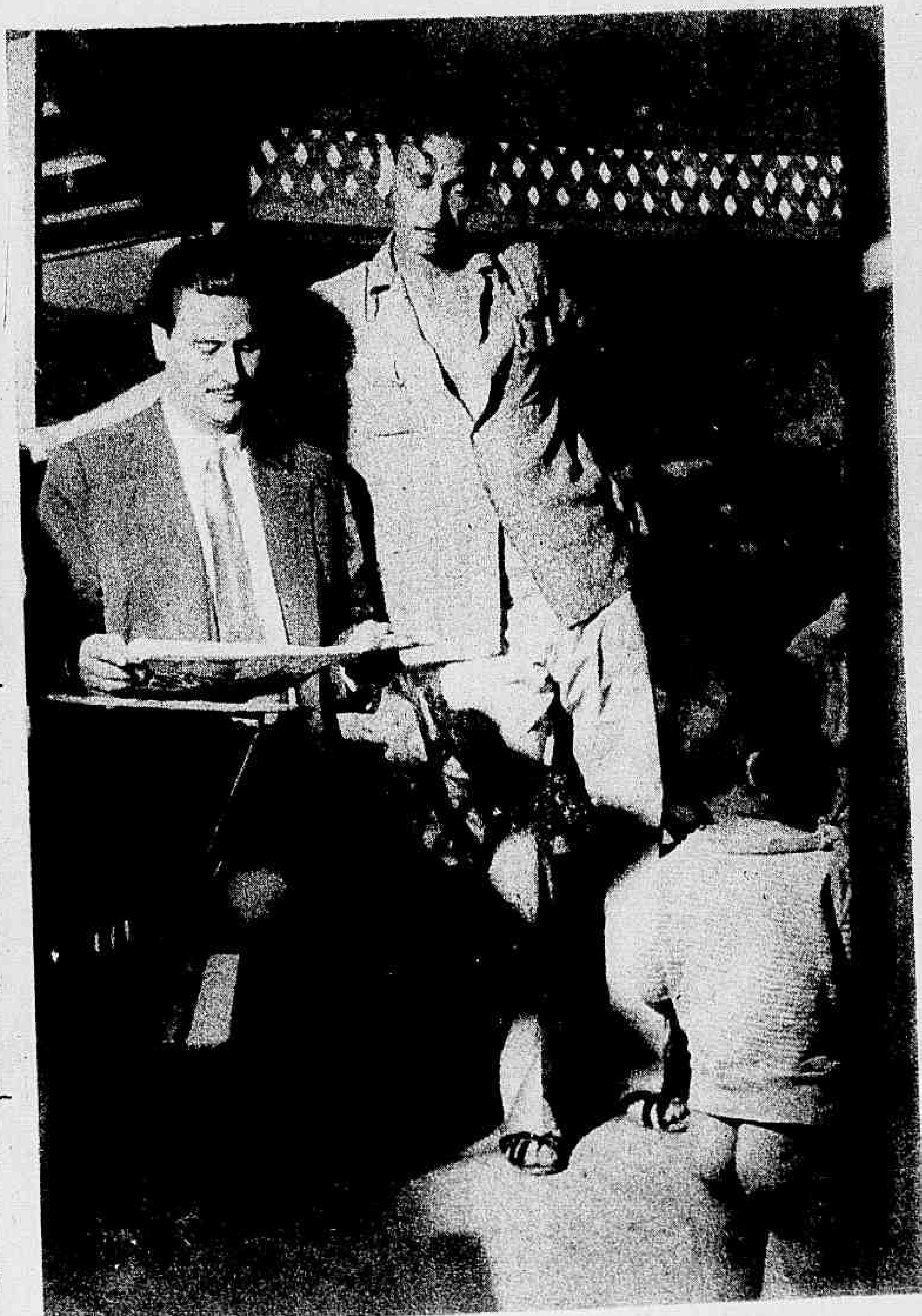
Já de retôrno à Delegacia de Costumes e Diversões, onde o detective Perpétuo está lotado, êle nos disse, ao despedir-se:

— Não tenha dúvida, meu amigo. Nós prendemos êsses malandros e, dias depois, numa verdadeira afronta ao nosso arriscado trabalho, êles já estão soltos, sem que tenha havido tempo de decretar a sua prisão preventiva. Tenho informações de que a quadrilha está se organizando novamente e em breve, com tôda certeza, serei designado para prender os malandros, no meio dos quais talvez já se encontre novamente o Mauro Guerra. Êles estão sempre bem armados e, com observadores colocados em pontos estratégicos nos diversos morros, são avisados com bastante antecedência da aproximação dos policiais. Para agarrá-los, só mesmo com muita paciência e utilizando sistemas como aquêle de que me vali.

A tal «Chininha», por exemplo, cuja mãe veio queixar-se a mim, é uma das observadoras dos malandros e, assim como ela, muitas outras pessoas são obrigadas a auxiliá-los, dando-lhes comida e deixando que êles se escondam em suas casas.



Enclausurado no barraco, Perpétuo recebia através desta abertura as notícias que lhe eram dadas para o seu contato com os criminosos que buscava.



Perpétuo, já agora a descoberto, num flagrante tomado na «Boite», local em que se reúnem os habitantes da Mangueira, para a conversa diária.



Cabisbaixos e amedrontados, foi como Mauro Guerra e «Gazinho» deram entrada na delegacia. Naquele momento, eram apenas dois molecotes.

Quem pode negar na expressão do olhar inocente desta criança, que ela preferia ficar mesmo com os seus tutores milionários.

O juiz disse:

FOI SONHO GRACINHA

UMA DECISÃO ARBITRÁRIA ★ AMEAÇAS E PRISÕES ★ NO NOVO LAR ★ A DESISTÊNCIA DOS TUTORES ★ DEVOLVIDA À FAMÍLIA ★ TUDO EM PAZ, NOVAMENTE ★ SE GRACINHA PUDESSE FALAR...

Texto de SAMUEL AVERBACH

Fotos de ALEXANDRE MIRANDA



D. Zélia, tia da menina, e que também muito sofreu com o caso dessa adoção concedida pelo juiz, e anulada pelo coração.

O caso começou há cêrca de dois meses. O sr. João de Alencar Muniz e sua espôsa queriam adotar uma criança. Dirigiram-se à Casa Maternal São João Batista da Lagoa e, lá, sentiram-se atraídos por Maria das Graças Crespo, uma linda menina de um ano e oito meses de idade, que se encontrava internada há cêrca de um ano. O industrial dirigiu-se ao Cartório do 1º Ofício da Vara Privativa de Menores, onde fêz uma petição em que rogava ao juiz Atílio Parim, lhe concedesse a tutela da menor, de acôrdo com os preceitos legais em vigor ou, seja, desde que a criança estivesse em estado de abandono, e que os suplicantes satisfizessem as exigências de idoneidade e estabilidade financeira para a adoção da menina.

Acontece porém que Maria das Graças, órfã de pai e mãe, fôra criada pela avó, Evangelina Maria da Silva, que era também a sua tutora nata, segundo prescreve o Código Civil Brasileiro. Jocelino Neves Ferreira e Zélia da Silva Ferreira eram os tios responsáveis, com quem Maria das Graças morava, pouco antes de ser internada na Casa Maternal. O juiz, após examinar o caso, decretou que a menor se encontrava em estado de abandono e, por conseguinte, concedeu a tutela ao casal Muniz.

Sabedora do fato, d. Zélia apressou-se a retirar Maria das Graças daquele estabelecimento, no intuito de evitar que os tutores nomeados tomassem posse da criança. Seguiu-se então uma série de vexames para a família da menina. Dona Zélia foi intimada a entregar a menor, ameaçada de prisão e, segundo declarou à reportagem, ameaçada também de espancamento. Como recusasse obedecer à ordem do juiz, foi prêsa por duas vêzes, uma delas em companhia de d. Evangelina, ficando incomunicável. Diminuída sua capacidade de resistência mediante êsse processo de coação, acabou por trazer Maria das Graças à presença do juiz, fazendo a entrega aos tutores nomeados, sob veemente protesto, tendo mesmo havido um princípio de altercação no recinto da audiência, uma vez que d. Ermelita, uma das tias de Gracinha, desandou em impropérios contra d. Lourdes Muniz, sendo necessário retirá-la dali, a fim de evitar-se maiores conseqüências. O ligeiro tumulto culminou com a agressão sofrida por um fotógrafo do «Diário Carioca», cuja máquina foi quebrada por um dos guardas que funcionavam na ocasião.

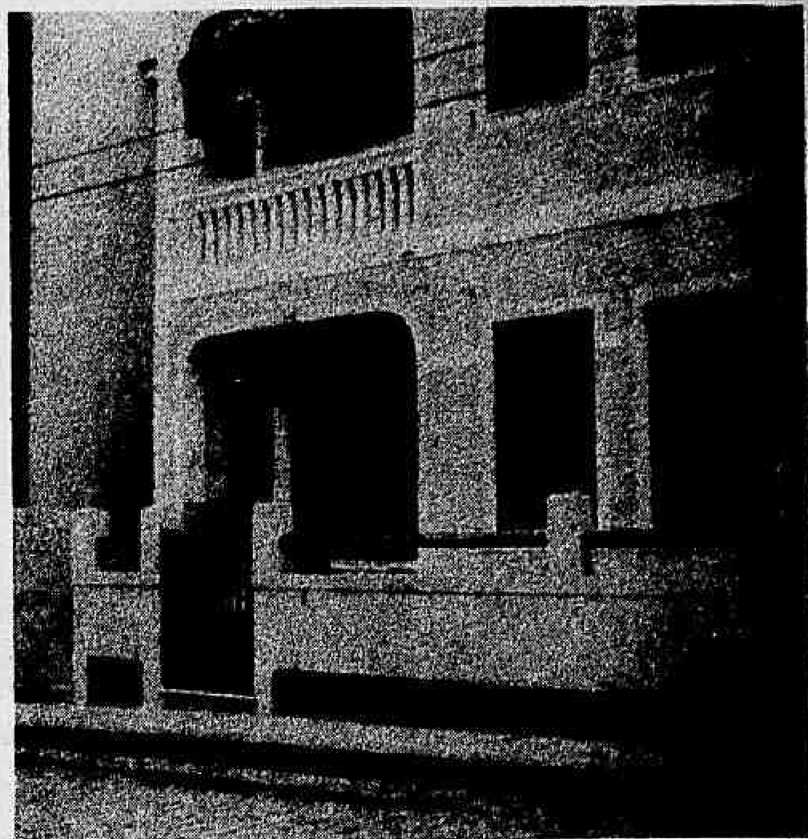
Uma vez feita a entrega da criança, seus parentes contrataram imediatamente o advogado Jurandir Amarante, no sentido de tentar reaver, por todos os meios legais possíveis, a pequena órfã.

Êste advogado deu então entrada em uma petição de concessão de visitas para os tios e a avô de Gracinha. Logo em seguida, iniciou uma ação rescisória contra o ato do juiz Atílio Parim, por haver conferido a tutela da menina a estranhos, quando esta possuía parentes consanguíneos e se achava instalada na Casa Maternal sob os cuidados de irmãs de caridade.

Por seu turno, o sr. João Alencar Muniz contratou o advogado Manuel Sidney Gasparini para a defesa dos seus interêsses, na questão judicial que se iniciava.

★

A Irmã Serafina, responsável pela Casa Maternal, sentia-se revoltada contra a atitude do Juiz de Menores, afirmando que tôdas as crianças ali internadas são tratadas com carinho. Negou peremptòriamente que Maria das Graças estivesse em estado de abandono, uma vez que o estabelecimento conta com 8 irmãs de caridade e 17 criadas. Informou também que d. Zélia, assim como outros parentes da menina, vinham visitá-la regularmente, levando-lhe



Fachada da elegante residência dos tutores da órfã, onde Maria da Graça iria viver, educar-se e crescer, até encontrar o seu príncipe.

presentes. Por outro lado, a responsável pelo estabelecimento forneceu espontâneamente um atestado à tia de Gracinha, com os seguintes dizeres:

«Atesto que d. Zélia da Silva Ferreira, tia e responsável pela menor Maria das Graças Crespo, internada neste estabelecimento, visitou-a mensalmente conforme o regulamento da casa. (a) Irmã Serafina, Superiora.»

Após os dois primeiros dias de agitação que se seguiram à entrega de Gracinha aos tutores nomeados, a questão passou a ser discutida de bôca em bôca, pela cidade. Uns tomavam o partido dos parentes da menina e outros, o do casal Muniz.

★

A espôsa do industrial mostrava-se tristonha, apesar de já ter em sua companhia a linda menina. Logo de início afirmou que, ao solicitar a adoção da criança, pretendera praticar um ato de caridade; infelizmente, porém, seu nome passara a figurar nos jornais, e muitas pessoas viam na sua ação um ato perverso e maldoso. Aos poucos ela foi externando o que lhe ia no íntimo. Se soubesse que Gracinha tinha famí-

(Cont. na pág. 50)



No seu novo e confortável lar, a pequenina Maria das Graças se ia habituando aos carinhos de D. Lourdes, que lhe dedicava afetos.

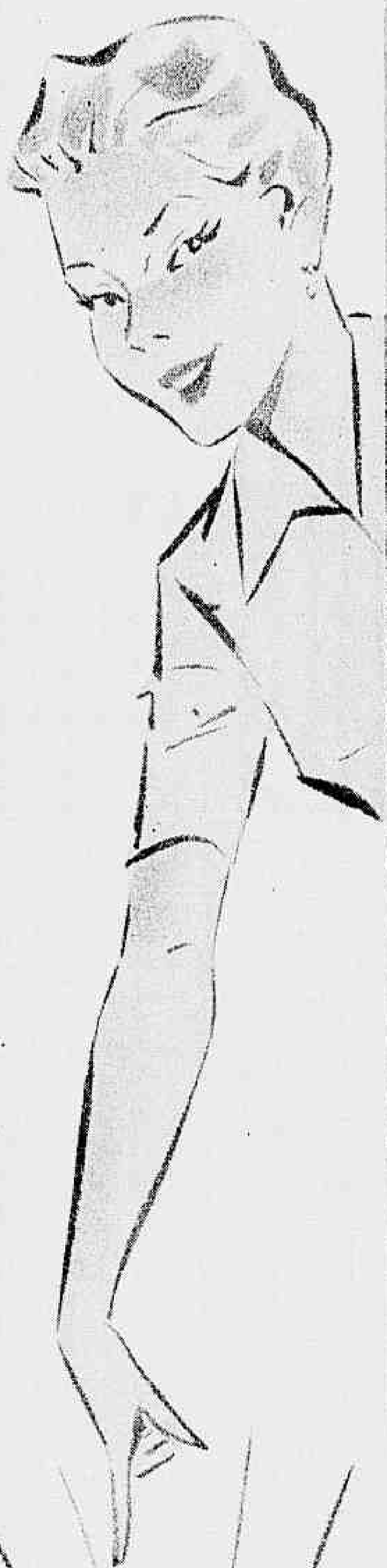


Viveu durante dias como num sonho lindo, a garotinha tutelada pelo casal Muniz, que também viveu dias de venturas e dissabores.

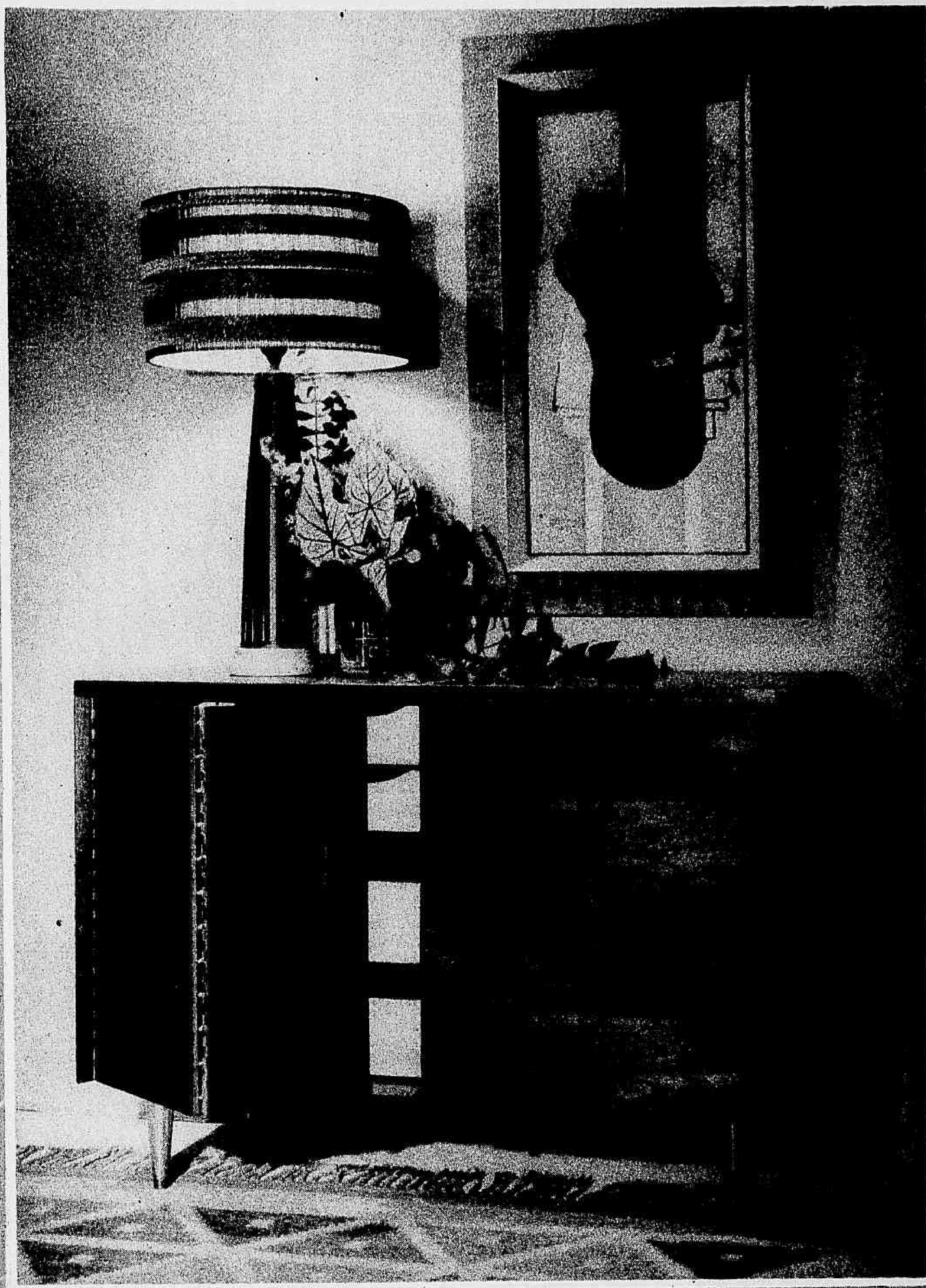
ÚLTIMO FLASH



TÔDA a Capital se emocionou com o drama de Maria das Graças, uma òrfãzinha de um ano e oito meses, internada na Casa Maternal «S. João Batista da Lagoa», com outras duas irmãs. Um dia apareceu ali um casal de fino trato, procurando adotar uma criança, pois não tem filhos. Encantados com Maria das Graças Crespo, o sr. Alencar Muniz e sua espôsa, D. Lourdes, obtiveram despacho favorável do juiz Atílio Parim, concedendo-lhes a tutoria para a garotinha. Mas a avó da mesma, D. Evangelina Maria da Silva, D. Zélia e seu espôso, protestaram, constituíram advogado e começou a luta, até que, por fim, os tutores desistiram e a menina voltou aos parentes, entrando em casa nos braços da avó.





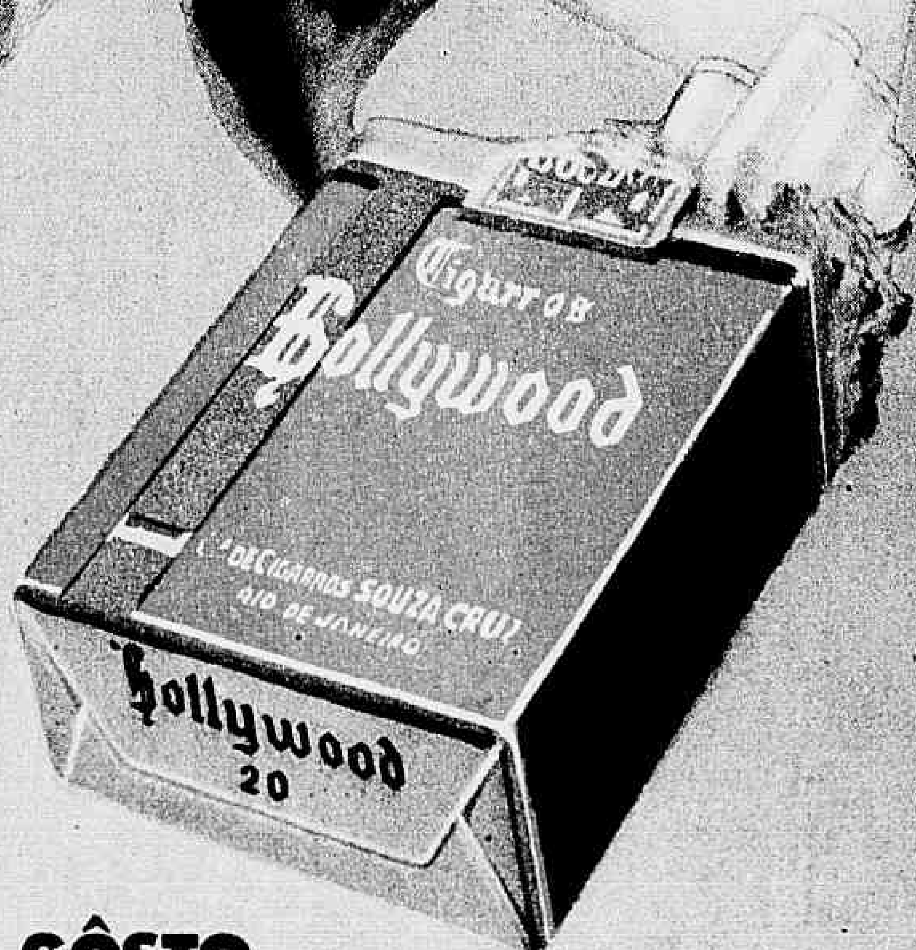


Óleo de peroba, dá longa vida aos móveis novos e vida nova aos móveis velhos

Nada supera o prazer de fumar Hollywood

CIGARROS

hollywood



UMA TRADIÇÃO DE BOM GÔSTO

H-98.209

UM PRODUTO SOUZA CRUZ